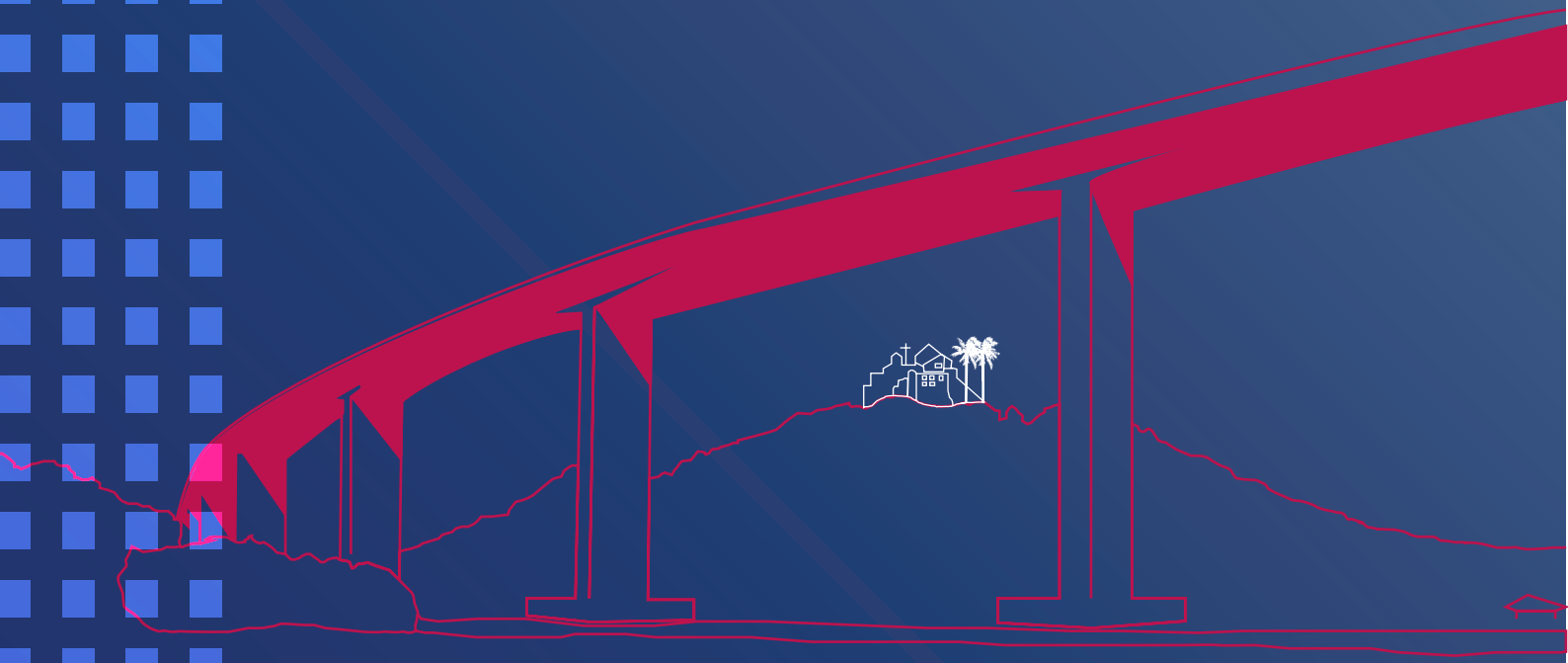
ESPÍRITO SANTO 2030

Nota técnica: Inserção Competitiva e as Cadeias Produtivas do Espírito Santo

Volume 13



Consultoria:

DVF CONSULTORIA

Realização:

FÓRUM DE ENTIDADES E FEDERAÇÕES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO CRESCER É COM A GENTE

BR PETROBRAS

Nota técnica: Inserção Competitiva e as Cadeias Produtivas do Espírito Santo

Volume 13

FICHA CATALOGRÁFICA

Nota técnica: Inserção Competitiva e as Cadeias Produtivas do Espírito Santo
DVF Consultoria, 2013.

1. Desenvolvimento Econômico – Espírito Santo (Estado).
2. Desenvolvimento Social – Espírito Santo (Estado).
3. Capital Humano. 4. Capital Social. 5. Inserção Competitiva. 6. Cadeias Produtivas.
I. DVF Consultoria. II. Título.

VOLUME 1 Síntese do Plano

VOLUME 2 Atualização e Revisão dos Plano de Desenvolvimento do ES 2025

VOLUME 3 Pesquisa Qualitativa Espírito Santo

VOLUME 4 Condicionantes Exógenas e Endógenas

VOLUME 5 Inventário dos Indicadores dos Eixos Estratégicos

VOLUME 6 Análises Comparativas

VOLUME 7 Avaliação Estratégica

VOLUME 8 Cenários Prospectivos para o Estado do Espírito Santo 2030

VOLUME 9 Visão de Futuro

VOLUME 10 Coletânea de Propostas

VOLUME 11 Governança, Comunicação e Monitoramento do Plano ES 2030

VOLUME 12 Nota Técnica: Cadeia de Petróleo e seus Desafios

***VOLUME 13* Nota Técnica: Inserção Competitiva e as Cadeias Produtivas do Espírito Santo**

VOLUME 14 Nota Técnica: Grandes Questões Regionais

VOLUME 15 Nota Técnica: Dinâmica Demográfica e Mobilidade Social no Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Renato Casagrande
Governador do Estado

Robson Leite
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Guilherme Pereira
Presidente do Bandes

José Edil Benedito
Diretor-Presidente do Instituto Jones dos Santos Neves

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

Alexandre Nunes Theodoro
Coordenador do Projeto ES2030 – Espírito Santo em Ação

PETROBRAS

José Luiz Marcusso
Gerente-Geral da Unidade de Negócios da Petrobras no Espírito Santo

Guido Bassoli
Gerente de Planejamento da Petrobras no Espírito Santo

CONSULTORIA

Durval Vieira de Freitas
Sócio-Diretor da DVF Consultoria

Orlando Caliman
Sócio-Diretor da Futura

Sumário

1. INTRODUÇÃO **11**

2. O ESPÍRITO SANTO EM DADOS **15**

3. ATIVIDADES ECONÔMICAS CAPIXABAS **21**
3.1 Destaques produtivos do Espírito Santo 23
3.2 Definição das diferentes abordagens das atividades econômicas 25
3.3 Breve descrição das atividades econômicas do Espírito Santo 27
3.4 Principais atividades da economia capixaba 30

4. PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE **53**
4.1 Produtividade e Competitividade 55
4.2 Índice de Competitividade Estadual – Fatores (ICE-F) 61
4.3 Shift-Share – Coeficiente de Especialização de Produtos 66

5. ESPÍRITO SANTO: TRANSAÇÕES COMERCIAIS INTERNACIONAIS E NACIONAIS **71**
5.1 Transações comerciais internacionais 73
5.2 Transações comerciais nacionais 78

6. VISÃO DE FUTURO: CONDICIONANTES DE ANÁLISE **85**
6.1 Condicionantes Exógenas Internacionais 87
6.2 Condicionantes Exógenas Nacionais 88
6.3 Condicionantes Endógenas 99

7. INVESTIMENTOS ANUNCIADOS **107**
7.1 Contextualização 109
7.2 Investimentos privados 110
7.3 Mão de Obra 113

8. AVALIAÇÃO E CENÁRIO FUTURO **115**
8.1 Contextualização 117
8.2 Análise estratégica 120
8.3 Análise da Indústria capixaba 123
8.4 Cenário futuro 124

Sumário

9. DIRETRIZES ESTRATÉGICAS **127**
9.1 Estratégia 129
9.2 Diretrizes estratégicas 131

10. CONCLUSÃO **133**

11. REFERÊNCIAS **139**

1 INTRODUÇÃO

O Espírito Santo passa por um novo cenário proporcionando grandes desafios e oportunidades. É preciso se adequar economicamente a esse momento, transformando o estado em um local cada vez mais competitivo.

A história do Espírito Santo até 1990 é formada por dois grandes ciclos de desenvolvimento: **o ciclo do café e o ciclo da industrialização**. Ambos trouxeram benefícios para o estado, porém apresentam um marcante traço excludente.

A economia capixaba apresentou, a partir da década de 1990, uma estrutura produtiva altamente diversificada e em sua maioria industrial, passando a trilhar o atual ciclo, caracterizado pela diversificação das atividades econômicas, porém com predomínio dos segmentos responsáveis pela produção de *commodities*.

Eventos recentes no cenário externo, mais precisamente nos normativos tributários passaram a ameaçar a nossa economia. As ameaças contundentes são a redução da movimentação de importações pelos portos do Espírito Santo, por conta das mudanças no Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias. (FUNDAP), e a possível redução da arrecadação de *royalties* de petróleo.

As mudanças introduzidas no sistema FUNDAP com a aprovação recente pelo Senado Federal da unificação em 4% da alíquota de ICMS sobre produtos importados em todo território nacional, a ser cobrada nos estados por onde entram os produtos (Resolução 72), os estados por onde entram as mercadorias importadas terão as alíquotas reduzidas de 12% para 4%, com o diferencial de alíquota cobrado no estado de destino.

As consequências para o nosso estado é a perda de atividade econômica e a queda de sua receita e dos municípios.

Para uma reflexão mais profunda e demorada dos possíveis impactos no longo prazo a partir da operacionalização da Resolução 72, do Senado, foi pactuado, com representantes da sociedade, a elaboração de um plano de desenvolvimento do estado, o ES 2030, que cuidará da construção de uma carteira de projetos, objetivando manter ou ampliar a nossa competitividade.

Para a agenda de curto e médio prazo, com foco no período 2012-2014, foi lançado o Programa Estadual de Desenvolvimento Sustentável – PROEDES, um conjunto de iniciativas voltadas para minimizar consequências negativas e preparar o governo e o estado para conviver com a nova realidade.

Um dos eixos do PROEDES é o que trata de garantir recursos para o financiamento do investimento produtivo, da educação, inovação, tecnologia e logística.

Vale mencionar o destaque especial que foi dado ao fortalecimento da carteira de projetos em educação, inovação, formação profissional e tecnologia com algumas encomendas bem claras:

- Implementação da rede estadual de formação de escolas técnicas, da lei da inovação e do polo estadual de inovação;

- Ampliação do fundo de ciência e tecnologia; e

- Articulação com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação objetivando ampliar vagas de pós-graduação em pesquisa científica e tecnológica.

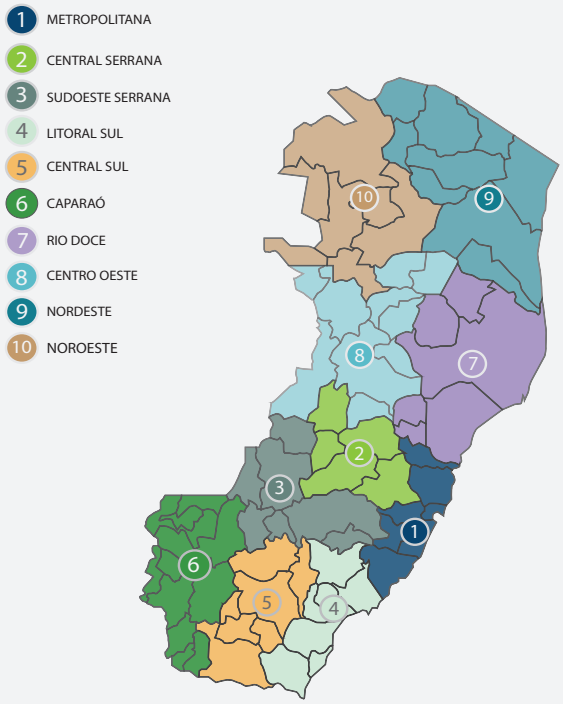
O presente trabalho tem como objetivo apresentar a inserção competitiva nacional e internacional do estado capixaba para o período 2013-2030, através das cadeias produtivas do Espírito Santo e de dados que impactarão a economia local. Além disso, visa traçar metas e diretrizes para o período que constituirá o atual ciclo do desenvolvimento do Espírito Santo.

2 O ESPÍRITO SANTO EM DADOS

O Espírito Santo está localizado na região Sudeste juntamente com São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e constitui uma área de 46.098,57 km², dividida em 78 municípios.

O estado é dividido também em 10 microrregiões, conforme mapa abaixo.

Figura 2.1 - Divisão das microrregiões do Espírito Santo



A população residente, segundo IBGE Estados, é de 3.514.952 pessoas em uma densidade demográfica de 76,25 habitantes por km². A cidade mais populosa do Estado é Vila Velha, com 414.586 habitantes. A população do Estado vem crescendo no decorrer dos anos, conforme tabela abaixo.

Tabela 2.1 - Evolução da população do Espírito Santo

Ano	População	Crescimento (%)
1970	1.599.333	36,6
1980	2.023.340	26,5
1991	2.598.231	28,4
2000	3.097.232	19,2
2010	3.512.672	13,4

Fonte: IBGE Estados

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2008, apresentado pelo IBGE (2010) do Espírito Santo é de 0,802. Se comparado com os Estados da região Sudeste, ele fica à frente apenas do Estado de Minas Gerais (0,800) e inferior a São Paulo (0,833) e Rio de Janeiro (0,832). O estado é inferior também à média brasileira (0,807), porém ocupa a 7ª posição no *ranking* dos estados.

O PIB do Espírito Santo apresentou no ano de 2011 o valor de R$ 86,2 bilhões, sendo um crescimento de 9,2% em relação ao ano anterior.

No setor primário, a economia tem destaque para os segmentos agrícola, pecuário e de mineração. O Espírito Santo é sede de importantes cooperativas agropecuárias, que produzem cana-de-açúcar, laranja e café.

No setor industrial, a principal atividade é extrativa. São encontradas diversas atividades ligadas ao extrativismo mineral, dentre os quais possuem destaque as reservas de granito, areias e mármore.

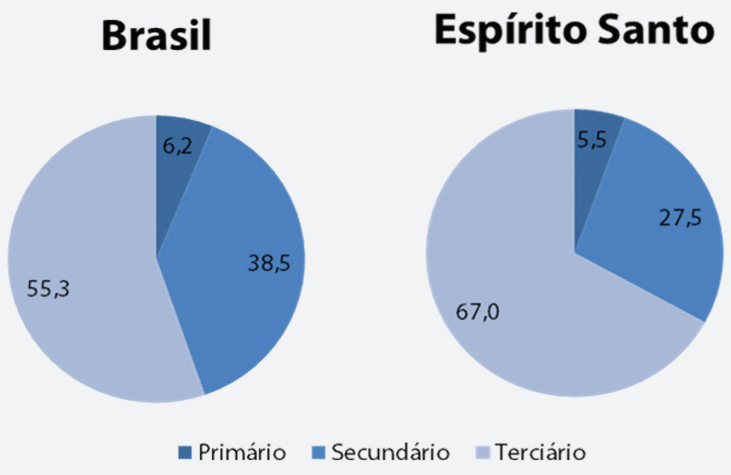
Segundo IBGE ESTADOS (2013), o produto do setor primário mais tradicional da economia capixaba é o café. Seguem-se a ele, em ordem de importância, as culturas de milho, banana, mandioca, feijão, arroz e cacau.

No setor secundário destacam-se as indústrias de transformação. Na Grande Vitória estão localizadas as indústrias siderúrgicas e no Vale do Itapemirim estão as indústrias de cimento, açúcar e álcool.

O setor terciário é o menos desenvolvido em todo o Espírito Santo. A exportação de minério de ferro vindo de Minas Gerais e as commodities agrícolas fazem com que o estado adquira importância nesse setor.

Conforme gráfico abaixo, o PIB do Espírito Santo é predominantemente voltado para o setor de serviços e indústria, assim como acontece no Brasil.

Gráfico 2.1 - Distribuição do PIB do Brasil e Espírito Santo - 2011 (%)



Fonte: IBGE.

O setor secundário é dividido em indústria Extrativa, de Transformação, Construção civil e Eletricidade, gás e outros.

No Brasil a atividade de maior impacto no setor secundário é a de transformação. Já no Espírito Santo esse impacto é balanceado entre Extrativa e Transformação.

Construção civil também é forte. A indústria Extrativa capixaba é superior à do Brasil.

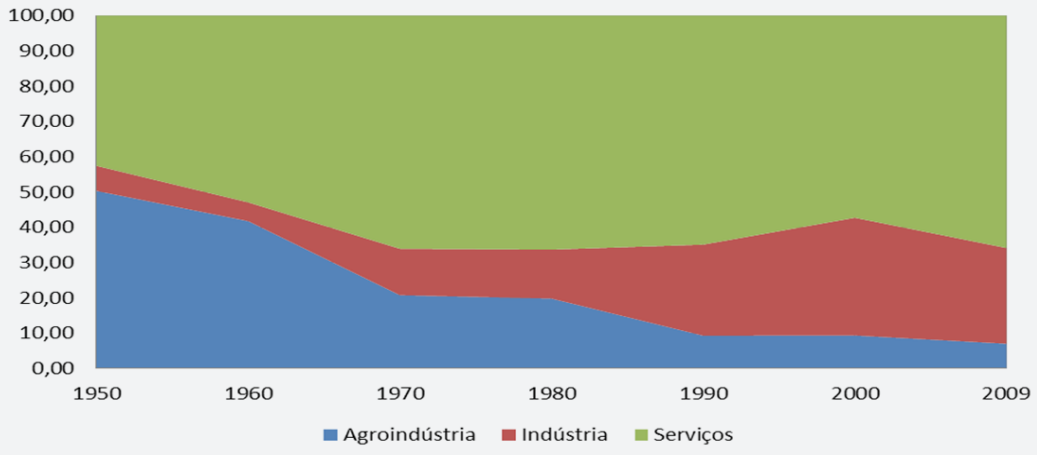
Tabela 2.2 - Estimativa de composição do PIB, Espírito Santo e Brasil, 2011 (%)

Setor	Brasil	Espírito Santo
Primário	**5,5**	**6,2**
Secundário	**27,5**	**38,5**
Extrativa	4,1	22,3
Transformação	14,6	10,5
Construção civil	5,8	5,4
Eletricidade, gás e outros	3,1	0,3
Terciário	**67,0**	**55,2**

Fonte: FDC.

Para um conhecimento histórico, o gráfico a seguir apresenta essas informações dividas nos 3 setores.

Gráfico 2.2 - Distribuição do PIB, Espírito Santo, 1950/2009 (%)



Fonte: IPEADATA.

O Espírito Santo apresentou no ano de 2011 um pouco mais de 900.000 empregos formais, segundo a RAIS. A microrregião que mais ofertou empregos foi a Metropolitana, com 61,6% do total do estado. Em seguida aparece Rio Doce (8,7%), com uma média bem inferior. Tal fato pode ser explicado pela concentração da população nessas duas regiões, principalmente na Metropolitana.

Quando analisados os estabelecimentos, o estado possui mais de 80.000, concentrados principalmente nas microrregiões Metropolitana (49,8%), Central Sul (9,4%) e Rio Doce (9,0), sendo estas com maior número de empregados.

Tabela 2.3 - Distribuição de empregos e estabelecimentos por microrregião, 2011

Microrregião	Empregos	%	Estabelecimentos	%
Noroeste	20.375	2,3	3.014	3,8
Metropolitana	555.042	61,6	39.860	49,8
Rio Doce	78.014	8,7	7.224	9,0
Nordeste	42.583	4,7	4.995	6,2
Centro Oeste	55.479	6,2	6.213	7,8
Central Serrana	12.936	1,4	1.980	2,5
Sudoeste Serrana	20.212	2,2	2.824	3,5
Caparaó	20.533	2,3	3.482	4,4
Central Sul	67.236	7,5	7.482	9,4
Litoral Sul	29.260	3,3	2.969	3,7
Total	**901.670**	**100,0**	**80.043**	**100,0**

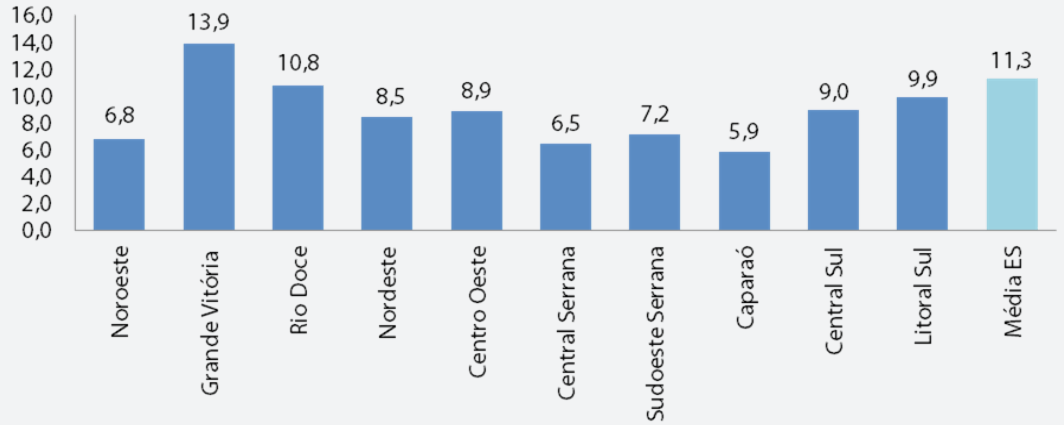
Fonte: RAIS.

A média de empregos formais por estabelecimentos no estado do Espírito Santo é de 11,3. A microrregião com a média mais elevada é a Metropolitana (13,9), seguida por Rio Doce (10,8), Litoral Sul (9,9) e Central Sul (9,0). Cabe destacar que a única acima da média capixaba foi a Metropolitana.

As microrregiões com as menores médias foram Caparaó (5,9), Central Serrana (6,5) e Noroeste (6,8).

O gráfico abaixo apresenta um comparativo dessas microrregiões com a média capixaba.

Gráfico 2.3 - Média de empregados nos estabelecimentos por microrregião, 2011



Fonte: RAIS.

3 ATIVIDADES ECONÔMICAS CAPIXABAS

3.1 Destaques produtivos do Espírito Santo

A indústria capixaba continua com o seu principal foco de crescimento centrado nas empresas dos Grandes Projetos. É de extrema importância para a indústria local o segmento de extração de minerais metálicos, o de petróleo e gás e o de minerais não metálicos.

Abaixo estão especificadas, de forma resumida, as diferentes atividades econômicas do Espírito Santo.

Minerais metálicos, não metálicos e siderurgia: O Espírito Santo sedia duas empresas importantes nacionalmente na atividade de extração: Vale e Samarco Mineração. Quando estudado o segmento de minerais não metálicos, a indústria capixaba se destaca pelo setor de rochas ornamentais, contemplando o Arranjo Produtivo Local mais avançado do Espírito Santo.

Na siderurgia está presente a ArcelorMittal Tubarão na Serra e a ArcelorMittal Cariacica. A primeira produz placas de aço e bobinas laminadas a quente, e a segunda produz aços longos, vergalhões, perfis leves e médios para construção mecânica, torres de transmissão de energia e telecomunicações.

Celulose: Está localizada no estado a Fibria, líder mundial na produção de celulose branqueada de eucalipto, representando 24,0% da oferta global do produto, destinado à fabricação de papéis de imprimir e escrever, papéis sanitários e papéis especiais de alto valor agregado.

Petróleo e gás: no que diz respeito à indústria petrolífera, essa foi revigorada pela PETROBRAS a partir da segunda metade dos anos 1990. O estado é o segundo maior produtor de petróleo e gás do país com duas unidades de tratamento de gás instaladas, sendo a UTE Sul Capixaba e UTE Cacimbas. Foi inaugurada no ano de 2008 a extração de óleo na camada pré-sal no Campo de Jubarte, uma das maiores e mais importantes jazidas já descobertas no Brasil. Atualmente estão presentes no estado empresas como Petrobras, Shell, Amerada HessChein, Chevron Texaco, Wintershall e Vitória Ambiental, entre outras.

Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs): Os investimentos nesse ramo possibilitam ao estado prestar um bom atendimento às demandas atuais de energia. Atualmente são nove PCHs em operação e outras em estudo ou construção. O atividade energética é de extrema importância para o estado, sendo um dos temas do ES 2030.

Sistema portuário: de acordo com a Secretaria de Desenvolvimento do Espírito Santo (SEDES), o complexo portuário do Espírito Santo é de suma importância para o desenvolvimento do estado. No total, movimenta cerca de 45,0% do PIB estadual e é composto pelos seguintes portos: Porto de Vitória, Porto de Tubarão, Porto de Praia Mole, Porto de Ubu, Portocel, Terminal de Vila Velha (TVV) e Companhia Portuária de Vila Velha (CPVV).

Turismo: uma das grandes potencialidades do Espírito Santo, o turismo local possui uma variedade cultural e ambiental, o que faz do Espírito Santo um lugar de grandes belezas. Vitória se destaca pelo turismo de negócios, e no interior, há diversas alternativas para a prática de esportes radicais, como voo livre e trilhas.

O **Agronegócio** capixaba absorve cerca de 40,0% da População Economicamente Ativa (PEA) e é responsável por uma parte importante do PIB estadual, sendo a atividade econômica mais importante em 80,0% dos municípios do estado. No **Agroturismo** o Espírito Santo foi o primeiro estado a implantar essa modalidade de turismo, visando impulsionar o desenvolvimento das comunidades interioranas.

No estado a produção de ovos de galinha é destaque nacional, sendo o município de Santa Maria de Jetibá o mais relevante no ramo. Entre os municípios brasileiros com maior produção, os principais produtores de ovos foram Bastos (SP), com 6,7%, Santa Maria de Jetibá (ES), Itanhandu (MG) e Primavera do Leste (MT). Esses quatro locais detiveram, sozinhos, 15,5% da produção de todo o país.

O **café** é um outro importante produto para a economia capixaba. O estado é o maior exportador de café conilon com mais de 70,0% da produção brasileira, e o segundo maior produtor de café do Brasil.

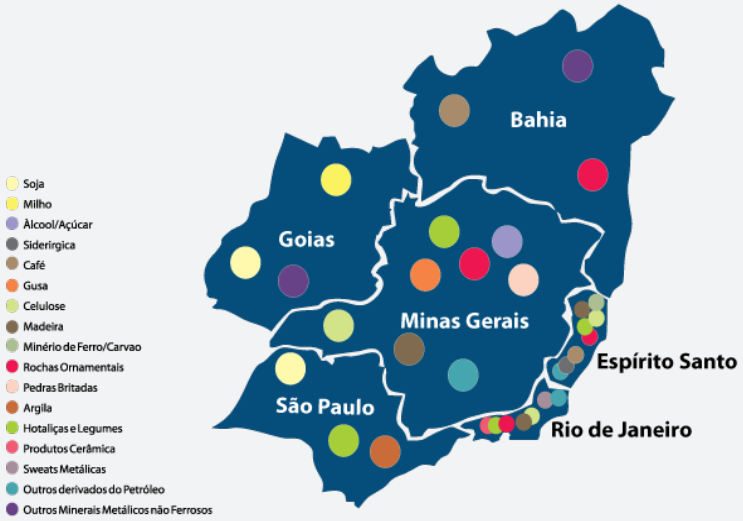
Na **fruticultura**, o Espírito Santo é o maior exportador nacional de mamão *papaya*. Nesse setor destacam-se também as culturas de abacaxi, maracujá, coco, goiaba e morango.

Quadro 3.1.1 - Destaques setoriais do Espírito Santo

Setor	Empresa	Capacidade Instalada
Siderurgia	ArcelorMittal Tubarão	Placas de aço = 7,5 milhões toneladas/ano Bobinas a quente = 4 milhões toneladas/ano
	ArcelorMittal Cariacica	Tarugos = 840 mil toneladas/ano
Mineração	Vale	8 usinas de pelotização 36 milhões de toneladas/ano
	Samarco	4 usinas de pelotização 30,5 milhões de toneladas ano
Celulose	Fibria	3 plantas de celulose 2,3 milhões de toneladas/ano
Petróleo e Gás	Petrobras/Shell	Produção de óleo = 400 mil barris/dia Gás natural = 18 milhões m^3/dia
Polo de mármore e granito	1.000 empresas no ES	57% dos teares instalados no Brasil 65% das exportações brasileiras Cachoeiro de Itapemirim (800 empresas)
Polo de confecção	1.300 empresas no ES	Vila Velha – Glória Colatina (520 empresas)
Polo moveleiro	800 empresas no ES	Linhares é o 6º maior município em produção de móveis seriados do país (140 empresas)
Polo metalmecânico	1.500 empresas no ES	Movimenta cerca de R$ 8 bilhões por ano Gera 30 mil empregos diretos e 120 mil indiretos
Polo alimentício	Garoto/Nestlé/Coca Cola Suco Mais/Selita e etc	Líder em vários segmentos de mercado Maior exportador de café conilon e o 2º maior produtor de café do Brasil

A seguir são apresentadas as principais cadeias do Espírito Santo, comparando com os principais produtos comprados dos estados de MG, BA, SP, RJ e GO, levando em consideração a pesquisa realizada pelo PELTES, em 2008.

Figura 3.1.1 - Principais cadeias produtivas para o Espírito Santo



Fonte: PELTES.

3.2 Definição das diferentes abordagens das atividades econômicas

A economia mundial, através do processo de integração, reforça o fortalecimento das economias regional e local. Para enquadrar as atividades econômicas capixabas em nomenclaturas, foram definidas diferentes abordagens, conforme segue abaixo:

- **Arranjo Produtivo Local:** conjuntos territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, que mantêm sua direção em um âmbito especifico da atividade econômica, mesmo que tenham fracas interações entre si. Normalmente é composto por empresas, que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedores de insumos e equipamentos, de consultorias e serviços, comercializadoras e clientes, dentre outros. Fazem parte de conjunto outras organizações públicas e privadas voltadas para formação e capacitação de recursos humanos, ou seja, escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento;

- **Cadeia produtiva:** conjunto de etapas consecutivas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos, em ciclos de produção, distribuição e comercialização de bens e serviços. É necessário, para que o processo de produção seja cumprido, que exista uma divisão de trabalho, onde cada trabalhador ou um conjunto de trabalhadores realizem diferentes etapas do mesmo processo. Importante destacar que uma cadeia produtiva não necessariamente precisa estar numa mesma localidade ou região e que a mesma pode ser de âmbito local, regional, nacional ou mundial;

• ***Cluster:*** limita-se ao conjunto de empresas de uma mesma localidade, com características parecidas. A inovação tem importância para alguns autores, porém com uma visão bem simples, como por exemplo, aquisição de equipamentos. É sabido também que o cluster não está composto por outros atores, além das empresas, tais como organizações de ensino, pesquisa e desenvolvimento, financiamento, dentre outros;

• **Distrito industrial:** tem por característica um elevado grau de especialização e interdependência entre as empresas, sejam elas de caráter horizontal, empresas de um mesmo segmento, ou vertical, que são empresas de atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva. No Brasil, é comum dar a nomenclatura de distrito industrial para determinadas regiões ou localidades definidas para a instalação de empresas, muitas vezes contando com a ajuda de incentivos governamentais;

• ***Milieu* inovador (Ambiente inovador):** pode ser definido como a complexa rede de relações sociais em uma dada localidade geográfica que acelera a capacidade inovativa local com o aprendizado coletivo. E o mais interessante é que não considera apenas atividades econômicas, mas também sociais, psicológicas e culturais;

• **Polos, parques científicos e tecnológicos:** dizem respeito predominantemente à aglomeração de empresas de base tecnológica e vinculadas a universidades e centros de pesquisas e desenvolvimento (P&D);

• **Redes de empresas:** são formatos organizacionais, definidos a partir de um conjunto de articulações entre empresas, que podem estar presentes em quaisquer dos aglomerados produtivos mencionados anteriormente. Faz parte desse aglomerado a realização de transações e/ou a troca de interformações e conhecimentos entre as empresas, sem precisar necessariamente ter uma proximidade espacial.

Conforme essas especificações acima, existem diversas abordagens para o modo em que os setores produtivos se enquadram, sendo cada uma delas levadas por uma característica. Dessa forma, é necessário observar que algumas abordagens possuem características muito específicas, adequadas a cada caso analisado. Apesar de distintos, os conceitos acabam muitas vezes apresentando similaridades no que se refere à estrutura.

Quadro 3.2.1 – Aspectos comuns das abordagens	
Localização	Proximidade ou concentração geográfica
Atores	Grupos de pequenas empresas;
	Pequenas empresas nucleadas por grande empresa;
	Associações, instituições de suporte, serviços, ensino e pesquisa, fomento, financeiras, etc.
Características	Intensa divisão de trabalho entre as firmas;
	Flexibilidade de produção e de organização;
	Especialização;
	Mão de obra qualificada;
	Competição entre firmas baseada em inovação;
	Estreita colaboração entre as firmas e demais agentes;
	Fluxo intenso de informações;
	Identidade cultural entre os agentes;
	Relações de confiança entre os agentes;
	Complementaridades e sinergias.

Fonte: Pessoa.

As iniciativas voltadas ao incentivo das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) no Espírito Santo e Brasil ainda são pequenas comparadas aos países desenvolvidos. Mesmo diante disso, muitos estados e municípios brasileiros estão criando estratégias e políticas para a promoção do desenvolvimento local.

3.3 Breve descrição das atividades econômicas do Espírito Santo

No Espírito Santo, o setor de **rochas ornamentais** é o mais desenvolvido e vem em um crescimento contínuo desde a década de 70, porém nos anos 90 aconteceu um salto expressivo na criação de empresas. O principal núcleo produtor está concentrado em torno do município de Cachoeiro de Itapemirim, na região Sul do estado.

Esse setor e seu crescimento podem ser analisados, tanto de forma positiva, como negativa. Analisado da forma positiva, os efeitos sobre o nível de emprego e renda são extremamente importantes, pois permitem a descentralização da produção e da riqueza. No aspecto negativo, estão os efeitos que a atividade provoca nas atividades das cidades nos entornos, como exemplo o desajuste ambiental.

O Espírito Santo possui uma das maiores reservas de mármore e granito do País, com uma enorme variedade de cores. Dispõe de um parque industrial com cerca 1.000 empresas, responsáveis por mais da metade (57,0%) dos teares instalados no País. O Estado representa 65,0% das exportações brasileiras.

O **ramo confecções** pode ser caracterizado como uma especialização da economia capixaba. As

empresas desse setor estão localizadas, principalmente, em Colatina, Linhares, São Gabriel da Palha, Serra, Vila Velha e Vitória.

Da produção, 80,0% são destinados ao mercado nacional, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. O setor passa por um momento delicado, devido à entrada da China na venda de vestuário no mercado mundial com baixos preços.

O **setor moveleiro** está localizado no Norte do estado, principalmente nos municípios de Linhares e Colatina. Vem crescendo a taxas expressivas nos últimos anos e o avanço tecnológico na linha de produção permitiu um aumento considerável da produtividade ao longo da década de 90.

Além dos seriados, o Espírito Santo também sedia inúmeras empresas que fabricam móveis sob encomenda para atender a demanda dos grandes centros urbanos.

A principal ameaça do setor está na aquisição de matéria-prima, pois os fornecedores possuem amplo poder de negociação e, por outro lado, trata-se de um recurso natural escasso.

O setor metalmecânico capixaba é extremamente complexo. Suas atividades são incorporadas nos segmentos responsáveis pela transformação dos metais, tanto na fase de produção de bens e serviços intermediários, como na produção de bens finais. O setor fatura cerca de R$ 8 bilhões por ano, gerando 30 mil empregos diretos e 120 mil indiretos. Envolve diferentes segmentos da economia local, entre eles fabricantes de equipamentos, tubos com costura, estruturas metálicas, componentes mecânicos, serviços de montagem e manutenção industrial, com empresas que são referência no mercado internacional. Nesse setor foram instalados recentemente novos empreendimentos como WEG Motores, Brametal, Perfilados Rio Doce, Cozinhas Itatiaia e etc.

A partir de 2012 com a crise na siderurgia mundial, a ArcelorMittal Tubarão está trabalhando com a carga reduzida, produzindo cerca de 5.0 MT/a de aço, parando um dos três altos-fornos.

A fabricação de **alimentos e bebidas** é composta de um extenso mosaico de micro, pequenas e médias empresas. No mercado capixaba existem empresas de multiprodutos, com segmentos de forte participação.

Doces e condimentos enlatados correspondem a 60,0% dos produtos cujas marcas que possuem abrangência nacional são comercializadas no mercado regional. Os 40,0% restantes são preenchidos por doces a granel, disputados de maneira acirrada por empresas de outros estados e por pequenas indústrias locais.

Segundo Villaschi, a configuração da indústria de alimentos e bebidas pode ser resumido em: produções majoritariamente substituidoras de importações; produção majoritariamente exportadora, principalmente balas, chocolates e sorvetes; produção em transição para exportação, como biscoitos e massas.

Como dito anteriormente, **o agronegócio** é um outro importante setor para a economia capixaba. O estado é o maior exportador de café conilon com mais de 70,0% da produção brasileira e o segundo maior produtor de cafés do Brasil. Nesse setor está inclusa também a fruticultura. 50,0% da área do Espírito Santo é apta para a fruticultura de clima tropical, sendo um dos pré-requisitos fundamentais, pois permite avaliar as limitações e possibilidades. Atualmente, é uma das principais atividades

econômicas do estado, colocando-se como segunda maior formadora de renda no setor rural.

O ramo possui uma área plantada superior a 88 mil hectares, estando mais de 80,0% desse espaço em produção. Além disso, produz cerca de 900 mil toneladas de frutas ao ano.

A **construção civil** é reconhecida como um dos mais importantes mercados da economia do país e, consequentemente, do Espírito Santo. O setor contribui com um valor significativo da economia capixaba. É cercado por uma cadeia de lojas de varejo com um grande número de lojas e alto faturamento.

No decorrer dos anos alguns outros setores ganharam importante destaque no estado, com destaque para: **Gás e petróleo; Logística; Pecuária; Turismo; celulose, sucro-alcooleiro, artefatos de plástico e outros.**

Em empregos formais, entre os anos de 2008 e 2011, o setor que apresentou o maior crescimento foi o da construção civil. Nesses 3 anos seu crescimento foi superior a 27,0%, empregando mais de 72.000 pessoas. Outros setores com crescimentos importantes nesses anos foram o de logística e confecções, com um acréscimo de empregos de 14,6% e 14,4%, respectivamente.

Quando estudado o número de estabelecimentos, o ramo de confecções merece destaque. Entre os anos de 2008 e 2011 houve um salto de 6,3 para 7,2 mil estabelecimentos, representando um crescimento de 27,5%. Outro setor com um grande aumento no número de estabelecimentos foi a construção civil.

Entre os destaques negativos nos estabelecimentos estão diversos setores com crescimento negativo ou inferior a 0,5%. Entre eles destacam-se: alimentos, aquicultura e pesca, couro e calçados, e sucroalcooleiro.

Abaixo estão apresentados os setores produtivos do Espírito Santo em sua totalidade, classificados por atividade, o número de empregos diretos alcançados e a quantidade de estabelecimentos que atuam neles.

Tabela 3.3.1 - Setores produtivos do Espírito Santo e evolução de empregos e estabelecimentos, 2008-2011

Atividade	Empregos 2008	Empregos 2011	% de crescimento	Estabelecimentos 2008	Estabelecimentos 2011	% de crescimento
Construção Civil	60.677	72.076	27,4	4.044	4.957	19,0
Logística	30.467	38.349	14,6	1.708	2.094	8,0
Confecções	34.759	37.867	14,4	6.282	7.175	27,5
Metalmecânica	24.428	25.524	9,7	928	1.185	4,5
Rochas Ornamentais	19.115	21.455	8,2	1.693	1.789	6,8
Cafeicultura	8.396	9.033	3,4	2.576	2.697	10,3
Móveis	7.773	8.448	3,2	626	680	2,6
Pecuária Leiteira e Corte	7.546	7.704	2,9	2.864	2.826	10,8

Continua...

...Continuação

Tabela 3.3.1 - Setores produtivos do Espírito Santo e evolução de empregos e estabelecimentos, 2008-2011						
Atividade	Empregos 2008	Empregos 2011	% de crescimento	Estabelecimentos 2008	Estabelecimentos 2011	% de crescimento
Turismo	5.589	6.322	2,4	719	798	3,1
Fruticultura	3.534	5.487	2,1	358	719	2,8
Cacau	3.861	4.618	1,8	244	242	0,9
Software	3.212	4.564	1,7	196	281	1,1
Silvicultura	4.286	4.528	1,7	144	178	0,7
Artefatos de Plástico	3.225	3.694	1,4	104	99	0,4
Produtos Cerâmicos	3.049	3.561	1,4	78	79	0,3
Petróleo e Gás	2.958	3.509	1,3	43	54	0,2
Sucroalcooleiro	2.227	2.144	0,8	6	7	0,0
Couro e Calçados	1.369	1.597	0,6	51	41	0,2
Aquicultura e Pesca	827	992	0,4	90	132	0,5
Alimentos	589	733	0,3	25	40	0,2
Artefatos de Borracha	238	216	0,1	27	21	0,1
Cachaça	193	191	0,1	35	37	0,1
Instrumentos Musicais	53	39	0,0	9	4	0,0
Total	**228.371**	**262.651**	**15,0**	**22.850**	**26.135**	**14,4**

Fonte: SEDES.

3.4 Principais atividades da economia capixaba

Para uma melhor avaliação dos segmentos da economia do Espírito Santo, foram selecionados diferentes setores para análise.

3.4.1 Metalmecânico

O surgimento e desenvolvimento da indústria metalmecânica do Espírito Santo está diretamente ligado à sua história econômica, com forte ligação ao segundo ciclo econômico.

A partir da segunda metade dos anos 1970, com a instalação de grandes empresas industriais, com destaque para os setores siderúrgico e metalmecânico, começou a ter sua dinâmica relacionada a uma nova estrutura industrial que o estado vinha apresentando.

O setor metalmecânico capixaba é extremamente complexo. Suas atividades são incorporadas nos segmentos responsáveis pela transformação dos metais, tanto na fase de produção de bens e serviços intermediários, como na produção de bens finais.

Na produção de bens e serviços intermediários estão inseridas atividades como fundições,

forjarias, oficinas de corte, soldagem e estamparia. Já na produção de bens finais estão maquinas, equipamentos, veículos e materiais de transporte.

Segundo o PDF-ES, no Estado do Espírito Santo o setor metalmecânico envolve diferentes segmentos da economia local, entre eles metalurgia, mineração, siderurgia, serviços e fabricantes.

O segmento de mineração é composto de usinas de pelotização, ferrovias e portos. Constituem esse segmento empresas como Vale e Samarco, que estão enquadradas entre as maiores exportadoras de minério de ferro e pelotas do mundo.

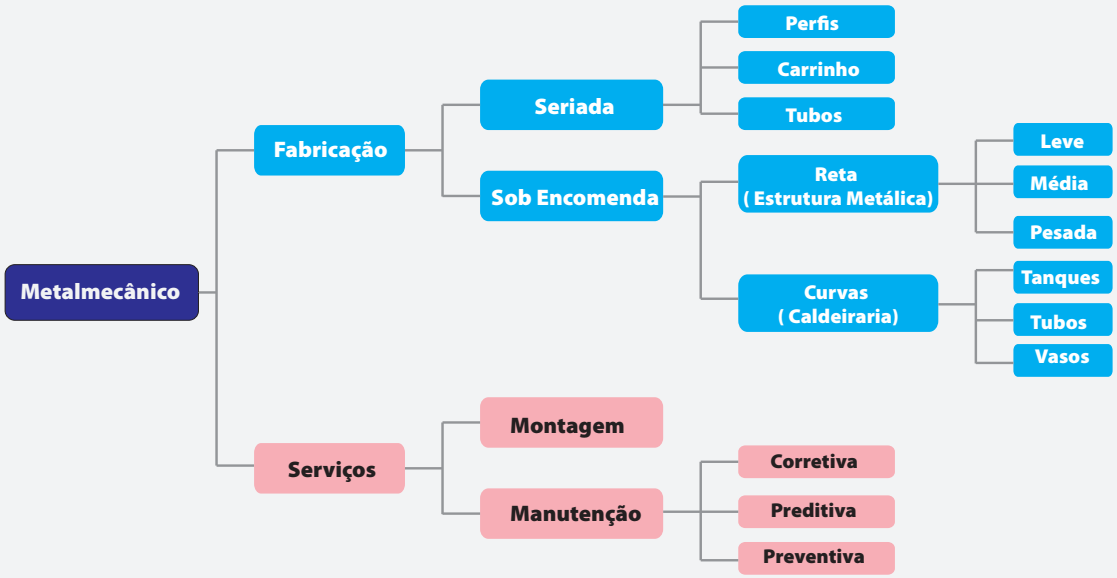
Em metalurgia, as empresas trabalham com a transformação a frio, produzindo componentes seriados e também sob encomenda. Essas peças geralmente são usadas para atender os investimentos e peças de reposição nas instalações das grandes empresas.

A siderurgia é composta pelas plantas da ArcelorMittal, além das usinas produtoras de ferro gusa. Os serviços são divididos em montagem e manutenção e são formados por empresas que atendem os grandes projetos na realização dos trabalhos.

Os fabricantes de máquinas são constituídos pelas empresas que foram evoluindo a partir da necessidade de atender o setor de mármore e granito.

A cadeia produtiva metalmecânica do Espírito Santo é dividida em fabricação e montagem, sendo forte no estado a fabricação sob encomenda e os serviços de montagem e manutenção.

Figura 3.4.1.1 – Cadeia produtiva metalmecânica



Fonte: PDF-ES.

Dentro do setor metalmecânico é possível identificar quatro grupos de participantes:

1. **Empresas do segmento produtivo metalmecânico:** compreendem as empresas metalmecânicas de pequeno e médio porte, com produção seriada ou sob encomenda,

cuja especialização atende à demanda de empresas clientes, grandes e pequenas;

2. **Empresas âncoras:** são as empresas clientes de grande porte dos ramos siderúrgico, de mineração, celulose/papel e do ramo de petróleo/gás, que se constituem em âncoras, e que atuam como verdadeiras parceiras nesse setor; e outras empresas de ramos industriais, com destaque para o de mármore e granito;

3. **Empresas prestadoras de serviço:** empresas que trabalham realizando atividade de montagem e manutenção industrial incluindo paradas de usinas com substituição de peças de reposição; e

4. **Instituições:** divididas em macroinstituições, com atuação no âmbito estadual, e as microinstituições especificamente criadas para o fomento e o desenvolvimento do arranjo, incluindo instituições de classe, pesquisa e ensino, de desenvolvimento tecnológico e de capacitação de mão de obra, dentre outras.

O setor metalmecânico do Espírito Santo possui duas entidades de classe com maior representatividade no setor: Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico do Estado do Espírito Santo (SINDIFER) e o Centro Capixaba de Desenvolvimento Metalmecânico (CDMEC). Além disso, existem parceiros tecnológicos e de promoção de negócios, como também os responsáveis pela capacitação de mão de obra.

A Grande Vitória compreende 37,9% das empresas do setor no Espírito Santo. A região produz 6.300 toneladas de estrutura metálica, sendo 44,3% da produção de todo o estado.

Caldeiraria, montagem e manutenção e usinagem na Grande Vitória compreendem, cada um dos setores, mais que 50,0% de tudo que o Espírito Santo produz.

Essa região é a que possui maior impacto no setor do Espírito Santo como um todo, sendo de extrema importância sua promoção.

Tabela 3.4.1.1– Indicadores do setor metalmecânico do Espírito Santo

Atividades	Indicadores	Grande Vitória	Total do setor no ES	Participação da GV no ES (%)
Empresas	Número	47	124	37,9
Estrutura Metálica	Tonelada	6.300	14.221	44,3
Caldeiraria	Tonelada	8.670	15.570	55,7
Montagem e Manutenção	Homem Hora	1.385.387	2.514.160	55,1
Usinagem	Horas Máquina	56.780	109.317	51,9

O faturamento anual gira em torno de R$ 8,53 bilhões por ano, sendo esse valor correspondente a 11,6% do PIB capixaba. Das exportações capixabas, segundo SECEX, somente o produto "Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados" apresentou 56,1% do total desses produtos em 2011, 3,1 pontos percentuais a mais que em 2010.

Além deste, o Espírito Santo possui outros produtos exportados vinculados ao setor Metalmecânico, como "Outros produtos manufaturados de ferro/aço" (5,7%) e "Outros laminados de ferro/aço" (1,7%).

Quando analisados os produtos exportados por empresa, as quatro primeiras fazem parte do setor.

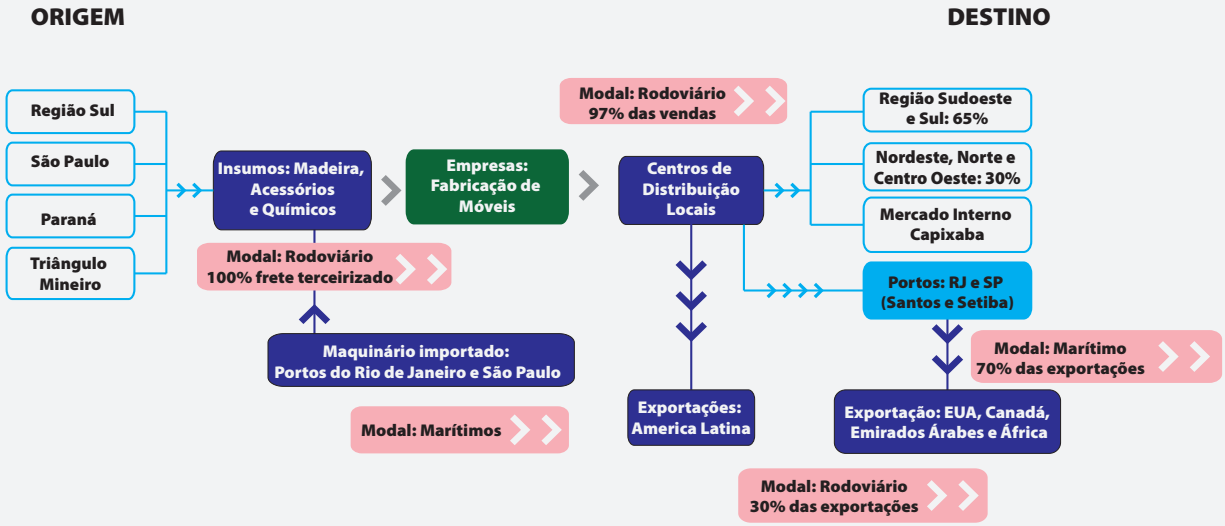
Segundo SECEX (2012), Samarco Mineração (27,8%), Vale S/A (27,3), ArcelorMittal Brasil (9,4%) e Fibria Celulose (8,3%) representam cerca de 72,7% dos produtos exportados no Espírito Santo em 2011.

3.4.2 Moveleiro

A produção de móveis no Espírito Santo é bastante diversificada, mas o principal segmento é o residencial, que se divide em retilíneos seriados, majoritariamente concentrados no município de Linhares; e sob encomenda, pulverizados por todo o estado, com predominância de Colatina e Grande Vitória. No seu conjunto, a indústria moveleira capixaba conta com a participação, na produção, de municípios localizados na região Centro-Sul, como Guaçuí e Muniz Freire, mas a maior representatividade concentra-se regionalmente nos municípios de Linhares (com maior representatividade) e Colatina, na região Norte, responsáveis por 80,0% do total de peças produzidas, que é o objeto de estudo em questão.

A origem dos insumos para a fabricação é a região Sul, o estado de São Paulo e Paraná e o Triângulo Mineiro. A figura apresenta a cadeia produtiva moveleira da sua origem até o destino final.

Figura 3.4.2.1 - Cadeia produtiva moveleira



De forma geral o setor moveleiro capixaba tem por características, conforme segue:

- Majoritariamente formado por pequenas empresas;
- Decisões de investimentos tomadas localmente;

- Toda inteligência e capacidade de inovação tecnológica estão dentro do território e dá-se de forma diferenciada entre as empresas;

- Compra de matéria prima e serviços fora da região; e

- Vendas para o mercado externo ao território que compõe o setor.

As atividades econômicas que compõem o setor são:

- Fabricação de móveis de madeira;

- Fabricação de móveis de metal;

- Serrarias; e

- Fabricação de produtos de madeira.

Este setor tem por principal produto o conjunto de quarto, 60,0% da produção, majoritariamente guarda-roupa e cama. Os móveis para escritório compõem 25,0% da produção e os outros 15,0% restantes estão distribuídos entre móveis institucionais, escolares, médico-hospitalares, para restaurantes, hotéis e similares, que são levados para o cliente final através dos distribuidores, lojas próprias de fábrica, magazines e lojas multimarcas.

O setor tem uma governança bem-articulada, sendo comum a cooperação entre as empresas. Tem um plano de desenvolvimento e busca conhecimento e informações que contribuam para o seu aprimoramento. Possui um arranjo principal que envolve 11 municípios, o que deveria ser um entrave para a articulação entre as empresas, mas, não é.

Dentre as várias formas possíveis de cooperação, a que é mais utilizada pelas empresas é a interação com o Sindicato das Indústria da Madeira e do Mobiliário de Linhares e Região Norte - ES (SINDIMOL), onde são disseminadas as informações adquiridas com os clientes, lojistas, representantes, fornecedores de insumos e equipamentos e o SINDIMOL está sempre presente nos projetos que são feitos pelas empresas da cadeia produtiva.

O setor moveleiro tem um faturamento anual próximo de R$ 500 milhões, sendo assim considerado um dos maiores polos moveleiros do Brasil, segundo a Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário – ABIMÓVEL.

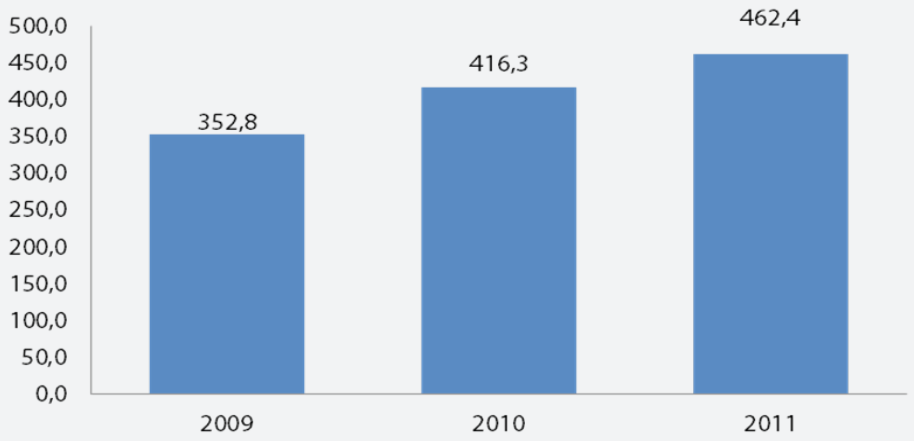
O faturamento descrito foi gerado por vendas efetuadas para dentro do próprio estado, que representou em 2010, 18,0% do seu faturamento, marca essa que foi quebrada, em 2011, ainda antes de chegar ao fim do exercício, que em setembro já representava 25,6%.

A maior parte das vendas destinadas para fora do estado atingiu a marca de 81,4% de todas as vendas das empresas e, até setembro de 2011, representava 74,1%. Já o faturamento de exportação do setor ainda deixa a desejar, representando apenas 0,6%, em 2010, em relação ao total vendido do setor e até setembro de 2011 representou 0,2% do faturamento total.

Esses pequenos valores impressionam, apesar de a Movelar, maior empresa do setor capixaba e uma das 4 maiores da América Latina, exportar para mais de 40 países, possui uma unidade exclusiva para a produção de móveis para exportação, possibilitando avanços significativos nas áreas de produção, controle de qualidade e desenvolvimento de produtos para o mercado internacional.

Os dados apresentados a seguir não são de todas as empresas da cadeia, mas das empresas que fazem parte do COMPETE-ES, as de maior porte.

Gráfico 3.4.2.1 – Faturamento total, 2009/2011 (R$ milhões)



Fonte: SINDIMOL.

3.4.2 Construção civil

A Construção civil passa por um momento significativo em sua história no Espírito Santo. Os investimentos crescentes e sustentáveis no estado e no setor, se devem a uma série de fatores, como o saneamento financeiro do Estado, ao aumento nos investimentos privados decorrentes da cadeia gás/petróleo e à expansão das grandes indústrias, como a ArcelorMittal, a Samarco e a Vale. Além disso, o crescimento desse mercado foi possível, principalmente, em função das condições mais favoráveis de financiamento asseguradas pelas instituições bancárias.

Esse bom momento é perceptível pelo avanço do número de pessoas ocupadas no setor da construção, porém, problemas como a informalidade no setor são significativos.

A construção civil é uma das atividades produtivas com maior impacto sobre os demais setores e cadeias produtivas que compõem o universo das atividades econômicas. Ela é complexa e envolve, pelo menos, três grandes segmentos:

- Construção pesada (estradas, usinas de geração de energia, portos e terminais, aeroportos etc);
- Montagens industriais e de plataformas de prospecção de petróleo e extração mineral; e
- Edificações industriais, comerciais e residenciais.

A cadeia produtiva da construção civil é dividida em a montante, principal e a ajusante.

Figura 3.4.3.1 - Cadeia Produtiva Construção Civil

Fonte: Sebrae/Multivisão.

O estado possui em torno de 5.000 estabelecimentos na construção civil, sendo que 96,4% das empresas existentes se caracterizam como micro e pequenas empresas, que empregam até 99 empregados e possuem estruturas administrativas menos complexas.

O segmento gera em torno de 70 mil empregos, sendo que aproximadamente 50 mil estão na área de atuação da cadeia.

Os municípios de destaque no setor de construção civil são: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha, Vitória, Cachoeiro do Itapemirim (polo Sul) e Linhares (polo Norte).

O principal articulador do setor e seus parceiros é o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Espírito Santo (SINDUSCON-ES), que tem como foco estratégico:

- Fortalecimento do Associativismo;
- Capacitação empresarial;
- Implementação de novas tecnologias;
- Sustentabilidade;
- Melhoria da qualidade; e
- Acesso a Mercado.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, as principais dificuldades do setor e as principais demandas dos empresários são:

• Plano de acesso a mercados;

• Compras em conjunto;

• Dificuldade em obter financiamento;

• Capacitação de mão de obra;

• Controle de processos; e

• Implantação de sistemas de gestão e etc.

O baixo grau de aquisição de inovações, de cooperação entre as empresas, de competitividade e da capacitação do trabalhador, além da informalidade significativa do setor, são pontos fracos da construção civil capixaba.

Mesmo o setor sendo bastante expressivo na economia capixaba, os gargalos devem ser revistos entre as empresas com apoio de instituições governamentais, proporcionando o crescimento do setor.

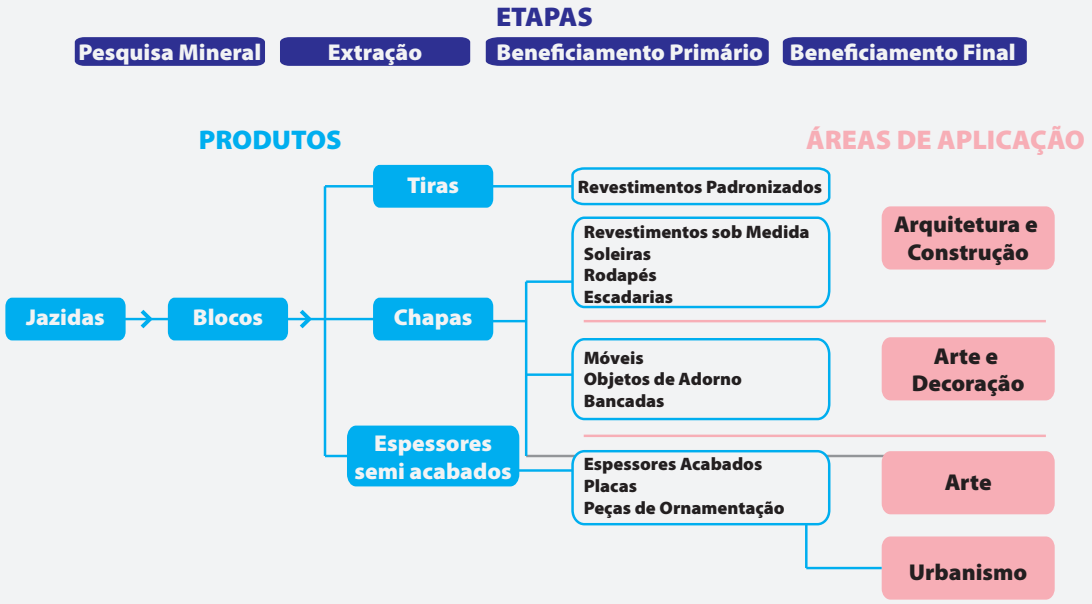
3.4.4 Rochas Ornamentais

O setor de rochas no estado teve início há mais de 50 anos com a extração do primeiro bloco de mármore em Prosperidade, município de Vargem Alta. Desde então, o Espírito Santo se tornou referência mundial em mármore e granito e responde por 65,0% da produção do país, ocupando o lugar de líder absoluto na produção nacional.

A exploração de rochas ornamentais é o terceiro maior gerador de receita para o estado e responde por 7,0% do produto interno bruto (PIB) capixaba. Das 26 maiores empresas brasileiras exportadoras de rochas ornamentais com faturamento superior a US$ 10 milhões em 2007, 21 encontram-se instaladas no Espírito Santo.

A cadeia produtiva de rochas ornamentais está apresentado abaixo, dividida em 4 etapas, que vai da pesquisa mineral ao beneficiamento final.

Figura 3.4.4.1 - Cadeia Produtiva de Rochas Ornamentais



O estado apresenta um grande potencial geológico, amplamente desenvolvido por meio de investimentos em pesquisas, tecnologias de extração e beneficiamento.

O relatório do Instituto de Pesquisa do Espírito Santo (IPES) identifica alguns municípios importantes para o setor com base nos seguintes critérios:

(1) Número relevante de empresas em operação (extração, beneficiamento e produção de insumos e bens de capital);

(2) Localização de instituições financeiras, de pesquisa, centros de formação, treinamento e capacitação profissional e de articulação;

(3) Importância logística.

Quadro 3.4.4.1 - Municípios do setor e o enquadramento nos critérios

Região	Município	Critérios atendidos
Sul	Atílio Vivacqua	1 e 3
	Cachoeiro de Itapemirim	1, 2 e 3
	Vargem Alta	1
Norte	Barra de São Francisco	1
	Ecoporanga	1
	Nova Venécia	1 e 3
Metropolitana	Serra	1 e 3
	Vila Velha	3
	Vitória	2 e 3

Fonte: BNDES.

O Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais, Cal e Calcário do Estado do Espírito Santo (Sindirochas) é o responsável pela articulação e governança do setor.

O setor emprega aproximadamente 130 mil pessoas, sendo cerca de 20 mil postos diretos e de 110 mil indiretos, com atividades de extração e beneficiamento em mais de 20 municípios capixabas, nas regiões Sul, Metropolitana, Noroeste e Norte. Possui cerca de 900 teares em operação, o que representa 57% dos equipamentos instalados no Brasil. Por ano, são extraídos mais de 800 mil metros cúbicos de rochas.

As Principais dificuldades competitivas setoriais são:

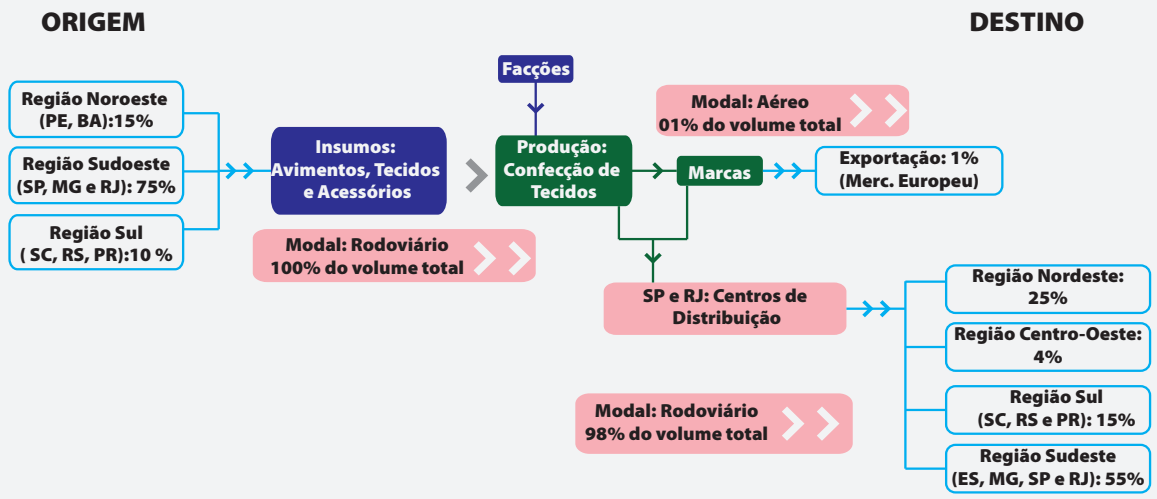
- Deficiência educacional (escolaridade média e conhecimento de inglês);
- Analfabetismo tecnológico;
- Elevada carga tributária;
- Dificuldade de acesso a crédito;
- Limitações logísticas: rodoviárias e portuárias;
- Aumento do frete marítimo, escassez de oferta de navios e contêineres;
- Limitações do parque de beneficiamento;
- Dificuldades para licenciamento ambiental: burocracia e custos;
- Barreiras tarifárias chinesas para rochas processadas;
- Concentração de vendas para os EUA: final da "bolha" do mercado imobiliário; e
- Concorrência dos granitos brasileiros *made in China* e *made in Italy*.

3.4.5 Confecções

Ao longo dos anos o Espírito Santo tem perdido competitividade e mercado no setor têxtil e de confecções. Apesar de um forte crescimento do consumo mundial de têxteis e confeccionados, a participação no comércio externo e interno vem declinando. Outro fator importante é que houve o acirramento da competição global, tendo em vista o crescimento dos produtos asiáticos no comércio internacional, em especial da China. Nesse contexto, tornou-se fundamental para a sobrevivência das empresas da cadeia têxtil e de confecções desenvolver estratégias competitivas diferenciadas, baseadas na utilização da inovação tecnológica como um instrumento relevante para sua inserção no mercado mundial.

A origem dos insumos da produção de confecções capixaba vem sobretudo da região Sudeste, porém são fortes também as regiões Sul e Nordeste.

Figura 3.4.5.1 - Cadeia produtiva do setor de confecções



A cadeia produtiva do setor é composta por segmentos industriais independentes, mas que interagem em todo o momento de forma conjunta.

No estado capixaba são destacados dois grandes polos: um na Região Noroeste, que compreende os municípios de Colatina, São Gabriel da Palha, Nova Venécia e Baixo Guandu, com indústrias especializadas na confecção de jeans; e outro na Grande Vitória, nas cidades de Vila Velha, Cariacica, Serra e Vitória, com produção bem diversificada, na qual sobressaem os segmentos *sportwear* e *surfwear*.

No Espírito Santo o setor é composto por mais de 7 mil estabelecimentos que geram cerca de 38 mil empregos diretos. Além disso, é constituído principalmente por micro e pequenas empresas, que geram uma receita anual em torno de R$ 500 milhões.

A cadeia precisa se conscientizar do potencial do mercado externo e definir novas estratégias para percorrer esse rumo, uma vez que se integra nas vendas externas da cadeia têxtil e de confecções nacional através dos segmentos de tecidos e de vestuário. As vendas externas da cadeia representam somente 0,1% das exportações brasileiras. Em 2010, as vendas externas, decorrentes da tomada de mercado pelos países europeus, reduziram-se para US$ 1,5 milhão.

É importante analisar que no Brasil, entre 2007 e 2009, tanto no segmento têxtil quanto no de confecções, houve queda. Já no Espírito Santo, houve recuperação apenas do segmento de confecção em 2009, apresentando queda no segmento têxtil.

Tabela 3.4.5.1 - Nível de utilização da capacidade instalada, 2007/2009 (%)						
Descrição	Brasil			Espírito Santo		
	2007	2008	2009	2007	2008	2009
Indústria de transformação	82,4	82,6	79,8	83,7	82,9	78,1
Fabricação de produtos têxteis	84,9	84,2	81,9	88,4	76,5	71,3
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	81,9	81,7	81,8	87,1	86,2	87,3

Fonte: CNI.

É necessário aumentar a competitividade do setor através de diferentes abordagens. De acordo com a CNI, é essencial:

- Desenvolvimento de produtos e *design*;
- Aperfeiçoamento da manufatura e flexibilidade;
- Desenvolvimento da marca, comercialização e distribuição.

3.4.6 Cafeicultura

O cultivo do café no Espírito santo teve início com a influência do Rio de Janeiro na metade do século XIX, consolidando-se no decorrer dos anos como a atividade econômica para o estado, consequentemente, para o Brasil.

O Espírito Santo tem grande destaque na produção cafeeira. O estado é o segundo maior produtor de café do Brasil, destacando-se o plantio das espécies Arábica e Conilon, sendo que para o Conilon é o primeiro colocado em produção nacional.

Tabela 3.4.6.1 - Indicadores do café arábica e do conilon, Espírito Santo, 2007 e ajustamento para 2025				
Indicadores	Café Arábica		Café Conilon	
	Situação (2007)	Ajustamento (2025)	Situação (2007)	Ajustamento (2025)
Área de produção (1.000 ha)	183,4	173,0	283,4	318,0
Produtividade (sacas beneficiadas/ha)	10,9	22,8	25,0	42,9
Produção (1.000 sacas beneficiadas)	2.000	3.936	7.400	13.630
Produção de café superior (1.000 sacas beneficiadas)	260	927	0	2.705

Fonte: SEAG.

25,0% do total da produção de café do Brasil saem do ES, sendo que 70,0% do total de café produzido no Estado é Conilon, presente em 65 dos 78 municípios capixabas, abrangendo tanto os aspectos

econômicos quanto os sociais. Os 30,0% restantes são Arábica.

Do total do produto exportado, 35,0% vão para o mercado dos EUA, 10,0% para a Argentina, 25,0% para a Alemanha, 10,0% para Itália e França. Além desses, em menor grau aparecem o Líbano e a Turquia.

Atualmente são produzidos 10 milhões de saca/ano (7 de café Conilon e 3 de Arábica). Os custos com transporte correspondem de 6,0 a 7,0% do valor final do produto.

A cadeia produtiva cafeeira é apresentada na figura abaixo, da sua origem até o destino final. A metade da produção vai para os EUA, Alemanha, Itália, Argentina, França, Turquia e Líbano.

Figura 3.4.6.1: Cadeia produtiva cafeeira

A mesorregião Sul apresenta a maior concentração dos hectares de café Arábica, com mais da metade do que é plantado no estado. O Conilon é diferente. A mesorregião Nordeste apresenta a maior concentração de hectares.

Tabela 3.4.6.2 - Distribuição e participação de área de produção de café no Espírito Santo

Mesorregião	Arábica hac. (%)	Conilon hac. (%)	Total hac. (%)
Nordeste	13,0	49,0	38,0
Litoral Norte	1,0	34,0	24,0
Central	35,0	10,0	17,0
Sul	51,0	7,0	21,0
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: CONAB.

O município de São Gabriel da Palha foi o primeiro no estado a investir na produção do café conilon, em virtude, principalmente, dos interesses da administração pública local, de produzir e distribuir gratuitamente as mudas aos produtores rurais, com o intuito de minimizar os efeitos do programa

de erradicação dos cafezais improdutivos. Atualmente, os maiores produtores do Espírito Santo são os municípios de Jaguaré, Sooretama, Vila Valério, São Mateus, Rio Bananal, Pinheiros, Nova Venécia e Linhares.

3.4.7 Fruticultura

A fruticultura capixaba foi comercialmente explorada a partir do final da década de 1960 com as lavouras de banana e do abacaxi. Atualmente tem destaque nacional também por várias outras frutas, principalmente pelo mamão, coco, morango, mexerica, abacate e maracujá.

A fruta que mais se destaca no estado é o mamão-*papaya*, que coloca o Espírito Santo em segundo lugar na geração de renda do setor, e maior exportador desta fruta do país. Encaminhando também para exportação de morango, goiaba, coco e polpas.

A tabela apresentada é referente à produtividade em quantidade por hectare em uma comparação da média brasileira com o Espírito Santo.

Tabela 3.4.7.1 - Produtividade (qt/ha) de lavouras permanentes, Espírito Santo e Brasil, 2009

Lavoura permanente	Medição	ES	BR
Abacate	Tonelada	11,7	16,3
Banana (Cacho)	Tonelada	10,0	14,0
Cacau (em amêndoa)	Tonelada	0,4	0,3
Coco-da-baía	Mil frutos	14,8	6,9
Goiaba	Tonelada	23,3	19,8
Laranja	Tonelada	10,1	22,0
Limão	Tonelada	20,2	21,7
Mamão	Tonelada	74,5	52,1
Manga	Tonelada	14,5	15,9
Maracujá	Tonelada	27,2	14,0
Pêssego	Tonelada	5,1	11,3
Tangerina	Tonelada	18,6	19,9
Uva	Tonelada	22,0	16,7

Fonte: IBGE/PAM.

Alguns dados do Instituto Capixaba de Pesquisa , Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER) são importantes destacar, como:

- A produção de **maracujá** ainda se concentra no Norte do estado, mas vem se expandindo para o Sul;

- A produção de **manga** no estado, iniciada há 6 anos, já atinge 5 mil toneladas;

- Atualmente, cerca de 70% da produção capixaba de **morango** é comercializada para

estados do Nordeste, especialmente Bahia e Pernambuco. As vendas, todavia, ainda tem muito espaço para crescer dentro do próprio estado, principalmente devido ao aumento da demanda pela fruta *in natura* em decorrência do melhor controle na qualidade do morango produzido em terras capixabas;

• A cultura do **mamão** capixaba apresenta hoje os maiores índices de produtividade do país, em torno de 80 toneladas do fruto por hectare, e encontra-se distribuída em onze municípios do Norte do estado. A região de Linhares é a mais importante exportadora de mamão do Brasil, responsável por 70% das vendas brasileiras do fruto ao exterior;

• O Espírito Santo apresenta a maior produção de **coco** por hectare do Brasil. Enquanto a produtividade nacional média é de sete mil frutos por hectare, a capixaba é o dobro, de quatorze mil. Em relação às exportações, o estado está em quarto lugar, comercializando mais de sete mil toneladas por ano;

• O Polo da **Tangerina** das Montanhas no Espírito Santo, lançada em 2010, tem como uma das metas a ampliação da área plantada para 850 hectares na região, numa expansão de 150 hectares em relação à situação atual. Fazem parte do polo os sete municípios que, juntos, detêm 80% da produção de tangerina do estado, a saber: Muniz Freire, Conceição do Castelo, Venda Nova do Imigrante, Domingos Martins, Marechal Floriano, Santa Maria do Jetibá e Santa Leopoldina, além de outros dez que possuem potencial para expansão;

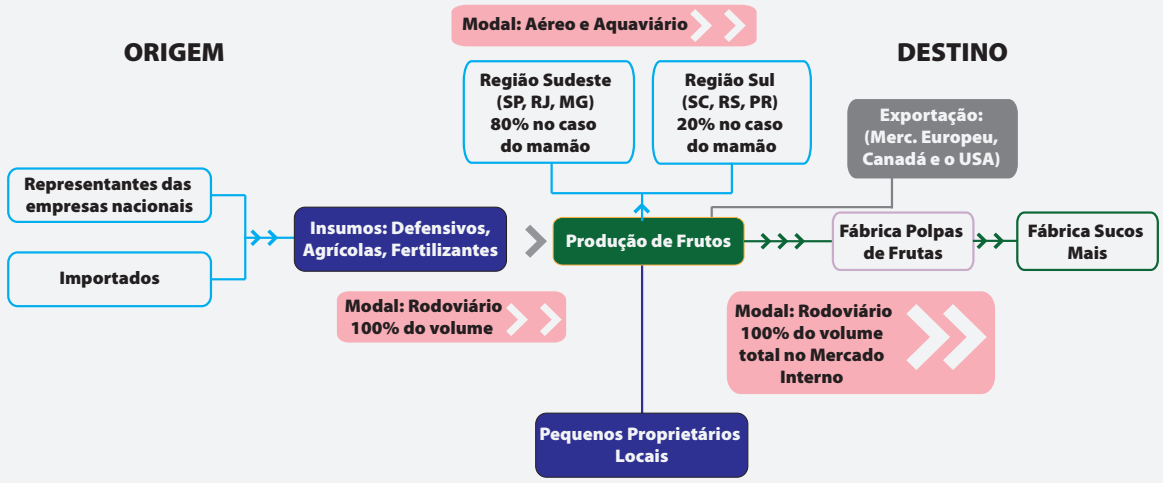
• Tradicionalmente, a cultura do **abacaxi** é praticada no Sul do Espírito Santo, com destaque para os municípios de Marataízes, Itapemirim e Presidente Kennedy. A produção de abacaxi vem ganhando destaque no cenário capixaba de fruticultura, passando de, aproximadamente, 20 mil para 35 mil toneladas nos últimos seis anos, numa taxa acumulada de crescimento de 45% ou, ainda, de 6,8% ao ano;

• A produção de **banana** possui grande importância social e econômica para o ES, com uma área plantada de aproximadamente 20 mil hectares, sendo responsável pela geração de emprego e renda para uma maioria de agricultores de base familiar envolvidos nos processos de produção e comercialização. Os principais municípios produtores são: Alfredo Chaves, Iconha, Guarapari, Anchieta, Rio Novo do Sul, Santa Leopoldina, Domingos Martins, Ibiraçu, Fundão, Viana, Cariacica e Mimoso do Sul. Nos últimos seis anos, a produção capixaba de banana ganhou fôlego e aumentou em 15% sua produtividade, passando de 25 para as atuais 35 toneladas por hectare.

A fruticultura capixaba ocupa uma área de 85 mil hectares, com uma produção anual da ordem de 1,2 milhão de toneladas, proporcionando uma renda superior a R$ 450 milhões/ano. É, portanto, uma atividade de grande benefício social e econômico, gerando empregos e oportunidades de negócios.

Na cadeia produtiva do setor de fruticultura, da origem até o destino final dos produtos, a colheita é voltada, tanto para o mercado de frutas ao natural, quanto para a indústria de processamento, suprindo a demanda do mercado.

Figura 3.4.7.1 - Cadeia produtiva da fruticultura



Os principais municípios produtores são: Linhares, Sooretama, Aracruz, São Mateus, Jaguaré, Conceição da Barra, Pinheiros e Montanha. No Sul do estado a maioria das lavouras são de banana e abacaxi, enquanto, na região Norte e Nordeste, predominam mamão, coco, maracujá e goiaba. Além disso, existem frutas típicas do clima temperado na área Centro Serrana.

O Transporte é realizado via rodoviario, aquaviario e aereo, sendo os dois ultimos destinados a exportação. Cerca de 27,0% a 28,0% fica no Espírito Santo, como commodities e como marcas.

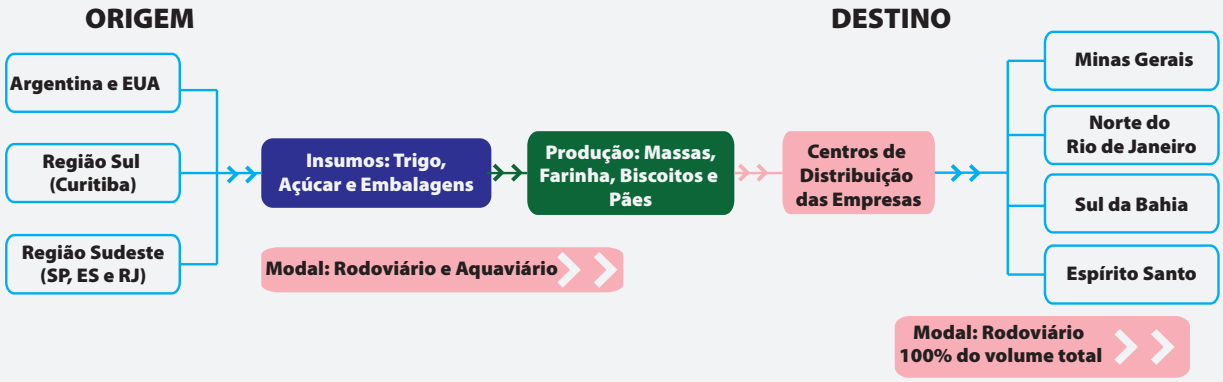
3.4.8 Alimentos e bebidas

Segundo o ES em Ação, o setor produtor de alimentos e bebidas compõe-se principalmente de micro, pequenas e médias empresas no País, cujo padrão de concorrência varia muito de segmento para segmento, sendo mais acirrado em alguns produtos e menos em outros. Este aspecto atomizado da produção certamente tem sido acompanhado por elevado grau de mortalidade das empresas. Apesar disso, atuam no setor empresas bem estruturadas e de grande porte, com grande capacidade competitiva e de expansão.

O setor capixaba é composto por empresas tanto no ramo de bebidas, como no de alimentos.

Na produção de alimentos as principais indústrias do setor são: Garoto, Buaiz, Viloni, Frisa e outras pequenas e microempresas.

Figura 3.4.8.1 - Cadeia produtiva de alimentos



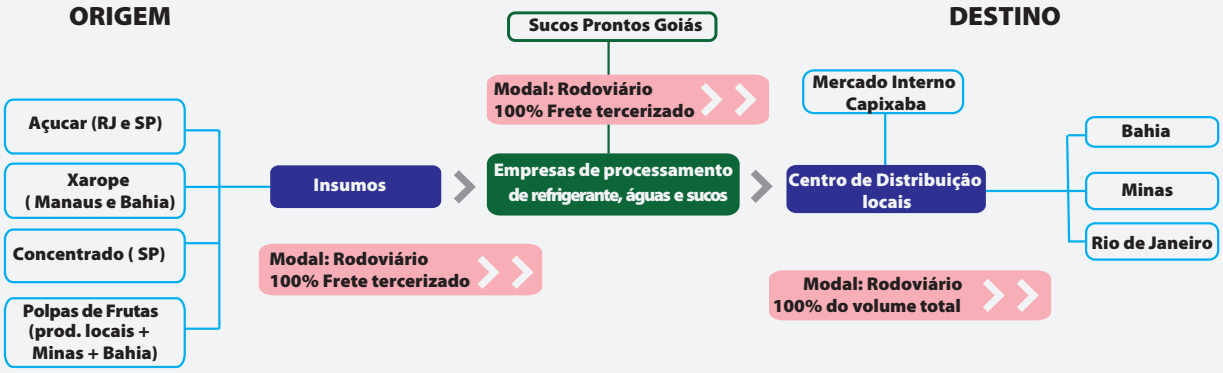
O transporte é realizado majoritariamente pelo modal rodoviário, utilizando-se essencialmente as BRs 101 e 262. Somente o trigo chega de navio, oriundo principalmente da Argentina.

Os produtos são consumidos em sua maioria pelo estado.

São processadas cerca de 110 mil toneladas de farinha de trigo ao ano, destas, 70 mil toneladas são consumidas no ES, o restante é vendido para Minas Gerais, Rio de Janeiro e Sul da Bahia. O consumo capixaba de trigo fica na média de 130 mil toneladas/ano.

O estado apresenta também uma produção consolidada no ramo de bebidas, principalmente refrigerantes, sucos e águas. Os destinos da produção são divididos em mercado interno, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.

Figura 3.4.8.2 - Cadeia produtiva de bebidas



Os fabricantes de refrigerantes e produtores de água mineral do estado estão unidos através da Afebrás, uma associação fundada com o objetivo de melhorar as práticas e tornar o setor competitivo para que tenha condições de fazer frente aos produtos multinacionais.

Uma média de 60 carretas de insumos chegam às empresas todos os meses.

As tendências do mercado atual estariam voltadas para a especialização do mercado de sucos, principalmente sucos mistos, e a ampliação de produtos. Os chás e águas saborizadas são percebidos como a maior tendência do mercado atual.

O setor encontra-se ainda em estágio embrionário de maturidade. De forma resumida, a indústria de alimentos e bebidas, de acordo com o ES em Ação, pode ser definida como:

- Produções majoritariamente de substituição de importações: segmentos de doces e condimentos, torrefação e moagem de café, bebidas, abate e industrialização de aves e suínos;

- Produções majoritariamente exportadoras: balas, chocolates e sorvetes; e

- Produções em transição para a exportação: biscoitos, massas e abate/industrialização de bovinos.

Existem diversos problemas enfrentados pelo setor no mercado local e nacional, dos quais se citam:

- Baixo nível de articulação entre empresas e instituições externas de pesquisa e de apoio do setor;

- Presença agressiva de marcas nacionais, e até internacionais, acabam condicionando a atuação empresarial local;

- Mudanças profundas na relação com o varejo, tanto de escala (hipermercados, shoppings), quanto de escopo (difusão da automação de base microeletrônica e de novas técnicas organizacionais);

- Crescimento lento da economia gera pouco estímulo à competitividade nos setores de alimentos poucos diferenciáveis, que dependem fortemente dos níveis de salários e de emprego;

- No setor de refrigerantes ocorre acirrada concorrência de marcas de segunda linha, pejorativamente chamadas de "tubaínas", que acabam desqualificando o mercado;

- Grande informalidade, como a existente no setor de abate de animais, principalmente de bovinos, e da produção de cachaça, dificulta a permanência de firmas legalmente constituídas; e

- No setor de abate e preparação de carnes, há enormes perdas devido à baixa taxa de ocupação da capacidade instalada, em boa parte devido à insuficiência de matéria-prima na região.

3.4.9 Logística

O desempenho positivo apresentado pela economia do Espírito Santo está ligado principalmente na expansão e fortalecimento de sua inserção nas relações comerciais com o mercado nacional e internacional, o que faz da logística um dos fatores estratégicos para o seu desenvolvimento social e econômico.

A localização do estado é estratégica e destaca-se pelo excelente potencial para integração dos diversos modais de transporte com os demais estados, principalmente os outros da região Sudeste. Além disso, com o perfil voltado para o comércio exterior, o estado é o um dos principais destinos de entrada e saída de produtos.

No Espírito Santo estão localizados grandes operadores de logística, com ligações predominantes no comércio exterior. Grandes empresas como Fibria, ArcelorMittal, Vale e a Samarco dependem da logística em suas operações.

O setor é de grande importância para a economia capixaba. O número de empregados formais no estado passam atualmente de 40.000, sendo um crescimento de mais de 15,0% nos últimos 4 anos. Quando analisado pelo número de estabelecimentos esse crescimento é de cerca de 8,0%.

De acordo com o ES em Ação, o capital logístico é fundamental para o desenvolvimento, pois é através dele que é implementada a competitividade do estado e do setor.

Esse capital apresenta-se nas formas de:

- Qualidade da infraestrutura em geral;
- Disponibilidade de água, energia e sistema de telecomunicação;
- Qualidade da infraestrutura rodoviária, ferroviária e aeroviária; e
- Qualidade do setor de transporte.

Um dos maiores potenciais do estado é sem dúvida o complexo portuário. Com capacidade para movimentar grande variedade de cargas, o complexo portuário capixaba aparece com expressiva participação no modal aquaviário nacional, apresentando uma *performance* superior em volume exportado em toneladas quando comparado com os demais portos nacionais. Entretanto, o valor exportado em US$ FOB é inferior ao Porto de Santos, já que o volume exportado pelo Estado do Espírito Santo é, predominantemente, de produtos de baixo valor agregado.

O modal capixaba se mostra competitivo em relação aos demais modais e apresenta vantagens significativas quando a comparação é o custo de frete, integridade das cargas, histórico de sinistros e gerenciamento de riscos. Entretanto apresenta numerosos gargalos que impedem a sua operação de maneira mais eficiente.

Além do setor em geral, é importante também analisar a situação de alguns modais logísticos, como pesquisado pela Confederação Nacional do Transporte (CNT).

Tabela 3.4.9.1 - Classificação do estado geral das rodovias, 2012

Região	Em percentual					
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total
Espírito Santo	4,5	24,4	45,1	22,9	3,2	100,0
Sudeste	20,9	29,0	27,8	16,8	5,6	100,0
Brasil	9,9	27,4	33,4	20,3	9,0	100,0

Fonte: CNT.

Tabela 3.4.9.2 - Classificação da pavimentação das rodovias, 2012

Região	Em percentual					
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total
Espírito Santo	47,8	0,5	41,9	7,7	2,1	100,0
Sudeste	55,8	5,6	28,1	8,5	1,9	100,0
Brasil	49,0	5,1	33,4	8,6	3,9	100,0

Fonte: CNT.

Para uma melhor análise do setor, abaixo são identificados os pontos fracos que precisam ser trabalhados:

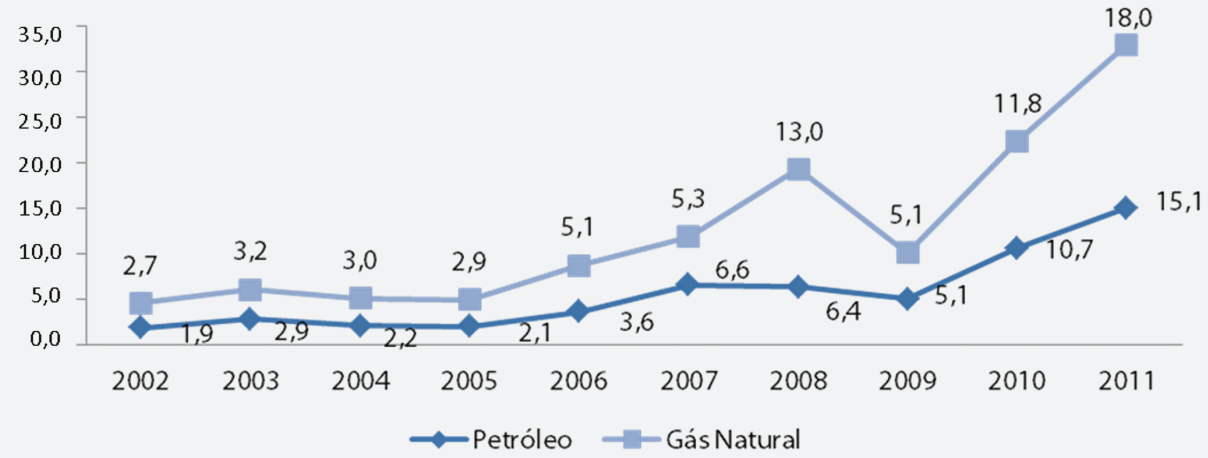
- Falta de projetos finalizados (com avaliação de viabilidade);
- Baixa qualidade das estradas estaduais;
- Modelo atual dos transportes urbanos;
- Restrições para atender a pequenos embarcadores, por parte do sistema rodoviário atual;
- Limitações operacionais apresentadas pelo ramal ferroviário que atende à região Sul do estado;
- Único operador de contêiner, com limitações operacionais;
- Limitação de calado na bacia de Vitória, que necessita de conclusão de dragagem; e
- Falta de retroárea no porto de Vitória.

3.4.10 Petróleo e gás

No cenário internacional o petróleo é muito importante e haverá por muitos anos demanda por ele. Com desenvolvimento de países emergentes, uma maior porcentagem da população mundial passará a ter acesso a energia.

Ao longo dos últimos dez anos o estado do ganhou destaque nacional no setor de petróleo e gás. Em 2002, o estado era responsável por 1,9% da produção de petróleo nacional e 2,7% da produção de gás. Em 2011 o estado produziu 15,1% do petróleo nacional e 18,0% do gás, passando a ser o segundo maior produtor nacional.

Gráfico 3.4.10.1 - Participação do Espírito Santo na produção de petróleo e gás no Brasil, 2002/2011 (%)



Fonte: ANP.

A cadeia de valor do petróleo e gás está dividida em três fases: Upstream, Midstream e Downstream.

- *Upstream* divide-se em outras três:
  - Exploração: refere-se às pesquisas e estudos a serem realizados na região a ser explorada;
  - Desenvolvimento: envolve a adequação de infraestrutura necessária para produção;
  - Produção: basicamente é a extração do produto bruto e sua preparação para o transporte.
- *Midstream* é a logística e o transporte do material bruto até as refinarias, e
- *Downstream* envolve o refino e comercialização do produto.

O estado se diferencia dos demais em relação a suas fontes, possuindo poços e campos em terra, águas rasas, profundas e ultraprofundas. A qualidade do petróleo também é variada com fontes de óleos leves e pesados.

Como destaque para óleos leves, o Campo de Golfinho, situado no norte do estado, possui uma reserva estimada em 450 milhões de barris. Além disso, o Parque das Baleias, situado no Sul do estado, somou uma reserva de 1,5 bilhões de barris em 2010.

Outra área que ganhou destaque dentro do setor de petróleo e gás é o pré-sal. O Espírito Santo vem despontando com o Campo de Jubarte, também no sul capixaba, onde está localizado o segundo maior polo do Brasil de pré-sal. As grandes vantagens no campo de Jubarte em relação ao restante do país são a menor distância da costa, a menor lâmina d'água e a menor camada de sal a ser perfurada. Essas vantagens juntas reduzem custos operacionais e logísticos.

Estão presentes no estado empresas como Petrobras, Shell, Amerada HessChein, Chevron Texaco, Wintershall e Vitória Ambiental, entre outras.

Para os próximos anos, está previsto pela Petrobras o desenvolvimento da produção para o Parque das Baleias e para o Parque dos Doces, além das atividades de desenvolvimento da produção das operadoras privadas, especialmente a Shell e, provavelmente, a Perenco.

Além disso, diversas áreas ainda se encontram na fase exploratória, sendo que algumas delas apresentam excelentes perspectivas de descoberta.

Os investimentos privados previstos no Espírito Santo para os próximos anos são superiores a R$ 50 bilhões. Destes, mais de 80,0% estão destinados para o setor de petróleo e gás, desmembrados de uma melhor forma no capítulo 7.

Importante destacar que essas grandes empresas já instaladas ou em instalação tenderão a trazer outras empresas de menor porte para o estado e consequentemente emprego e renda para a população local. Com isso espera-se um maior desenvolvimento do Espírito Santo.

Como consequência do desenvolvimento do setor petróleo, os demais setores serão desenvolvidos devido a necessidades da população e empresas onde os investimentos serão realizados.

Por tudo, a perspectiva é de aumento da produção de petróleo e gás no Espírito Santo, com indicação clara que o setor ainda tem muitas oportunidades a oferecer para o desenvolvimento econômico do estado.

4 PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE

4.1 Produtividade e Competitividade

Para um estado ser competitivo é preciso ser produtivo. Deve-se considerar que produtividade e competitividade são assuntos distintos, mas que se completam. A produtividade é produzir mais com a mesma quantidade ou com menos recursos, já a competitividade é definida pela capacidade e a posição do estado em comparação com seus concorrentes de mercado.

Uma conclusão pode ser retirada desses dois conceitos distintos: "pode-se aumentar a produtividade sem afetar a competitividade e pode-se aumentar a competitividade sem aumentar a produtividade". Para tal conclusão, é preciso distinguir os itens de análise um do outro.

No caso da produtividade, leva-se em consideração a produção em quantidade, independente da qualidade do material e/ou serviço. Os grandes mercados se empenham na implementação de programas de qualidade total, cujos resultados não só garantem a plena satisfação dos clientes como também reduzem os custos de operação, minimizando as perdas, diminuindo consideravelmente os custos com serviços externos e otimizando a utilização dos recursos existentes.

Produtividade é a eficiência com a qual os insumos são transformados em produção. O aumento da produtividade é uma condição fundamental para o crescimento sustentado. Entre os fatores que contribuem para o desempenho pífio da produtividade de um estado ou país estão as deficiências de educação e infraestrutura.

Cada vez mais, as indústrias usam equipamentos tecnológicos sofisticados e exigem uma boa formação educacional dos seus trabalhadores, mas no Brasil, por exemplo, apenas 20,0% dos funcionários do setor terminaram a universidade. Além disso, o Brasil ainda tem uma baixa integração com a economia global.

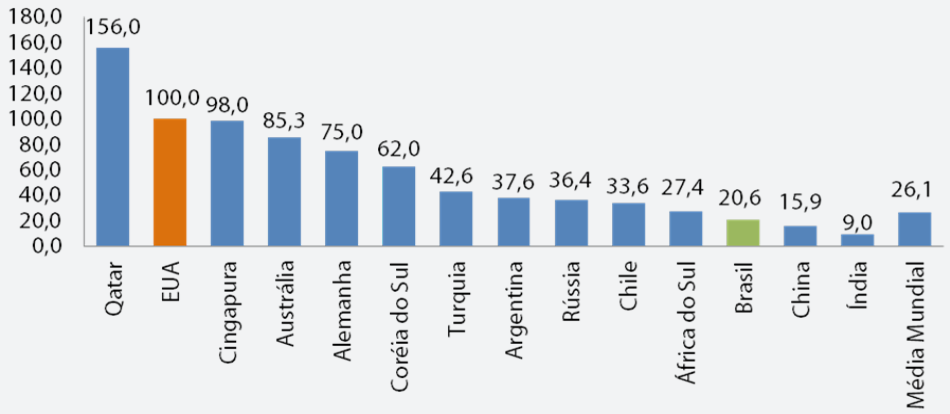
Um importante exemplo de produtividade é a China. Sua indústria de transformação teve um aumento de 808,0% nos últimos 30 anos, entretanto no Brasil esse número caiu 30,0%.

Para alcançar níveis internacionais de competitividade, a produtividade da indústria brasileira precisa crescer a uma taxa anual de 4,5% até 2022, estima a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Nas últimas duas décadas o avanço foi de apenas 2,3% a cada ano, uma taxa tímida se comparada a de países como Estados Unidos, França e Japão, cuja produtividade aumentou mais de 3,0% em média, e muito distante da registrada pela Coreia do Sul, que teve crescimento anual de 8,0%.

Outro fator importante é que são necessários cinco trabalhadores brasileiros para produzirem o que produz um trabalhador americano. Os argentinos também têm melhor produtividade, pois são necessários dois trabalhadores brasileiros para produzirem o que produz um trabalhador argentino.

Gráfico 4.1.1 - Produtividade em relação aos EUA

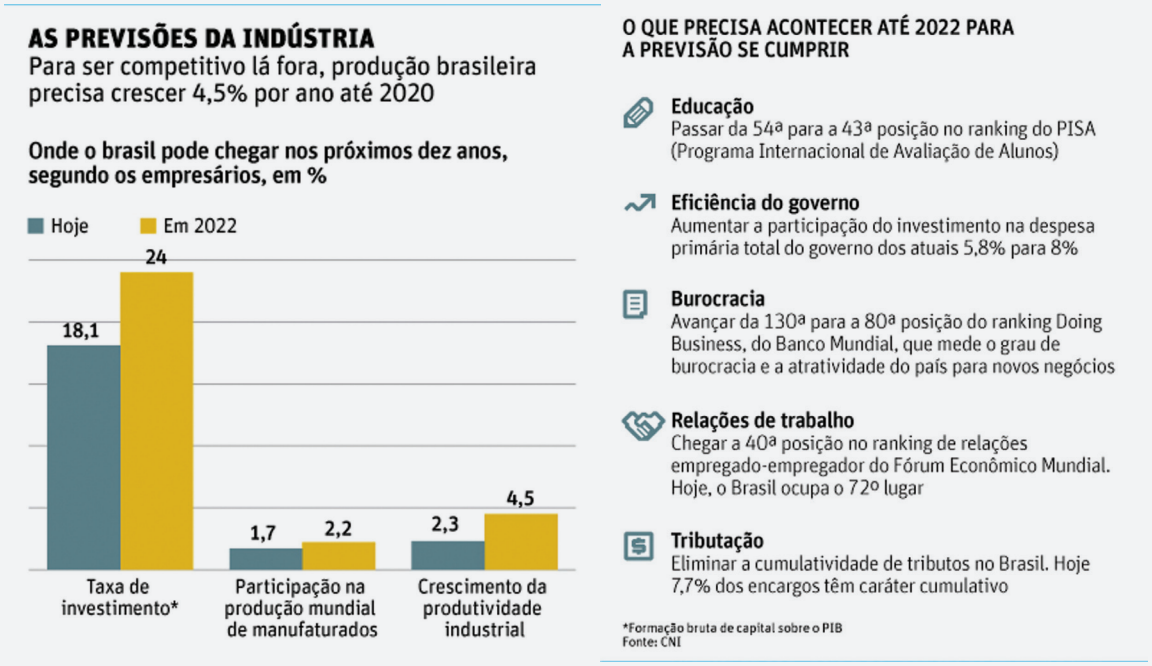


Fonte: Conference Board.

Dentre as previsões, está a de que o Brasil deverá ampliar a taxa de investimento global de 18,0% para 24,0%. Um salto que seria capaz de alinhar o país com o praticado no restante do mundo. Em 2012, a taxa média global ficou em 23,6%.

Tal avanço dependerá principalmente da iniciativa privada. Dos 18,0% investidos no país, 14,0% vêm do setor privado e apenas 4,0% do governo.

Figura 4.1.1 - Previsões e ações para a indústria brasileira, 2013-2022



Fonte: Exame.

O estado precisará atuar. A previsão é que o governo federal eleve a participação do investimento em sua despesa primária total dos atuais 5,8% para 8,0%.

A competitividade está diretamente ligada à eficiência. Ela é a base de sucesso ou fracasso de um estado ou país onde há livre concorrência. Uma das estratégias utilizadas para determinado local ser cada vez mais competitivo é a diferenciação de produto e/ou serviços, sendo essencial uma gestão da qualidade e uma governança eficiente.

A competitividade, diferente da produtividade, tem como base diversos fatores que influenciam seu resultado. Os fatores ordenados por importância pelos mercados consumidores são:

- Preço baixo;
- Qualidade alta;
- Entrega rápida;
- Entrega confiável;
- Produtos e serviços inovadores;
- Ampla gama de produtos; e
- Habilidade de mudar a quantidade ou prazo de entrega dos produtos e serviços.

Com a determinação desses fatores, conclui-se que a operação precisará ser excelente em:

- Custos;
- Qualidade;
- Rapidez;
- Confiabilidade;
- Flexibilidade produto/serviço;
- Flexibilidade mix ou composto; e
- Flexibilidade volume e/ou entrega.

Para ser competitivo é necessário ter informação sobre o mercado de atuação, conhecer o ambiente externo e o ambiente interno, definindo caminhos. Além disso, é preciso levar em consideração a atuação dos seus concorrentes diretos, fornecedores, clientes, inovações (desenvolvimento de novos produtos), estratégias mercadológicas, gerenciar materiais e operações e outros aspectos relevantes para garantir sua participação no mercado.

O Brasil passou do 40º lugar em 2009 para o 51º em 2013 no *ranking* de competitividade global da Escola de Negócios da Suíça (IMD). O *ranking World Competitiveness Center (WCC)* avaliou a competitividade em 60 economias e trouxe a evolução geral desde 2009 para cada uma delas. Neste período, essa é a pior posição ocupada pelo País.

Em 2013, China (21º) e Rússia (42º) foram os únicos países do grupo dos BRICs que cresceram no *ranking* liderado pelos Estados Unidos.

O Brasil aumentou sua posição apenas no *ranking* de desempenho econômico, passando de 47º lugar para 42º, e perdeu em eficiência governamental, eficiência dos negócios e infraestrutura.

Quadro 4.1.1 - Classificação por critério de avaliação do Brasil no Índice de Competitividade, 2013

Critério	Posição em 2012	Posição em 2013
Desempenho Econômico	47º	42º
Eficiência Governamental	55º	58º
Eficiência dos Negócios	27º	37º
Infraestrutura	45º	50º

Fonte: Exame.

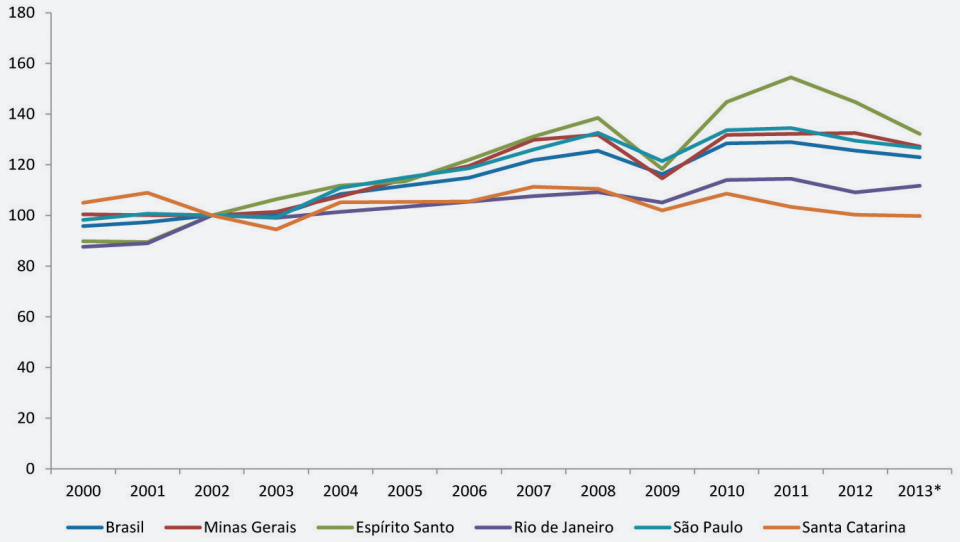
Para uma análise mais profunda de produtividade do Espírito Santo, será usada no presente trabalho a média do Índice Geral da Indústria e a média da Produção Física Industrial por setor, ambos os casos de 2000 a 2013 (até o mês de maio). Os números abaixo de 50 pontos indicam contração da atividade industrial.

A Pesquisa Industrial Mensal, no presente trabalho representada por uma média anual, baseada no relatório divulgado pelo IBGE, acompanha a evolução da produção e do mercado de trabalho na indústria.

Para a obtenção de índices reais, as variáveis monetárias da pesquisa são deflacionadas através de índices do IBGE e da FGV. Consideram-se algumas variáveis, tais como: Pessoal Ocupado na Produção (POP), Admissões (ADM), Desligamentos (DESL), Número de Horas Pagas na Produção (NHP), Valor dos Salários Contratuais (VSC), Valor das Horas Extras Pagas (VHE), Valor da Folha de Pagamento (VFP), Valor da Produção (VP) e Taxa de Rotatividade.

O gráfico abaixo mostra o Índice Geral das Indústrias entre os anos 2000 e 2013, em uma comparação do Espírito Santo com o Brasil e os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Gráfico 4.1.2 - Média Índice Geral da Indústria, 2000/2013



Fonte: IBGE/IJSN.

De acordo com a análise do gráfico, entre os estados apresentados o Espírito Santo apresenta o maior índice, despontando principalmente no ano de 2009.

A tabela a seguir apresenta essa evolução em números no decorrer dos anos.

Tabela 4.1.1 - Média Índice Geral da Indústria, 2000/2013

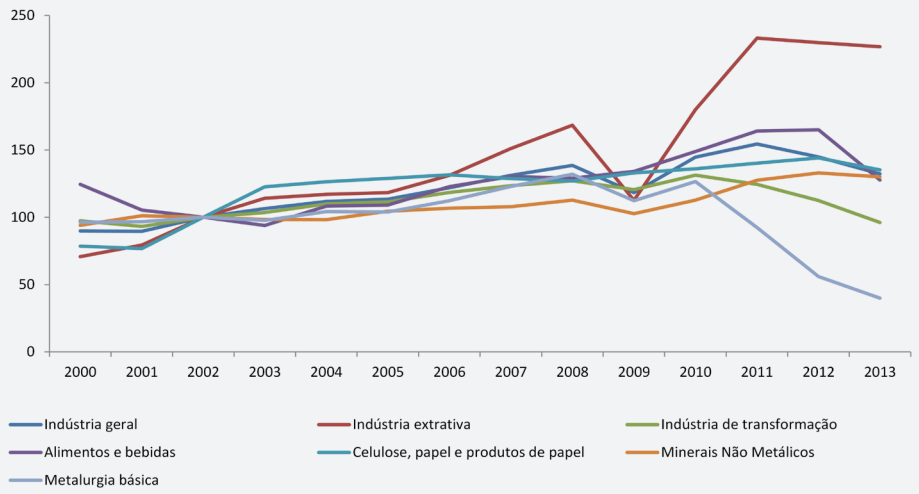
Ano	Número Índice (Base: média de 2002 = 100)					
	Brasil	Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	São Paulo	Santa Catarina
2000	95,8	100,4	89,8	87,6	98,2	105,0
2001	97,3	100,1	89,5	89,0	100,7	108,9
2002	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2003	100,0	101,4	106,4	99,0	99,2	94,5
2004	108,4	107,5	111,8	101,4	110,9	105,2
2005	111,7	114,3	113,4	103,4	115,0	105,3
2006	114,9	119,5	122,0	105,4	118,6	105,5
2007	121,8	129,8	131,1	107,6	126,0	111,3
2008	125,5	131,9	138,5	109,2	132,6	110,5
2009	116,3	114,6	118,3	105,1	121,4	102,0
2010	128,4	131,8	144,8	114,0	133,7	108,6
2011	128,9	132,2	154,5	114,5	134,5	103,4
2012	125,6	132,5	144,8	109,1	129,5	100,3
2013*	123,0	127,2	132,2	111,7	126,6	99,8

Fonte: IJSN.
*Dados referentes até maio/2013

A indústria capixaba cresceu entre os anos analisados 47,2%, atingindo em 2013, até o momento, o valor de 132,2 pontos. Esse valor é o maior entre os estados analisados e a média do Brasil, que é de 123,0 pontos.

O ano em que o estado apresentou o maior índice foi em 2011, quando chegou a 154,5, caindo no ano seguinte aos índices apresentados em 2010, de 144,8. Esse crescimento que o Espírito Santo obteve no decorrer dos últimos anos é representado principalmente pela Indústria extrativa, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

Gráfico 4.1.3 - Média Produção Física Industrial por setor, 2000/2013



Fonte: IBGE/IJSN.

Para apresentar a Produção Física Industrial por setor, entre os anos 2000 e 2013, conforme dados do IBGE, foram selecionados os setores: Indústria geral; Indústria extrativa; Indústria de transformação; Alimentos e bebidas; Celulose, papel e produtos de papel; Minerais não metálicos; e Metalurgia básica.

Tabela 4.1.2 - Média Produção Física Industrial por setor, 2000/2013

Mês	Número Índice (Base: média de 2002 = 100)						
	Indústria geral	Indústria extrativa	Indústria de transformação	Alimentos e bebidas	Celulose, papel e produtos de papel	Minerais Não Metálicos	Metalurgia básica
2000	89,8	70,8	97,4	124,4	78,6	94,1	96,2
2001	89,5	79,4	93,2	105,4	76,8	101,2	96,7
2002	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2003	106,4	114,1	103,5	93,9	122,7	98,3	97,6
2004	111,8	117,1	109,9	108,3	126,4	98,2	104,2

Continua...

...Continuação

Tabela 4.1.2 - Média Produção Física Industrial por setor, 2000/2013							
Mês	Número Índice (Base: média de 2002 = 100)						
	Indústria geral	Indústria extrativa	Indústria de transformação	Alimentos e bebidas	Celulose, papel e produtos de papel	Minerais Não Metálicos	Metalurgia básica
2005	113,4	118,3	111,5	109,1	128,9	104,5	103,9
2006	122,0	131,2	118,5	122,8	131,6	106,8	112,3
2007	131,1	151,1	123,5	130,3	128,8	107,9	122,9
2008	138,5	168,4	127,1	129,1	127,0	112,8	132,0
2009	118,3	112,6	120,5	134,1	133,0	102,7	112,3
2010	144,7	180,0	131,3	148,9	136,0	112,7	126,5
2011	154,5	233,2	124,5	164,1	140,2	127,5	92,3
2012	144,8	229,8	112,5	165,1	144,1	133,0	55,9
2013	132,2	226,7	96,1	127,6	135,2	130,1	39,9

Fonte: IBGE/IJSN.

A Indústria extrativa é o setor de destaque do estado do Espírito Santo. Entre os anos 2000 e 2013 o setor cresceu de 70,8 para 226,7, ou seja, um crescimento de 220,2%. Diferentemente da Indústria extrativa, a Metalurgia básica caiu drasticamente. Seu valor mais alto foi no ano de 2008, com 132,0, entretanto no ano de 2013, até o mês de maio, a média apresentada pelo setor foi de 39,9, número bem inferior ao apresentado em 2000, que era de 96,2.

Os demais setores, com exceção de Indústria de transformação, obtiveram aumento entre os anos analisados.

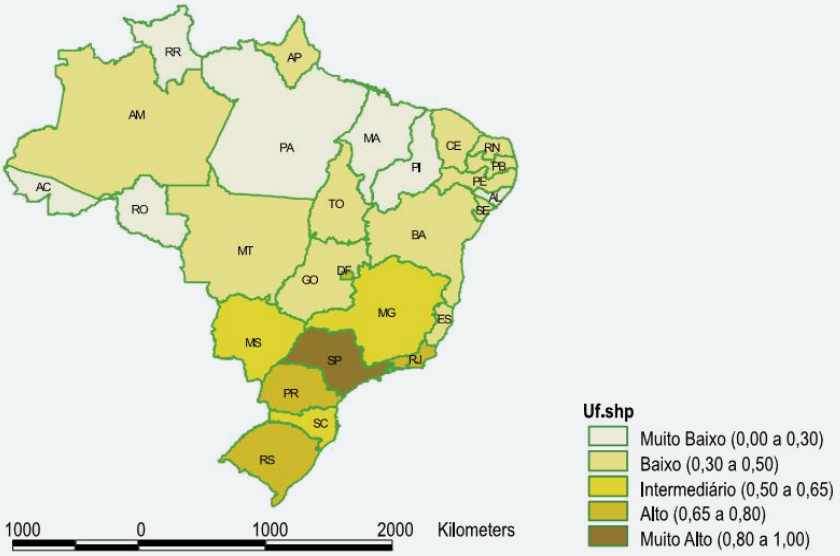
4.2 Índice de Competitividade Estadual – Fatores (ICE-F)

O Índice de Competitividade Estadual – Fatores (ICE-F) mede a inserção competitiva entre os estados brasileiros. Ele pode ser visto como um índice síntese de um sistema de indicadores, cujo conjunto de informações estatísticas busca expressar a abordagem de *Michael Porter* no que se refere às condições dos fatores produtivos associados ao conceito de competitividade.

De acordo com o documento elaborado pelo Movimento Brasil Competitivo (MBC), publicado no ano de 2006 com base no PIB de 2003 e sem atualização até o momento, esse índice leva em conta 5 categorias: recursos humanos; recursos físicos; recursos de conhecimento; recursos de capital, e infraestrutura.

O ICE-F realizou também a categorização das Unidades da Federação, visando uma distribuição do padrão competitivo nacional. De acordo com o índice, as UF's foram divididas em 5 categorias: muito baixo (0,00 a 0,30), baixo (0,30 a 0,50), intermediário (0,50 a 0,65), alto (0,65 a 0,80) e muito alto (0,80 a 1,00).

Figura 4.2.1 - Categorização das Unidades de Federação, segundo o ICE-F



Fonte: MBC.

O Espírito Santo está no quadro de Unidades de Federação com tipologia baixa, juntamente com Bahia, Ceará, Pernambuco, Sergipe e etc. Deve-se investir em desenvolvimento de competitividade, uma vez que entre os estados da região Sudeste e Sul, o estado capixaba tem a pior categorização.

Cabe destacar que o único estado com tipologia muito alto é São Paulo, e tipologia alto estão Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

A tabela abaixo apresenta os resultados encontrados para cada estado e as ramificações do Índice de Competitividade Estadual para análise e comparação.

Quadro 4.2.1 - Resultados do ICE-F e seus grupos

UF	ICE-F		Qualificação da força de trabalho		Conhecimento e inovação		Infraestrutura	
	Índice	Rank	Índice	Rank	Índice	Rank	Índice	Rank
São Paulo	0,849	1	0,903	2	0,834	1	0,809	2
Rio de Janeiro	0,792	2	0,866	3	0,698	2	0,811	1
Distrito Federal	0,744	3	0,949	1	0,511	7	0,772	3
Rio Grande do Sul	0,711	4	0,720	4	0,692	3	0,722	5
Paraná	0,696	5	0,717	5	0,647	4	0,724	4
Santa Catarina	0,648	6	0,708	6	0,573	6	0,662	6
Minas Gerais	0,589	7	0,567	8	0,594	5	0,608	8

Continua...

...Continuação

Quadro 4.2.1 - Resultados do ICE-F e seus grupos								
UF	ICE-F		Qualificação da força de trabalho		Conhecimento e inovação		Infraestrutura	
	Índice	Rank	Índice	Rank	Índice	Rank	Índice	Rank
Mato Grosso do Sul	0,506	8	0,619	7	0,313	16	0,586	9
Espírito Santo	**0,475**	**9**	**0,482**	**11**	**0,333**	**12**	**0,610**	**7**
Pernambuco	0,436	10	0,529	10	0,357	8	0,423	13
Paraíba	0,432	11	0,540	9	0,356	9	0,399	15
Sergipe	0,408	12	0,459	12	0,258	20	0,505	11
Rio Grande do Norte	0,400	13	0,365	19	0,344	10	0,491	12
Goiás	0,401	14	0,394	15	0,302	17	0,506	10
Amazonas	0,385	15	0,426	13	0,330	13	0,400	14
Ceará	0,352	16	0,387	16	0,336	11	0,331	22
Mato Grosso	0,343	17	0,402	14	0,262	19	0,366	19
Bahia	0,341	18	0,327	20	0,317	15	0,377	18
Amapá	0,329	19	0,309	22	0,320	14	0,359	20
Tocantis	0,312	20	0,367	18	0,232	26	0,336	21
Pará	0,299	21	0,377	17	0,235	24	0,284	24
Alagoas	0,299	22	0,266	24	0,248	21	0,382	16
Acre	0,299	23	0,323	21	0,285	18	0,287	23
Roraíma	0,295	24	0,279	23	0,222	27	0,382	17
Piauí	0,237	25	0,211	25	0,242	23	0,257	26
Rondônio	0,225	26	0,177	26	0,234	25	0,265	25
Maranhão	0,192	27	0,154	27	0,246	22	0,176	27
Média Brasil	**0,444**	**-**	**0,475**	**-**	**0,382**	**-**	**0,475**	**-**

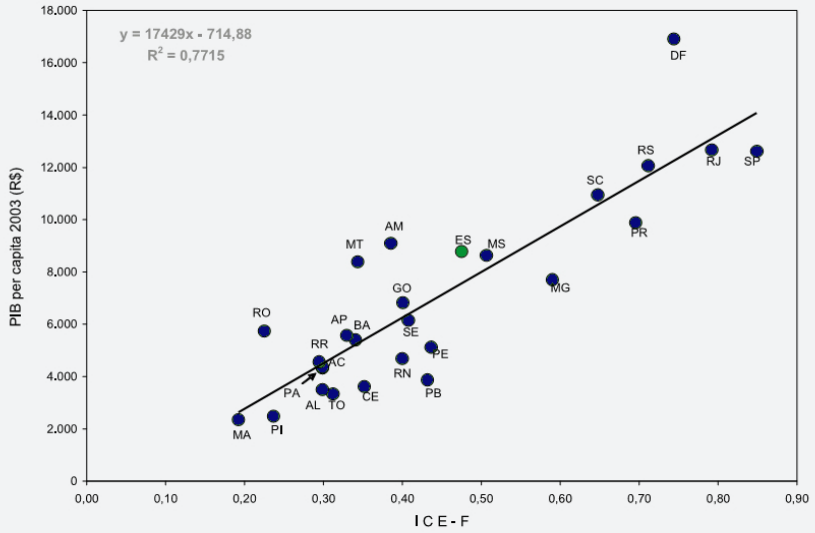
Fonte: MBC.

Pela tabela observa-se que os cinco melhores estados são: São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Paraná. O Espírito Santo está em 9º lugar dentre os 26 estados e o Distrito Federal. Se analisado o Espírito Santo pelas ramificações (grupos) que compõem o índice, o estado, com exceção da condicionante conhecimento e inovação, encontra-se acima da média nacional. Na classificação da força de trabalho, por exemplo, o estado possui um índice de 0,482, enquanto a média nacional é de 0,475. Esse número coloca o Espírito Santo na 11ª posição. Em conhecimento e inovação ele está na 12ª colocação. A melhor colocação foi na análise da infraestrutura, ficando na 7ª posição, à frente de estados como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Outra questão importante a se levar em conta é o PIB *per capita*, pois, através dele, é possível analisar o padrão de vida da população de determinado local. Além disso, existe uma forte correlação entre o índice aqui estudado e seus grupos com o PIB *per capita* estadual.

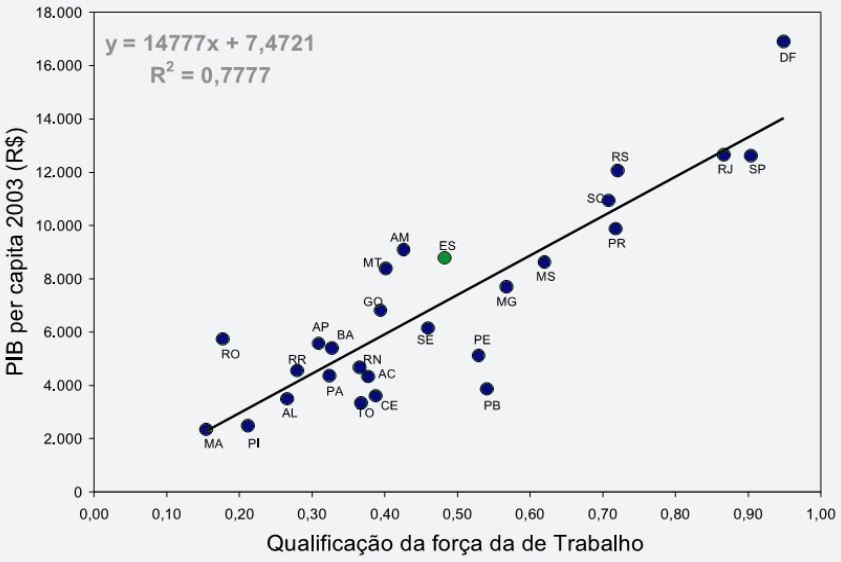
Nos gráficos abaixo, os estados posicionados acima da reta de ajustamento refletem uma desempenho mais positivo de geração de PIB *per capita* em face de suas condições competitivas, enquanto o inverso vale para aquelas posicionadas abaixo da linha.

Gráfico 4.2.1 - Relação entre o PIB per capita e o ICE-F



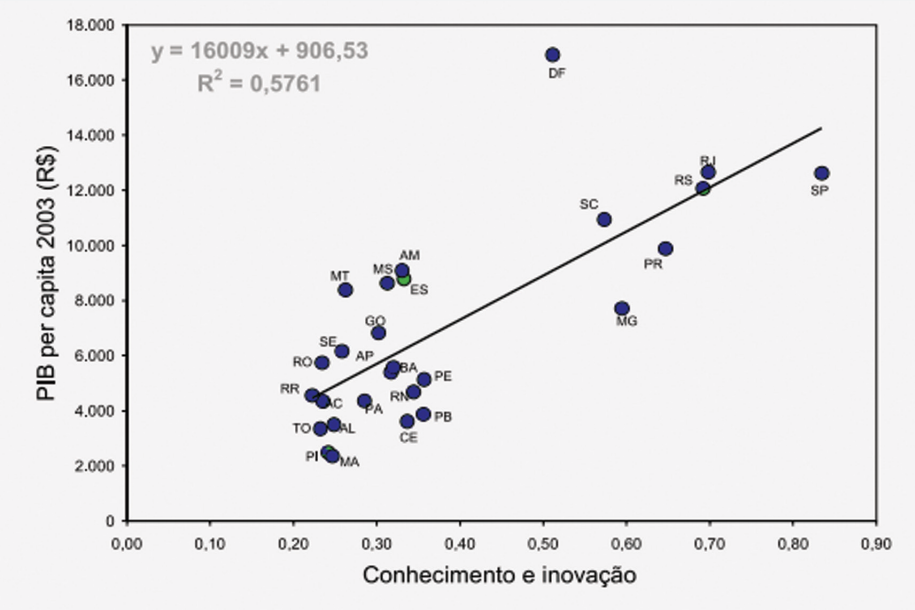
Fonte: MBC.

Gráfico 4.2.2 - Relação entre o PIB per capita e o índice do grupo qualificação da força de trabalho



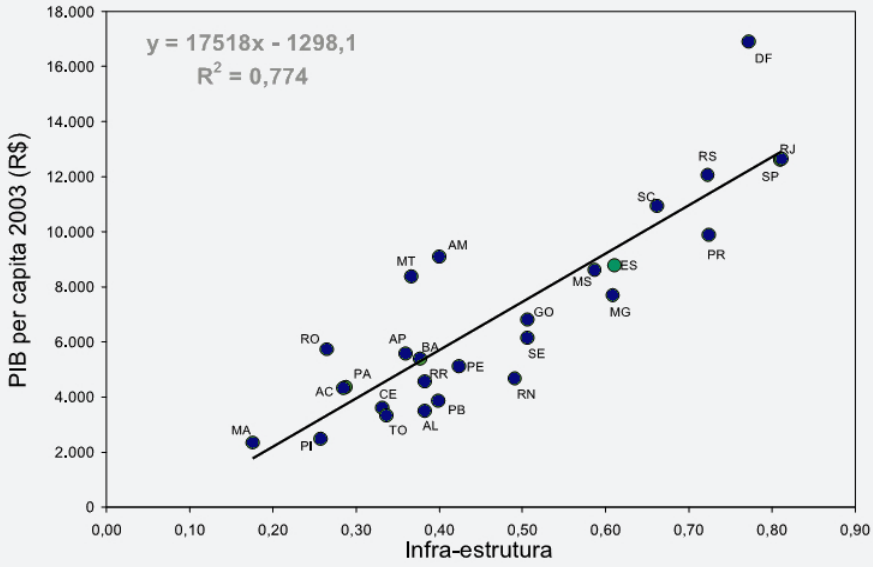
Fonte: MBC.

Gráfico 4.2.3 - Relação entre o PIB per capita e o índice do grupo qualificação do conhecimento e inovação



Fonte: MBC.

Gráfico 4.2.4 - Relação entre o PIB per capita e o índice do grupo infraestrutura



Fonte: MBC.

Com exceção dos grupos de qualificação do conhecimento e inovação, e infraestrutura, em todos os demais grupos e no índice geral o estado do Espírito Santo ficou acima da linha.

4.3 *Shift-Share* – Coeficiente de Especialização de Produtos

O modelo *Shift-Share*, também conhecido como *modelo diferencial-estrutural*, é uma técnica usada para a análise a *posteriori* da decomposição das mudanças. A flexibilidade deste modelo também permite que um mesmo produto possa ser comparado com ele mesmo, no decorrer do tempo, em, por exemplo, dois momentos distintos e, neste caso, ter-se-ia uma variação temporal, podendo assim, ser aplicado na evolução das atividades econômicas de uma região.

Para a análise do presente trabalho será utilizado o Coeficiente de Especialização (CE), que é uma medida relativa que detém uma capacidade de síntese, nomeadamente, quando se procura obter respostas a questões do tipo "qual o grau de especialização de uma determinada região?". O CE mede o grau de concentração que uma variável detém em relação aos setores da atividade econômica que nela estão implantadas. Como análise de resultado, deve-se saber que o coeficiente abaixo de 1,0 comprova uma fraca especialização do produto e os valores superiores a 1,0 são os com especialização superior. Quanto maior o coeficiente, maior o nível de especialização que o produto apresenta.

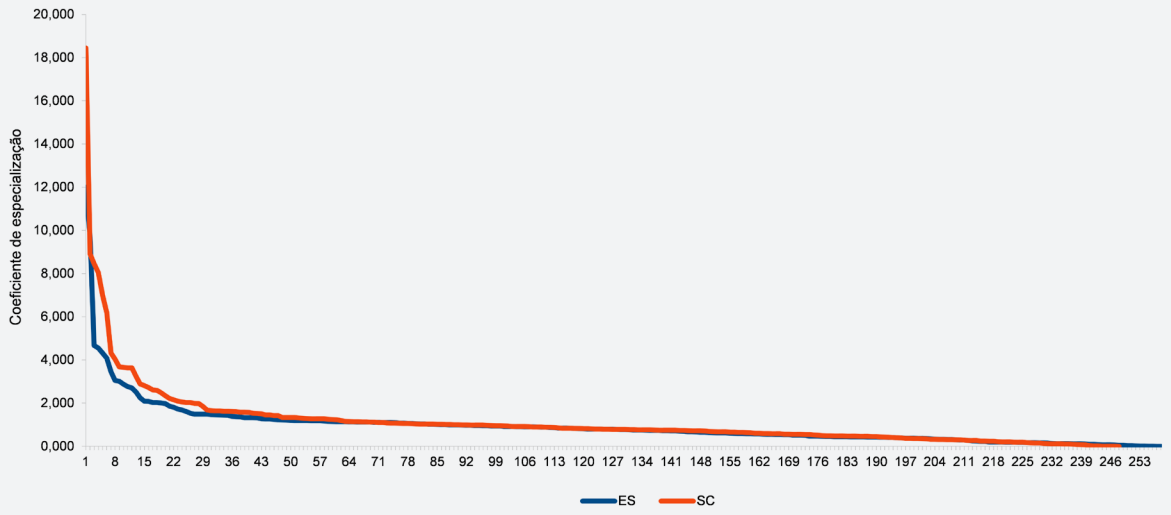
O CE permite, deste modo, atribuir um valor de especialização a cada região em análise. No entanto, mantém, limitações de interpretação ancoradas à Região Padrão.

Para comparação do Coeficiente de Especialização foi escolhido o estado de Santa Catarina. Os dois estados apresentam uma curva de especialização muito parecida, conforme gráfico abaixo.

A elaboração da curva foi realizada a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

O Espírito Santo possui 87 grupos de CNAE acima de 1,0, já em Santa Catarina esse número é de 90. Quando observada a atividade de especialização, no estado capixaba se destaca a especialização concentrada na Indústria Extrativa Mineral. Em Santa Catarina, a especialização é mais concentrada na indústria de transformação.

Gráfico 4.3.1 - Curva de Especialização Econômica, Espírito Santo e Santa Catarina



Para uma análise inicial, foram selecionados 10 produtos de suma importância para a economia capixaba no ano de 2011, comparando-se com o índice desses mesmos produtos no estado de Santa Catarina.

Dos produtos analisados, Extração de pedra, areia e argila é o que possui o maior coeficiente de especialização, valor superior ao coeficiente de Santa Catarina. Em seguida aparece a Extração de petróleo e gás natural. Esse coeficiente não está presente no estado de comparação com o Espírito Santo.

Tabela 4.3.1 - Coeficiente de Especialização Espírito Santo e Santa Catarina

Atividade	ES	SC
Extração de pedra, areia e argila	4,67	0,95
Extração de petróleo e gás natural	4,55	-
Extração de minerais não-metálicos	3,86	0,85
Extração de minério de ferro	3,45	-
Indústrias extrativas	3,01	0,75
Extração de minerais metálicos	2,25	0,01
Atividades de apoio à extração de petróleo e gás natural	1,46	-
Atividades de apoio à extração de minerais	1,39	0,03
Extração de outros minerais não-metálicos	0,89	0,48
Atividades de apoio à extração de minerais, exceto petróleo e gás natural	0,52	0,36

Foi realizada também uma classificação das 15 atividades econômicas do estado com maiores Coeficientes de Especialização e comparados com os números de Santa Catarina.

Tabela 4.3.2 - 15 maiores Coeficientes de Especialização do Espírito Santo comparados com os de Santa Catarina

Atividades	ES	SC
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel	12,00	-
Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não metálicos	9,67	1,03
Extração de pedra, areia e argila	4,67	0,95
Extração de petróleo e gás natural	4,55	-
Atividades auxiliares dos transportes aquaviários	4,32	1,44
Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	4,08	2,89
Extração de minério de ferro	3,45	-
Fabricação de cimento	3,05	0,40
Navegação de apoio	3,01	0,15
Atividades de apoio à produção florestal	2,88	0,96
Esgoto e atividades relacionadas	2,77	1,02

Continua...

...Continuação

Tabela 4.3.2 - 15 maiores Coeficientes de Especialização do Espírito Santo comparados com os de Santa Catarina		
Atividades	**ES**	**SC**
Siderurgia	2,70	0,12
Descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos	2,51	0,56
Tratamento e disposição de resíduos	2,24	0,65
Torrefação e moagem de café	2,09	0,10

Segundo a FUTURA, a atividade capixaba mais especializada é a Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel. Essa atividade possui um Coeficiente de Especialização de 12,00, porém não é possível comparar com o estado de Santa Catarina, pois ele não possui coeficiente para essa atividade.

Ainda fazem parte dessa lista atividades como: Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não metálicos, Extração de pedra, areia e argila, Extração de petróleo e gás natural e outros.

Nas atividades voltadas para a Indústria de transformação, se comparado com Santa Catarina, o estado só fica atrás em 3 atividades dos 15 maiores coeficientes. Cabe destacar as atividades voltadas para a celulose, para o APL de Rochas Ornamentais e o setor Metalmecânico, todos esses com alto Coeficiente de Especialização.

Tabela 4.3.3 - Os 15 maiores Coeficientes de Especialização da Indústria de Transformação, Espírito Santo e Santa Catarina		
Atividades	**ES**	**SC**
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel	12,00	0,00
Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não metálicos	9,67	1,03
Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	4,08	2,89
Fabricação de cimento	3,05	0,40
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	2,83	1,74
Siderurgia	2,70	0,12
Torrefação e moagem de café	2,09	0,10
Fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	2,02	1,53
Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos	2,01	0,77
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	1,84	0,83
Metalurgia	1,54	1,19
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes	1,45	1,61
Recondicionamento e recuperação de motores para veículos automotores	1,32	1,45
Fabricação de instrumentos musicais	1,31	0,76
Fabricação de outros produtos alimentícios	1,20	1,27

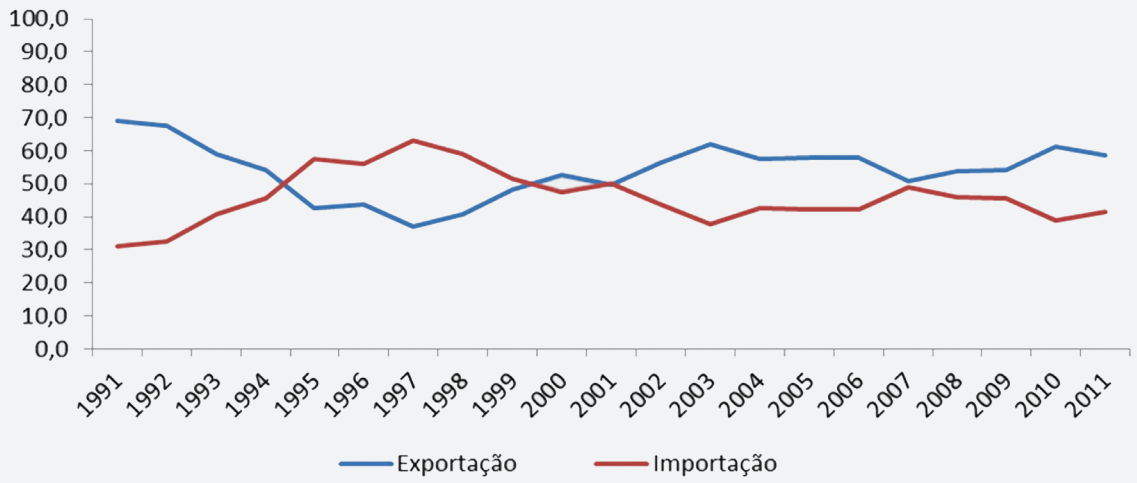
5 ESPÍRITO SANTO: TRANSAÇÕES COMERCIAIS INTERNACIONAIS E NACIONAIS

Para compreender como o estado se insere na questão de competitividade nacional e internacional, é necessário entender o funcionamento da balança comercial, tanto interna como externamente.

5.1 Transações comerciais internacionais

O exterior se caracteriza como principal mercado dos produtos capixabas. E essa tendência apresentou crescimento significativo nos últimos anos, tendo em vista que as exportações pelo Espírito Santo evoluíram de US$ 1,70 bilhão, em 1989, para US$ 15,16 bilhões, em 2011. A mesma forma ocorreu com as importações, que saltaram do patamar de US$ 0,59 bilhão para US$ 10,74 bilhões, no mesmo período.

Gráfico 5.1.1 - Relação de Exportação x Importação da balança comercial, Espírito Santo, 1991/2011(%)



Fonte: MDIC.

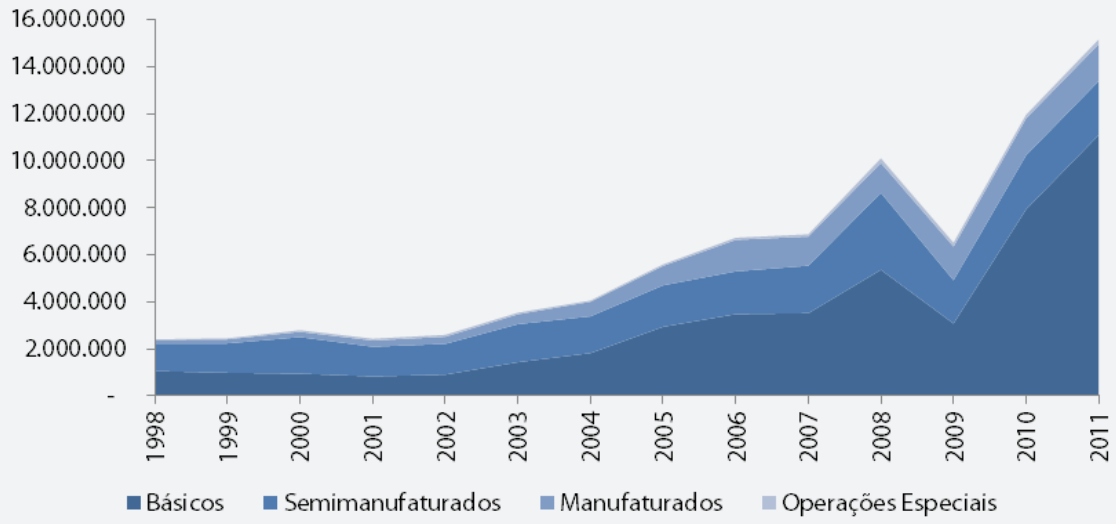
Percebe-se uma oscilação entre os números no decorrer dos anos, comprovando um desequilíbrio na balança até o ano 2000 e a dependência que a economia tem de alguns poucos produtos ou setores.

Os produtos básicos dominaram a pauta das exportações no período de 1998 a 2011, chegando a representar mais da metade do total das exportações, evoluindo de US$ 1.055,9 milhões, em 1998, para US$ 11.089,5 milhões em 2011, com uma queda para US$ 3.078,5, em 2009, em função da crise.

Assim, os produtos básicos somados aos produtos semimanufaturados, em geral, totalizaram 88,4% da pauta de exportações, em 2011. Os produtos manufaturados, embora com uma participação bem-inferior, apresentaram um crescimento no período de 1998 a 2011, tendo uma queda apenas nos anos de 2007 e 2008. O crescimento desse item foi de US$ 154,7 milhões, em 1998, para US$ 1.564,1 milhões, em 2011.

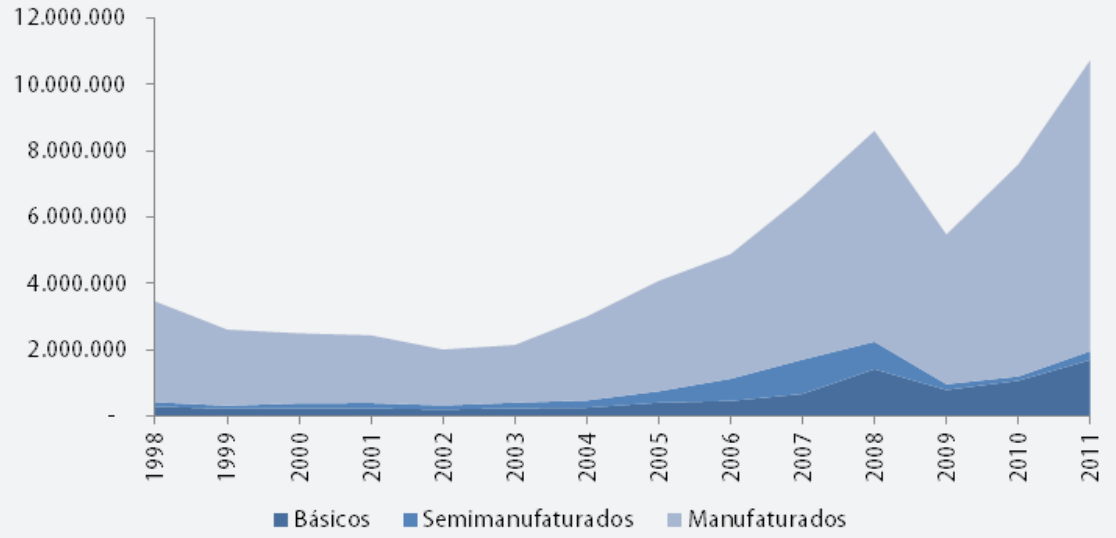
Por outro lado, os produtos manufaturados foram predominantes na pauta de importações do Espírito Santo, chegando a representar mais de 80% do total das importações, com um crescimento de US$ 3.035,9 milhões, em 1998, para US$ 8.768,4 milhões, em 2011.

Gráfico 5.1.2 - Perfil das exportações, Espírito Santo, 1998/2011 (US$ FOB milhão)



Fonte: MDIC.

Gráfico 5.1.3 - Perfil das importações, Espírito Santo, 1998/2011 (US$ FOB milhão)



Fonte: MDIC.

A tabela abaixo apresenta os 10 principais produtos exportados no estado nos anos 2000 e 2010.

Tabela 5.1.1 - 10 principais produtos exportados, Espiríto Santo, 2000 - 2010

2000			2010		
Produto	Valor (US$ mil FOB)	% do total	Produto	Valor (US$ mil FOB)	% do total
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	696.822	24,96	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	6.329.452	52,95
Outros prods. semimanuf.ferro/aço,c<0.25%,sec.transv. ret	650.985	23,32	Outros prods.semimanuf. ferro/aco,c<0.25%,sec.	1.134.292	9,49
Pasta quím.madeira de n/conif.a soda/sulfato,semi/branq	583.876	20,92	Pasta química.madeira de n/conif.a soda/sulfato,	1.063.818	8,90
Produtos semimanufaturados,de outras ligas de acos	289.916	10,39	Óleos brutos de petróleo	899.215	7,52
Café não torrado,não descafeinado,em grão	191.182	6,85	Outros granitos trabalhados de outro modo e s	561.628	4,70
Consumo de bordo - combustíveis e lubrif.p/ embarcações	67.560	2,42	Café não torrado,não descafeinado,em grão	388.744	3,25
Granito talhado ou serrado,de superfície plana ou lisa	61.062	2,19	Outros tubos flexíveis de ferro ou aço	365.808	3,06
Outros granitos trabalhados de outro modo e suas obras	39.647	1,42	Outros lamin.ferro/aço,l>=6dm,quente,rolos,e	181.419	1,52
Ferro fundido bruto não ligado,c/ peso<=0.5% de fósforo	30.457	1,09	Consumo de bordo - combustíveis e lubrif.p/em	148.521	1,24
Café solúvel,mesmo descafeinado	14.971	0,54	Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	123.412	1,03
Outros produtos	154.962	5,90	Outros produtos	709.846	6,34
Total	**2.781.440**	**100,00**		**11.906.155**	**100,00**

Fonte: MDIC.

Nos período de 2000 a 2010, a exportação de minérios de ferro, aglomerados e seus concentrados aumentou mais de 800,0%, tornando-se esse item responsável por 53,0% do total exportado no estado em 2010. Desses 10 principais produtos, 5 estão diretamente ligados ao minério de ferro e aço, o que mostra, de um lado, a importância desse segmento para a economia capixaba e, por outro, também a dependência da economia em relação a ele.

Chama a atenção o aumento do valor total das exportações. No período avaliado esse valor teve um crescimento superior a 300,0%

Quando analisadas as importações, identifica-se que o estado importa um grande volume de automóveis, sendo 5 dos 10 itens relacionados.

Com os novos cenários, em especial o fim do FUNDAP, estima-se que esse número possa cair, assim como representar uma nova oportunidade para o estado.

Tabela 5.1.2 - 10 principais produtos importados, Espírito Santo, 2000 - 2010

2000			2010		
Produto	**Valor (US$ mil FOB)**	**% do total**	**Produto**	**Valor (US$ mil FOB)**	**% do total**
Outros veículos automóveis c/ motor diesel,p/carga<=5t	138.088	5,51	Hulha betuminosa,não aglomerada	842.415	11,09
Outras hulhas,mesmo em pó,mas não aglomeradas	114.216	4,55	Automóveis c/motor explosão,1500<cm3<=3000,at	531.649	7,00
Catodos de cobre refinado/seus elementos,em forma bruta	97.475	3,89	Outros pneus novos para ônibus ou caminhões	177.635	2,34
Veículos automóveis p/ transp>=10 pessoas,c/motor diesel	95.118	3,79	Automóveis c/motor explosão,cm3>3000,ate 6 pa	155.777	2,05
Automóveis c/motor explosão,1500<cm3<=3.000 até 6 passag	70.482	2,81	Outs.escavadoras com capacid. carga>=19m3	137.077	1,80
Leite integral,em pó,matéria gorda>1.5%,concentr.n/adoc	50.336	2,01	Terminais portáteis de telefonia celular	135.973	1,79
Coques de hulha,de linhita ou de turfa	37.812	1,51	Hulha antracita,não aglomerada	132.183	1,74
Automóveis c/motor explosão,cil<=1000cm3	31.801	1,27	Malte não torrado,inteiro ou partido	129.435	1,70
Locomotivas diesel-elétricas	28.985	1,16	Caminhões-guindastes cap.max. de elev.>=60t,ha	126.835	1,67
Roteadores digitais,vel.interface serial>4mbits/s,etc.	27.278	1,09	Pneus novos para automóveis de passageiros	84.420	1,11
Outros produtos	1.787.230	72,71	Outros produtos	5.144.616	67,71
Total	**2.478.821**	**100,00**		**7.598.015**	**100,00**

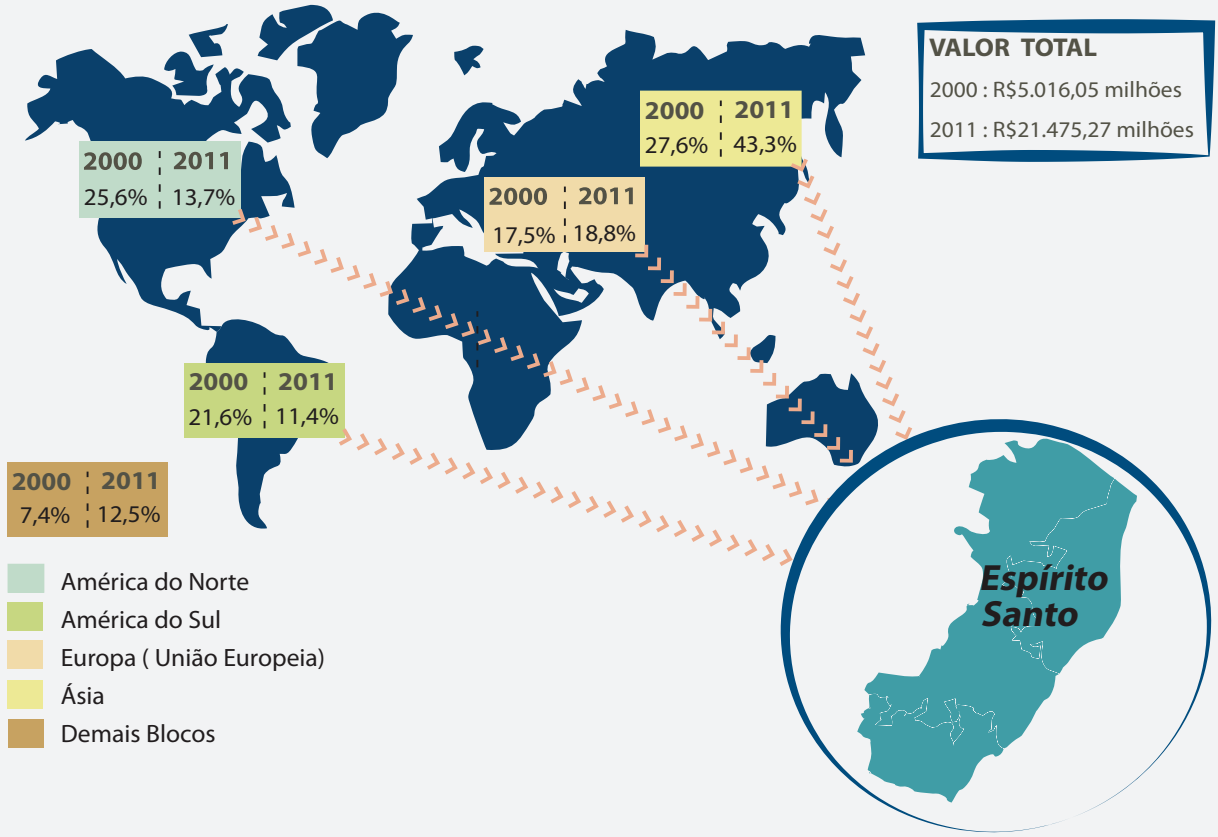
Fonte: MDIC.

Das importações do estado, a Ásia continua sendo o principal mercado, com um crescimento de 15,7 pontos percentuais no período de 2000 a 2011. Outro exportador importante para o estado é a União Europeia, que mesmo com queda na participação nos últimos anos, ainda representa 18,8% do total das importações capixabas. Os Estados Unidos apresentaram um decréscimo de mais de 10,0%.

Esse crescimento da Ásia vem em sua grande parte do crescimento econômico que a China apresentou nos últimos anos.

Os principais países que vendem para o estado atualmente são: China (21,8%), Estados Unidos (15,0%), Coreia do Sul (11,3%) e Alemanha (4,8%).

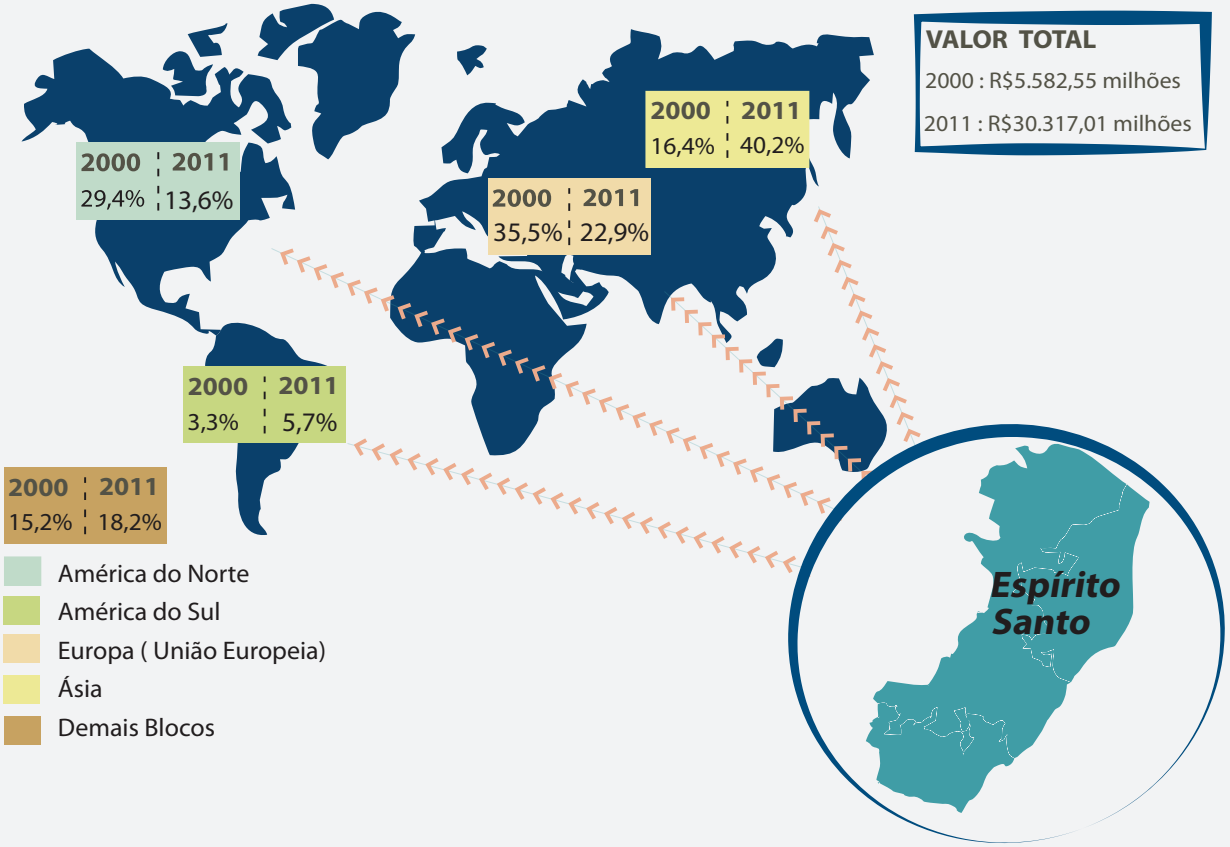
Figura 5.1.1 - Importação por Continente e/ou bloco econômico, Espírito Santo, 2000 - 2010 (%)



Fonte: MDIC.
Elaboração: DVF Consultoria

Quando olhado pelo lado das exportações, nossos principais mercados consumidores atualmente são a Ásia e a União Europeia, diferentemente de 10 anos atrás, quando a União Europeia e Estados Unidos predominavam como destinos das mercadorias do Espírito Santo. Hoje, o principal país comprador continua sendo os Estados Unidos (13,6%), seguido da China (11,3%), Holanda (8,3%) e Arábia Saudita (7,1%).

Figura 5.1.2 - Exportação por Continente e/ou bloco econômico, Espírito Santo, 2000 - 2010 (%)



Fonte: MDIC.
Elaboração: DVF Consultoria

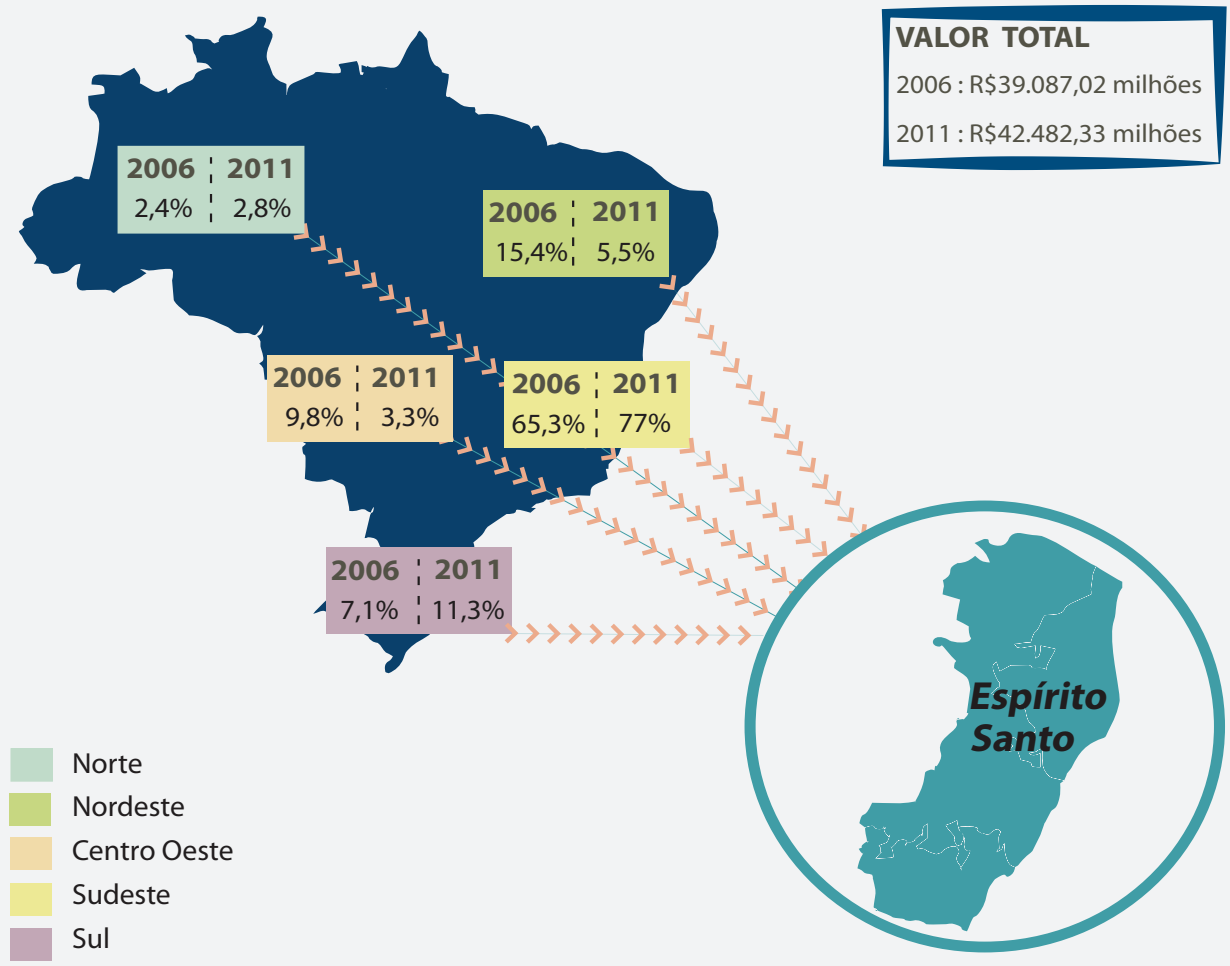
5.2 Transações comerciais nacionais

Quando analisado o comércio do Espírito Santo com as regiões brasileiras, conclui-se que praticamente todo o comércio, tanto de entrada como de saída, é voltado para a região Sudeste, composta pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

No ano de 2006, as transações comerciais entre os estados resultaram em um saldo positivo de R$ 7.118,73 milhões para o Espírito Santo. No ano de 2010 esse valor aumentou para R$ 16.522,03 milhões, representando um crescimento de 132,09% em 5 anos.

Entre os anos de 2006 e 2011, esse valor cresceu cerca de 13,0% em relação ao total, ou seja, R$ 6.703.160,62 mil.

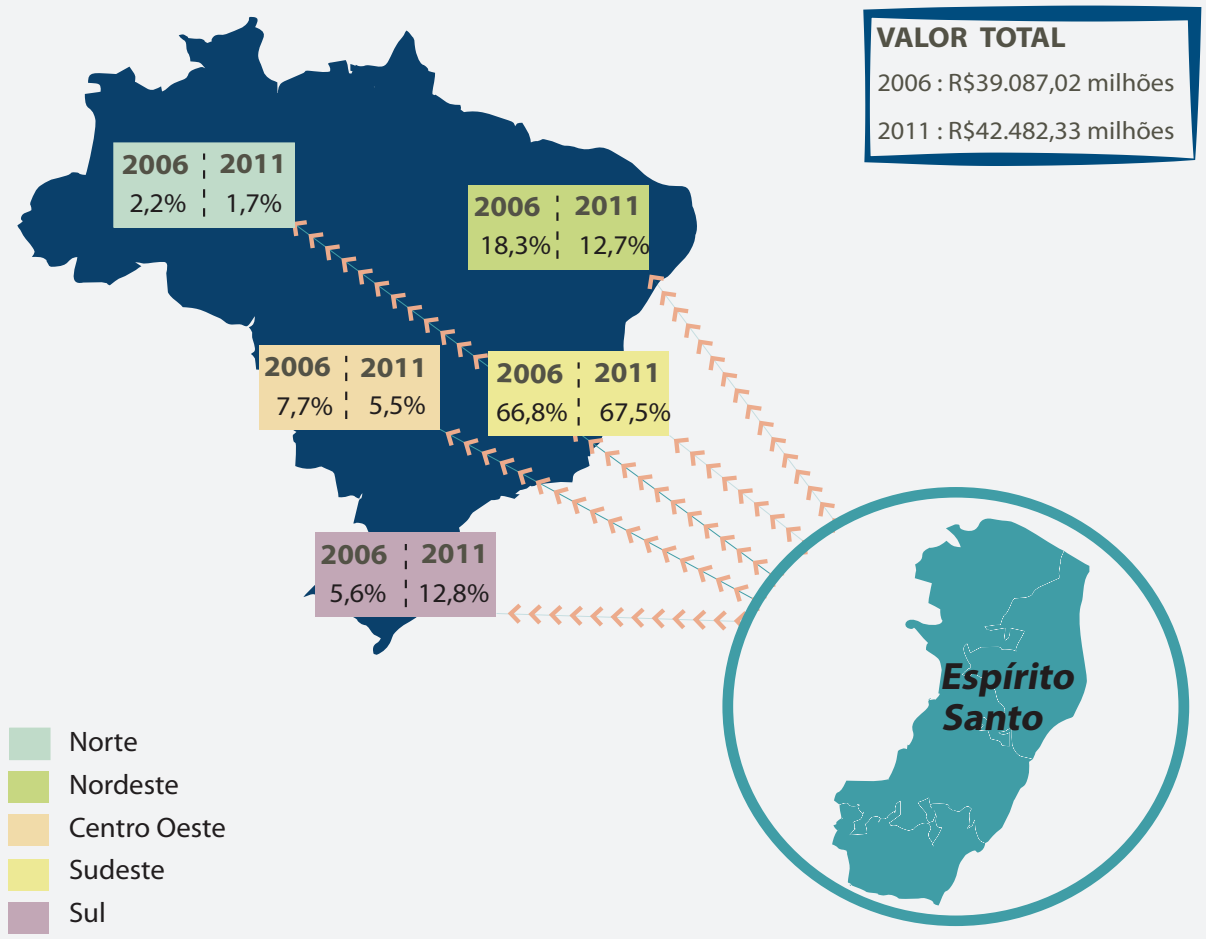
Figura 5.2.1 - Entradas interestaduais Balança Comercial Interestadual, Espírito Santo, 2006 - 2010 (%)



Fonte: BNDES e DVF Consultoria.

O estado que mais vende e mais compra do Espírito Santo é São Paulo, porém os demais estados da região Sudeste possuem também boa representatividade nos valores finais. Minas Gerais e Rio de Janeiro foram responsáveis, juntos, por quase 34,0% de todas as compras realizadas no País pelo Espírito Santo em 2011.

Figura 5.2.2 - Saídas interestaduais Balança Comercial Interestadual do, Espírito Santo, 2006 - 2010 (%)



Fonte: BNDES e DVF Consultoria.

Os estados que mais compram mercadorias do estado são da região Sudeste, sendo o estado de São Paulo o principal comprador, representando em 2011 quase 34,0% de tudo que foi vendido do Espírito Santo.

A tabela 5.2.1, na página ao lado, apresenta de forma detalhada as entradas interestaduais do Espírito Santo por estado nos anos de 2006 e 2011.

Tabela 5.2.1 - Entradas interestaduais - Balança Comercial Interestadual, Espírito Santo, 2006 - 2011

Estado	2006		2011	
	R$ milhões	%	R$ milhões	%
Acre	4,87	0,0	1,81	0,0
Alagoas	63,94	0,2	71,29	0,2
Amapá	446,79	1,1	0,18	0,0
Amazonas	50,60	0,1	933,96	2,2
Bahia	1.578,80	4,0	1.491,99	3,5
Ceará	134,97	0,3	288,78	0,7
Distrito Federal	425,23	1,1	198,25	0,5
Goiás	1.778,78	4,6	887,09	2,1
Maranhão	51,47	0,1	40,74	0,1
Mato G. do Sul	62,86	0,2	112,41	0,3
Mato Grosso	1.555,06	4,0	207,92	0,5
Minas Gerais	**7.524,58**	**19,3**	**7.857,67**	**18,5**
Pará	138,49	0,4	38,75	0,1
Paraíba	116,80	0,3	159,37	0,4
Paraná	911,08	2,3	1.901,14	4,5
Pernambuco	360,58	0,9	193,24	0,5
Piauí	95,20	0,2	5,06	0,0
Rio de Janeiro	**6.338,20**	**16,2**	**6.495,78**	**15,3**
Rio G. do Norte	95,34	0,2	58,99	0,1
Rio G. do Sul	870,16	2,2	1.528,95	3,6
Rondônia	254,57	0,7	189,40	0,4
Roraima	33,57	0,1	0,012	0,0
Santa Catarina	988,39	2,5	1.383,18	3,3
São Paulo	**11.661,79**	**29,8**	**18.364,95**	**43,2**
Sergipe	3.535,37	9,0	36,37	0,1
Tocantins	9,53	0,0	35,05	0,1
Total	**39.087,02**	**100,0**	**42.482,33**	**100,0**

Fonte: BNDES e DVF Consultoria.

As saídas interestaduais não diferem muito dos números apresentados na entrada. São Paulo é o estado que mais compra mercadorias do Espírito Santo, seguido por Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O valor arrecadado com as saídas interestaduais cresceu 27,7% entre os anos estudados. Observa-se também um crescimento na economia capixaba na saída de mercadorias para outros estados.

Tabela 5.2.2 - Saídas interestaduais - Balança Comercial Interestadual, Espírito Santo, 2006 - 2011

Estado	2006		2011	
	R$ milhões	%	R$ milhões	%
Acre	20,07	0	35,91	0,1
Alagoas	83,59	0,2	232,78	0,4
Amapá	58,20	0,1	25,38	0
Amazonas	117,52	0,3	116,92	0,2
Bahia	2.433,99	5,3	3.240,15	5,5
Ceará	414,11	0,9	821,94	1,4
Distrito Federal	359,53	0,8	1.085,31	1,8
Goiás	1.402,01	3	1.620,29	2,7
Maranhão	247,43	0,5	318,66	0,5
Mato G. do Sul	84,35	0,2	292,72	0,5
Mato Grosso	1.730,76	3,7	247,45	0,4
Minas Gerais	**4.699,29**	**10,2**	**5.785,06**	**9,8**
Pará	261,97	0,6	535,83	0,9
Paraíba	116,77	0,3	338,81	0,6
Paraná	1.025,02	2,2	2.003,55	3,4
Pernambuco	596,87	1,3	1.343,04	2,3
Piauí	127,93	0,3	172,29	0,3
Rio de Janeiro	**10.343,99**	**22,4**	**13.959,72**	**23,7**
Rio G. do Norte	218,50	0,5	505,18	0,9
Rio G. do Sul	732,84	1,6	2.057,42	3,5
Rondônia	144,53	0,3	117,29	0,2
Roraima	32,99	0,1	7,60	0
Santa Catarina	850,31	1,8	3.467,37	5,9
São Paulo	**15.840,87**	**34,3**	**19.975,34**	**33,9**
Sergipe	4.215,89	9,1	544,37	0,9
Tocantins	46,42	0,3	153,96	0,3
Total	**46.205,75**	**100**	**59.004,36**	**100**

Fonte: BNDES e DVF Consultoria.

Entre os principais produtos vendidos, para os cinco principais estados compradores das mercadorias capixabas estão: hortaliças e legumes, cimento, ferro, aço e ferro-ligas em formas primárias semiacabados, entre outros.

Os quadros abaixo referem-se à pesquisa realizada no ano de 2008 para compor o trabalho do PELTES. Os números em toneladas/dia se referem ao fluxo de mercadorias por rodovias e necessariamente não guardam relação com vendas.

Quadro 5.2.1 - Principais produtos transportados - rodovias do Espírito Santo x outros estados

Estado	Produtos	Toneladas/dia
São Paulo	Hortaliças e legumes	1.068,65
	Pedras britadas, cal e outros produtos minerais não metálicos	1.783,35
	Cimento	706,11
	Ferro, aço e ferro-ligas em formas primárias semi acabados	1.058,40
Minas Gerais	Carvão Mineral	502,63
	Pedras	464,36
	Cimento	525,76
	Produtos cerâmicos	545,07
Rio de Janeiro	Hortaliças e legumes	918,32
	Cimento	2.545,79
	Pedras britadas, cal e outros produtos minerais não-metálicos	716,34
	Ferro, aço e ferroligas em formas primárias semiacabados	1.084,02
Sergipe	Produtos e preparados químicos diversos	36,82
Goiás	Produtos químicos inorgânicos (cloro, álcalis,fertilizantes, gases industriais e outros)	141,47
	Automóveis, camionetas e utilitários	68,39

Fonte: PELTES.

Quadro 5.2.2 - Principais produtos transportados - rodovias outros estados x Espírito Santo

Estado	Produtos	Toneladas/dia
São Paulo	Hortaliças e legumes	1.042,85
	Argila	344,63
	Sabões, detergentes, produtos de limpeza e artigos de perfu-maria	327,50
	Produtos cerâmicos	287,30
Rio de Janeiro	Hortaliças e legumes	865,28
	Sucatas Metálicas	591,53
	Malte, cervejas e chopp	520,18
	Produtos cerâmicos	484,26
Minas Gerais	Hortaliças e legumes	612,57
	Pedras britadas, cal e outros produtos minerais não metálicos	849,62
	Pedra	718,57
	Outros derivados do petróleo	683,84

Continua...

...Continuação

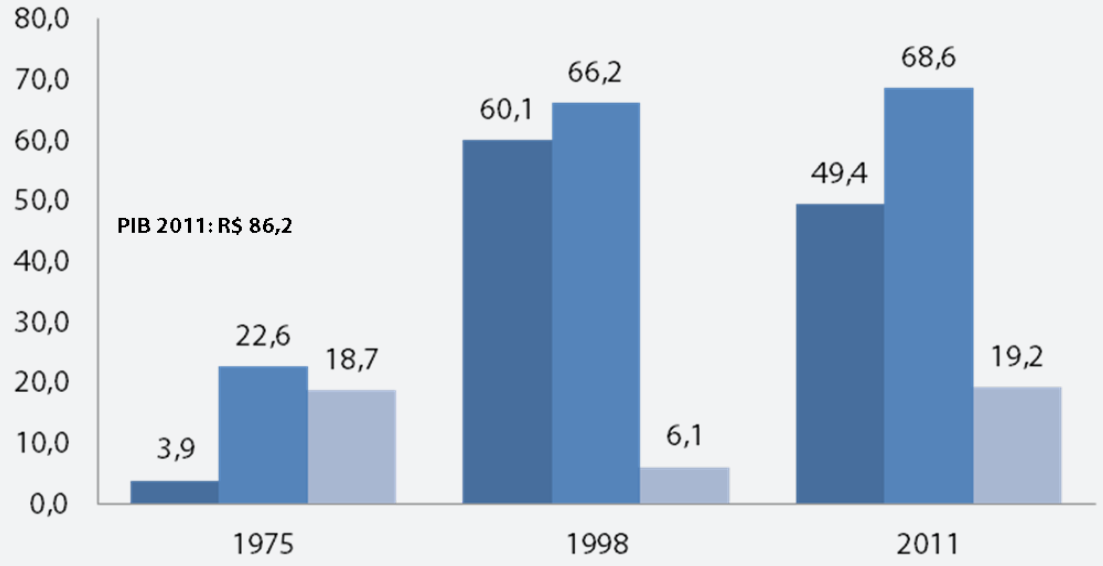
Quadro 5.2.2 - Principais produtos transportados - rodovias outros estados x Espírito Santo		
Estado	**Produtos**	**Toneladas/dia**
Sergipe	Areia	67,30
	Trigo moído e derivados	34,55
Goiás	Milho	291,74
	outros minerais metálicos não ferrosos	273,46
	Soja	110,52

Fonte: PELTES.

A relação do comércio interestadual com o PIB do Espírito Santo é outro ponto de destaque. Observa-se que o saldo caiu entre os anos de 1975 e 2008, mas voltou a crescer consideravelmente no ano de 2011.

As compras vêm reduzindo nos últimos 15 anos. Em 1998 elas correspondiam a mais de 60,0%, caindo para 49,4% em 2011, devido do aumento das exportações e diminuição das importações.

Gráfico 5.2.1 - Relação do comércio interestadual com o PIB, Espírito Santo, 1975 - 2011 (%)



Fonte: Futura.

6 VISÃO DE FUTURO: CONDICIONANTES DE ANÁLISE

Entendem-se como condicionantes de futuro os fatores que podem influenciar a trajetória de desenvolvimento de uma determinada região, seja ela social, econômica ou ambiental.

As condicionantes de futuro têm origem em diversos segmentos e em diferentes níveis, podendo ter um alcance local ou, no outro extremo, alcance global. Algumas variáveis importantes podem afetar o comportamento econômico e social em diversas partes do mundo e, por isso, devem ser avaliadas neste trabalho. Tais condicionantes podem, em alguns casos, gerar oportunidades e, em outros, serem barreiras e desafios para o desenvolvimento.

O debate sobre as condicionantes de futuro é importante para o entendimento sobre o cenário atual e construção de futuro. O projeto ES 2030 se preocupou em elaborar um volume específico para tratar com detalhes as condicionantes de futuro exógenas, internacionais e nacionais, bem como as condicionantes endógenas.

6.1 Condicionantes Exógenas Internacionais

No cenário geopolítico internacional as principais condicionantes que impactam no cenário capixaba dizem respeito ao tamanho que a população mundial tomará, o que implicará também na estrutura da pirâmide etária dessa população.

Tabela 6.1.1 - População mundial, segundo continentes, 2000-2030 (milhões de habitantes)

Continentes	2000	2010	2020	2030	Crescimento 2000 – 2030 (%)
África	811	1.022	1.278	1.562	93,0
América do Norte	313	345	374	402	28,0
América Latina e Caribe	521	590	652	702	35,0
Ásia	3.719	4.164	4.566	4.868	31,0
Europa	727	738	744	741	2,0
Oceania	31	37	42	47	52,0
Mundo	**6.123**	**6.896**	**7.657**	**8.321**	**36,0**

Fonte: ONU.

A distribuição da população entre os continentes também aparece muito desigual e com dinâmicas diferentes. A Ásia, como o continente mais povoado do planeta, tem perdido relativamente sua posição, uma vez que atingiu o máximo no ano de 2000, quando chegou a representar 60,7% da população mundial. Para 2050, sua participação deverá cair para 55,3%.

Devem-se destacar os crescimentos absoluto e relativo do continente africano, que representava 9,0% em 1950 e deverá representar 29,0% da população mundial em 2050.

O perfil etário da população mundial se encontra em rápido processo de mudança. A população em idade potencialmente ativa, entre 15 e 64 anos, embora tenha apresentado um crescimento relativo desde 1970, vai começar a diminuir a partir de 2010, fato que já vem ocorrendo nas regiões desenvolvidas desde 2000.

Não há dúvida do caminho irreversível na direção da maior diversidade de fontes e do caráter renovável da matriz energética futura, mas o aumento da população, acompanhado de uma maior universalização do acesso à energia, dará fôlego àquelas que são hoje responsáveis por mais de 50,0% da oferta mundial de energia primária. O petróleo perderá participação relativa, mas com aumento absoluto da demanda.

O *World Energy Outlook 2012*, publicado pelo *Energy Information Administration - EIA*, órgão oficial do governo americano, estima que a demanda mundial de petróleo, que em 2011 foi de 87,4 milhões de barris por dia (MMb/d), atingirá 94,2 MMb/d em 2020 e cerca de 100 MMb/d em 2035.

Já, para a demanda de gás natural, segundo a agência norte-americana, estima-se um crescimento ainda mais significativo, passando dos 3,4 trilhões de metros cúbicos (tcm) de 2011 para 5,2 tcm em 2035, um aumento de cerca de 50,0%.

Além disso, o petróleo continua a ser o combustível mais importante no mix de energia primária, apesar de sua participação cair dos 32% de hoje para 27% em 2035, enquanto para o gás natural a expectativa é que sua participação no mix global de energia suba de 21,5% em 2010 para 24% em 2035.

Tabela 6.1.2 - Participação por Fonte Primária de Energia – Mundo

Fonte	2010	2015	2020	2030	2035
Petróleo	32,4	31,1	29,9	27,9	27,1
Carvão	27,3	28,2	27,4	25,5	24,5
Gás	21,5	21,4	21,9	23,3	23,9
Bioenergia	10,0	10,1	10,3	10,7	10,9
Nuclear	5,6	5,4	6,0	6,5	6,6
Hidroelétrica	2,3	2,4	2,5	2,8	2,8
Outras renováveis	0,9	1,4	2,0	3,3	4,2
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: *EIA*.

Também, segundo projeções do EIA, o investimento mundial na exploração e produção de petróleo e gás permanecerá em níveis elevados, com uma média de investimento total de cerca de US$ 615 bilhões por ano até 2035.

6.2 Condicionantes Exógenas Nacionais

Assim como o mundo, o Brasil passou por intensas transformações nos últimos 50 anos. De um país rural e fortemente dependente de alguns produtos agrícolas, o país se modernizou e se tornou majoritariamente urbano. Estas mudanças estiveram diretamente relacionadas às modificações em sua estrutura produtiva, incentivada principalmente pelas políticas industriais durante as décadas de 1960 e 1970.

Na atualidade, o Brasil se situa entre as principais economias do globo, não só pela sua dimensão territorial (quinta maior do mundo) e sua população (quinta maior do mundo), como também por sua participação no PIB mundial (sétima maior do mundo).

A população brasileira cresceu 12,34% entre os anos 2000 e 2010, com destaque para a região Norte, com o maior crescimento entre as 5 regiões brasileiras.

A região Sudeste é a mais populosa do Brasil, porém a população do Nordeste, que é a 2ª maior população do país, vem apresentando um crescimento elevado, com taxas maiores que as apresentadas pela Sudeste. Mesmo com a população da Sudeste representando mais de 42,0% do total, a região Nordeste já representa quase 28,0%.

A tabela a seguir apresenta a evolução da população e o seu crescimento entre os anos de 2000 e 2010.

Tabela 6.2.1 – Evolução da população nas regiões brasileiras em milhões, 2000 - 2010

Região	2000	%	2010	%	Crescimento 2000-2010 (%)
Norte	12,9	7,60	15,9	8,32	22,97
Nordeste	47,7	28,12	53,1	27,83	11,19
Sudeste	72,4	42,65	80,4	42,13	10,98
Sul	25,1	14,79	27,4	14,36	9,08
Centro- Oeste	11,6	6,85	14,1	7,37	20,81
Total	**169,8**	**100,00**	**190,8**	**100,00**	**12,34**

Fonte: IBGE.

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu consideravelmente nos últimos anos. Entre os anos 2000 e 2010 esse crescimento foi de 228,32%, superando países até então de destaque na economia mundial.

Todas as regiões brasileiras obtiveram crescimento no PIB. O destaque fica por conta da região Centro-Oeste que deu um grande salto no seu Produto Interno Bruto. Entre os 10 anos estudados, o valor corrente do seu PIB saltou de R$ 76.541 milhões para R$ 350.596 milhões, conforme tabela abaixo.

Tabela 6.2.2 – Evolução do PIB nas regiões brasileiras em R$ milhões, 2000 – 2010

Região	2000	%	2010	%	Crescimento 2000-2010 (%)
Norte	50.650	4,59	201.511	5,35	297,84
Nordeste	146.827	13,30	507.501	13,46	245,65
Sudeste	636.395	57,65	2.088.221	55,39	228,13
Sul	193.535	17,53	622.255	16,51	221,52
Centro- Oeste	76.541	6,93	350.596	9,30	358,05
Total	**1.103.948**	**100,00**	**3.770.084**	**100,00**	**228,32**

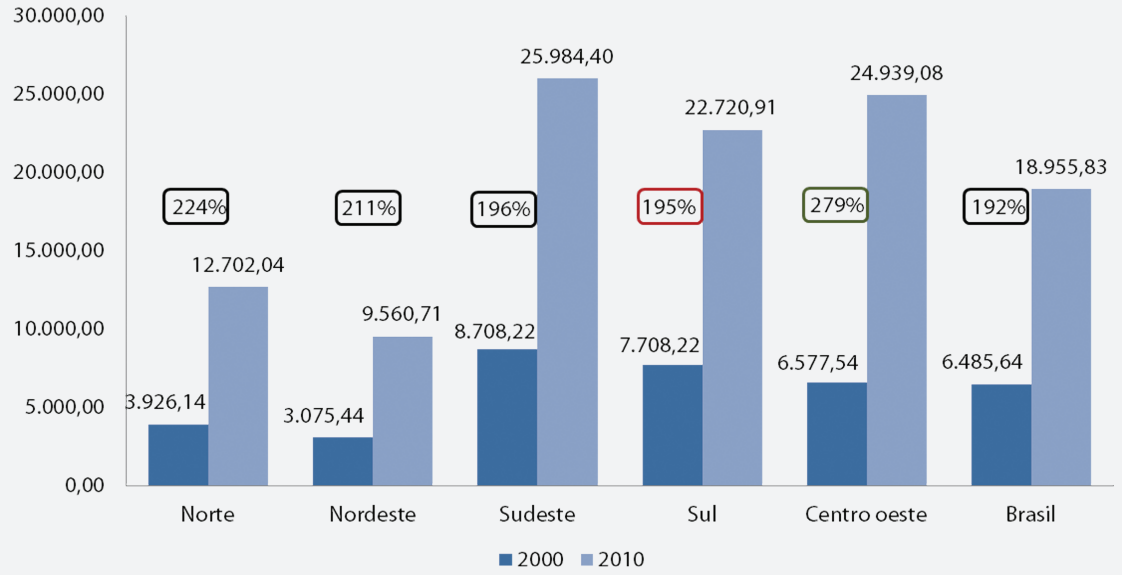
Fonte: IBGE.

As regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste cresceram sua participação no PIB nacional nos últimos anos. A participação da Centro-Oeste, que era 6,95%, cresceu para 9,70%. Mesmo com uma pequena queda, a região Sudeste continua com mais da metade de toda produção brasileira. A região Sul é a segunda nessa classificação, tendo a região Centro-Oeste se aproximado bastante da região Nordeste.

O PIB *per capita* do Brasil entre os anos 2000 e 2010 teve um crescimento de 192,0%, com um salto de R$ 6.485,64 para R$ 18.954,83. Dentre as regiões, a região Centro Oeste foi a que mais cresceu. Entre os anos estudados, o PIB *per capita* da região subiu 279,0%, ganhando cada vez mais destaque no cenário nacional.

A região com menor crescimento nesses anos foi a Sul, porém, mesmo assim, com um crescimento elevado, de 195,0%, bem próximo da região Sudeste (196,0%).

Gráfico 6.2.1 – PIB per capita e taxa de crescimento nominal, 2000 - 2011 (R$ 1,00)



Fonte: IJSN

Cabe destacar a região Nordeste, que cresceu mais de 200,0% e vem recebendo grandes investimentos, principalmente nos estados de Pernambuco e Ceará. Essa região deverá ter um elevado crescimento, apresentando oportunidade de ampliação dos negócios com o estado do Espírito Santo.

Para ampliar o comércio entre as regiões do Brasil, é necessário uma logística eficiente. Segundo o Ministério dos Transportes (2012), as hidrovias existentes no país apresentam alguns problemas estruturais, dada a baixa taxa de investimentos no setor nos últimos 40 anos, como:

- Restrições de calado;
- Deficiências de sinalização e balizamento; e
- Restrições à navegação pela inexistência de eclusas.

O sistema portuário brasileiro também apresenta limitações, entre as quais o Ministério dos Transportes (2012) cita:

- Limitações ao acesso marítimo;
- Restrições ao acesso terrestre (rodoviário e ferroviário);
- Deficiências de retroárea e berços; e
- Modelo gerencial da Administração Portuária desatualizado.

Sobre o sistema ferroviário existente no Brasil, o Ministério dos Transporte (2012) elenca alguns problemas, entre os quais:

- Invasões de faixa de domínio;
- Quantidade excessiva de passagens de nível;
- Falta de contornos em áreas urbanas; e
- Extensão e cobertura insuficiente da malha.

No caso do transporte rodoviário, que representa mais da metade da matriz de transportes do país, de acordo com o Ministério dos Transportes (2012), apresenta os seguintes problemas:

- Níveis insuficientes de conservação e recuperação;
- Déficit de capacidade da malha em regiões desenvolvidas; e
- Inadequação de cobertura nas regiões em desenvolvimento.

Além disso, assim como a distribuição do PIB e da população, o principal modal de transportes do país, o rodoviário também se encontra maldistribuído no território brasileiro. Enquanto a região Norte ocupa 45,3% do território nacional, ela possui apenas 10,9% da quilometragem das rodovias brasileiras. Porém, destaca-se que nesta região há apenas 8,3% da população e 5,3% do PIB brasileiro, e que o principal meio de transporte utilizado é o hidroviário, sobretudo no rio Amazonas.

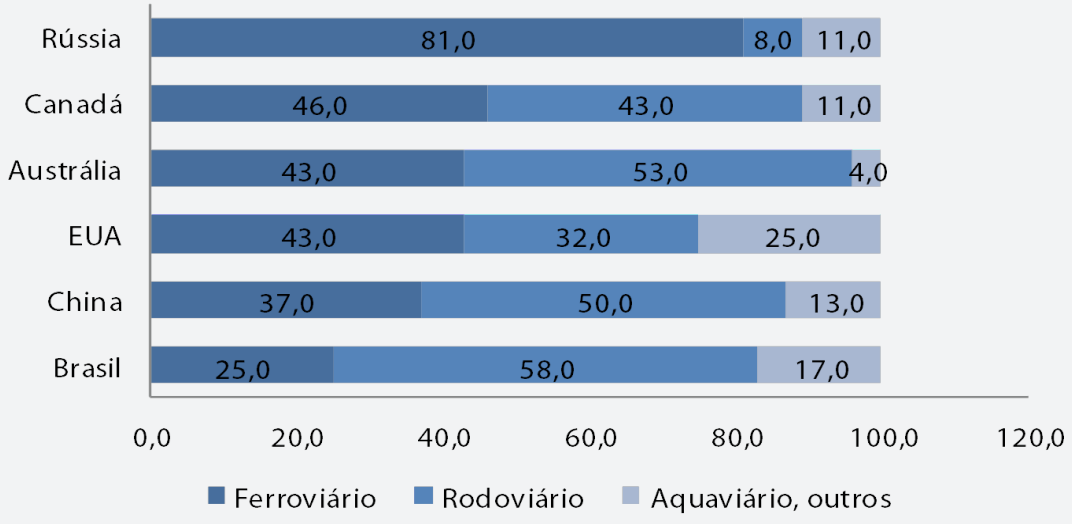
Já a região Sudeste, que apresenta a maior concentração de população (com 42,1%) e PIB (com 55,4%), possui 10,9% do território e 28,4% dos quilômetros de rodovias brasileiras.

A região Sul também se destaca por possuir percentuais de quilometragem das rodovias brasileiras (17,6% do total) superior às suas participações no território (6,6%), na população (14,4%) e no PIB (16,5%) do país.

A região Nordeste, apesar de apresentar um percentual de quilometragem das rodovias brasileiras (com 27,9% do total) superior à sua participação no território (18,3%) e no PIB (13,5%), teve um percentual muito próximo ao apresentado pela sua participação na população total do país (com 27,8%).

Para referência, apresenta-se a seguir a matriz de transporte nos países com maiores áreas territoriais em 2012.

Gráfico 6.2.2 - Matriz de transportes nos países com maiores áreas territoriais, 2012 (%)



Fonte: Ministério dos Transportes.

Nas últimas décadas o país vem apresentando significativas transformações nos padrões de localização das atividades produtivas. A preferência pelos grandes centros motivados pelas economias de aglomeração vem diminuindo, provocando uma desconcentração espacial da base produtiva nacional.

Para o Brasil se tornar mais competitivo é necessário organizar uma nova agenda. Existem diversos obstáculos e gargalos que reduzem a eficiência da economia brasileira. Genericamente, esses entraves são conceituados na expressão "Custo Brasil".

Carga tributária excessiva e inadequada, taxas de juros em descompasso com os padrões do mercado externo, condições de crédito não tão favoráveis, legislação trabalhista esclerosada, onerosa, e burocracia são alguns desses fatores negativos sobre os quais as empresas têm pouca ou nenhuma ingerência, e dependem de políticas governamentais.

O chamado Custo Brasil provoca um grande aumento nos preços finais dos bens produzidos no país. Além disso, a falta de competitividade de empresas nacionais não se resolve com a construção de muralhas protecionistas e reservas de mercado. A falsa solução já foi tentada no Brasil e apenas produziu mais ineficiência e penalização do consumidor.

Quanto à educação, verifica-se que a inovação no país merece atenção, a formação de mão de obra com Ensino Superior, visto que o Brasil se encontra atrás de países com características econômicas inferiores no *ranking* dos países com maior índice de formação de mão de obra qualificada.

Inicialmente é importante avaliar os investimentos em educação em todos os níveis de ensino.

Tramita no Congresso Nacional uma proposta para fazer o volume de recursos para a educação chegar a 10,0% do PIB nacional. Hoje, o Brasil investe 5,7% - um dos índices mais altos entre os 42 países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), à frente de Reino Unido, Canadá e Alemanha, por exemplo.

A tabela seguinte apresenta a quantidade que é investida em relação ao PIB em diferentes países e suas posições no Programa de Avaliação da Qualidade da Educação, conhecido como Pisa.

Tabela 6.2.3 - Gasto em educação em relação ao PIB e posição no Pisa

Ranking	País	Gasto com educação	Posição no Pisa
1	Islândia	7,8	16º lugar
2	Noruega	7,3	12º lugar
3	Suécia	7,3	19º lugar
4	Nova Zelândia	7,2	7º lugar
5	Finlândia	6,8	3º lugar
6	Bélgica	6,6	11º lugar
7	Irlanda	6,5	21º lugar
8	Estônia	6,1	13º lugar
9	Argentina	6,0	58º lugar
10	Áustria	6,0	39º lugar
11	Holanda	5,9	10º lugar
12	França	5,9	22º lugar
13	Israel	5,8	37º lugar
14	Portugal	5,8	27º lugar
15	**Brasil**	**5,7**	**53º lugar**
16	Eslovênia	5,7	31º lugar
17	Reino Unido	5,6	25º lugar
18	Suíça	5,5	14º lugar
19	Estados Unidos	5,5	17º lugar
20	México	5,3	48º lugar

Fonte: Exame

Esse número considera, além dos investimentos nas instituições de ensino, gastos governamentais com bolsas e programas de apoio aos alunos.

Em relação aos investimentos em P&D, percebe-se que ocorreram poucas mudanças em sua participação no PIB brasileiro durante todo o período avaliado.

Tabela 6.2.4 - Participação percentual no PIB do país brasileiro, 1995-2009

Participação % no PIB	1995	2000	2005	2009
Gasto público em educação	4,57	4,01	4,53	5,72
P&D	-	1,02	0,97	-

Fonte: Banco Mundial.

Entre os fatos que podem estar contribuindo para a dificuldade do Brasil em apresentar grandes taxas de crescimento em seu PIB, há não só as políticas macroeconômicas, voltadas principalmente para contenção da inflação, como também a burocracia existente nas políticas públicas brasileiras.

Um exemplo disso é o fato de que, entre as 12 maiores economias do mundo, o Brasil é o que apresenta maior tempo médio para abrir empresa, que no ano de 2011, foi igual a 119 dias. Resultado superior ao apresentado até mesmo pela média mundial, que é de 30 dias.

Tal fato demonstra a dificuldade dos futuros empresários, em abrir seu próprio negócio e contribuir para aumentar a geração de emprego e renda para a população local.

Tabela 6.2.5 - Tempo médio para abrir empresa, em dias, 2003-2011

País	2003	2007	2011
Estados Unidos	6	6	6
China	48	35	38
Japão	31	23	23
Alemanha	45	18	15
Brasil	**152**	**149**	**119**
Rússia	43	29	29
Itália	23	13	6
França	41	7	7
Reino Unido	13	13	13
Canadá	3	3	5
Índia	89	33	29
Coreia do Sul	17	17	7
Mundo	**51**	**43**	**30**

Fonte: Banco Mundial.

Os investimentos em relação ao PIB é um indicador de análise de uma economia.

No ano de 2012 o Brasil voltou a ser um país que investe menos do que as nações ricas, após manter-se por quatro anos em situação melhor que elas. No ano analisado, os investimentos corresponderam

a 17,6% do PIB brasileiro, enquanto na média do G-7 (grupo dos países mais poderosos) eles ficaram em 17,7%, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Países emergentes em geral têm uma taxa de investimentos maior do que os ricos. Na China, ela é de 47%; na Argentina, de 24%.

Tabela 6.2.6 - Taxa de investimentos em relação ao PIB (2012)

País	Taxa (% do PIB)
China	46,9
Índia	34,9
Coreia do Sul	27,7
México	24,7
Argentina	23,8
Japão	20,6
França	19,9
Brasil	17,7
EUA	16,2
Reino Unido	14,3
Índia	89
Coréia do Sul	17

Fonte: Banco Mundial.

A projeção do Fundo Monetário é que a taxa de investimentos da economia brasileira continue próxima à dos países do G-7 – mais ligeiramente abaixo – até 2018, pelo menos. O indicador deve ter uma recuperação em 2013, mas o número oficial referente ao primeiro trimestre ainda não foi divulgado.

Outro ponto importante a se tratar é o grau de inserção da economia brasileira na economia mundial, além da sua capacidade de inovação. De acordo com o Prof. Orlando Caliman, a constituição de mercados globais traz consigo um aumento da concorrência entre os agentes econômicos, por meio da aceleração na adoção de inovações tecnológicas e organizacionais.

Através do cenário atual da economia brasileira e das perspectivas para o horizonte 2030, a FGV projetou algumas tendências para o mercado consumidor interno do país. Destaca-se que, mesmo com a crise atual, tais tendências podem permanecer, já que, conforme os dados do IFDM, a crise não afetou de maneira significativa as questões estruturais da economia brasileira. Desta forma, as questões apresentadas pela FGV são:

- A renda *per capita* deve aumentar 3,1% ao ano, até 2030, resultado superior ao apresentado nos últimos 17 anos, que foi de 1,3% ao ano;

- A massa salarial deve crescer 3,5% ao ano até 2030, levando o Brasil à oitava posição entre as economias com os melhores salários (atualmente o país é a décima primeira);

• O consumo no Brasil deve crescer 3,8% ao ano, o que levará o país a ser o quinto maior mercado consumidor do mundo, atualmente na 8ª posição.

Assim, o Brasil terá até o ano de 2030, um cenário de crescimento e de melhor distribuição de renda, o que possibilitará uma gradativa ascensão social das famílias com nível de renda mais baixo.

Entretanto, para haver esta mobilidade social, serão necessárias grandes mudanças, como a universalização da educação, a ampliação das oportunidades de emprego, o aumento da produtividade da mão de obra e a maturação da estrutura etária e familiar.

Com base na avaliação de alguns setores da economia brasileira atual, é possível observar uma tendência de desenvolvimento do mercado interno para o consumo de novas tecnologias. No ano de 2010, a quantidade de celulares móveis por 100 habitantes no Brasil era superior à média mundial e à de grandes potências econômicas.

No caso de usuários de *Internet*, analisado para cada 100 pessoas, destaca-se que, apesar de o índice apresentado pelo Brasil ser superior à média mundial e à da China, essa taxa ainda é inferior à observada nos Estados Unidos e no Japão. Além disso, ao se avaliarem os assinantes de banda-larga fixa de *Internet* no Brasil, observa-se que a relação para cada 100 pessoas é inferior ao que ocorre no mundo e nas três maiores economias do globo.

Entretanto, merece destaque o fato de a quantidade de usuários de internet e de assinantes de banda-larga fixa de Internet apresentar tendências crescentes no Brasil, influenciadas principalmente pelas políticas públicas de expansão dos canais de informação no país.

Tabela 6.2.7 - Indicadores gerais de consumo do Brasil, Estados Unidos, Japão, China e Mundo, 2010

Indicadores gerais de consumo	Brasil	Estados Unidos	Japão	China	Mundo
Assinaturas de celulares móveis (por 100 pessoas)	104,10	89,86	97,43	64,04	77,11
Usuários de Internet (por 100 pessoas)	40,65	74,25	77,65	34,39	29,52
Assinantes de banda-larga fixa de Internet (por 100 pessoas)	6,81	9,42	26,88	27,62	7,71
Consumo de energia elétrica (kWh per capita)[1]	2.206,20	12.913,71	7.819,18	2.631,40	2.806,92
Partidas do transporte aéreo (por 1.000 habitantes)	4,50	28,90	5,10	1,80	4,10

Fonte: Banco Mundial.

Nota: [1]Os dados se referem ao ano de 2009

As políticas públicas de expansão da energia elétrica no país, através de programas como *Luz para Todos*, do Governo Federal, fizeram com que houvesse um aumento considerável de consumo de energia elétrica *per capita* no país. Porém, ainda é inferior ao apresentado pela média mundial.

A diminuição dos preços das passagens aéreas e o aumento da renda no Brasil também proporcionaram à população um maior acesso a este meio de transporte. Desta forma, percebe-se no ano de 2010 que a quantidade de partidas aéreas no país, avaliadas para cada 1.000 habitantes, é superior à média mundial e à de países como a China e próxima à do Japão. Contudo, este número ainda é distante do apresentado pelos Estados Unidos.

Recentemente, a CNI lançou o Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022 que aponta o caminho que a indústria e o Brasil devem percorrer na próxima década para aumentar os níveis de produtividade e eficiência e alcançar um grau superior de competitividade.

Para a definição do mapa foram definidos 10 fatores, a saber:

- Educação;
- Eficiência do estado;
- Ambiente macroeconômico;
- Segurança jurídica;
- Desenvolvimento de mercados;
- Financiamento;
- Relações de trabalho;
- Infraestrutura;
- Tributação; e
- Inovação e produtividade.

A seleção dos fatores-chave considerou os desafios e as oportunidades proporcionados à indústria pelas novas tendências mundiais, como o rápido crescimento dos países emergentes, os avanços tecnológicos e a mudança do clima. Também avaliou as transformações recentes do país, como a expansão do mercado interno, as mudanças no perfil da população e o deslocamento da produção para o interior do país.

A análise foi realizada em 4 grupos, conforme figura abaixo.

Figura 6.2.1 - Análise para definição do Mapa Estratégico através de 4 grupos

1. Na base de tudo temos a **educação**. Uma sociedade educada é essencial na construção de instituições e de um ambiente favoráveis aos negócios. A educação também é o principal insumo para a inovação.

2. A seguir, estão elementos ligados ao **ambiente de atuação da indústria**, que criam condições favoráveis aos demais fatores. São eles ambiente macroeconômico, eficiência do Estado, segurança jurídica e desenvolvimento de mercados.

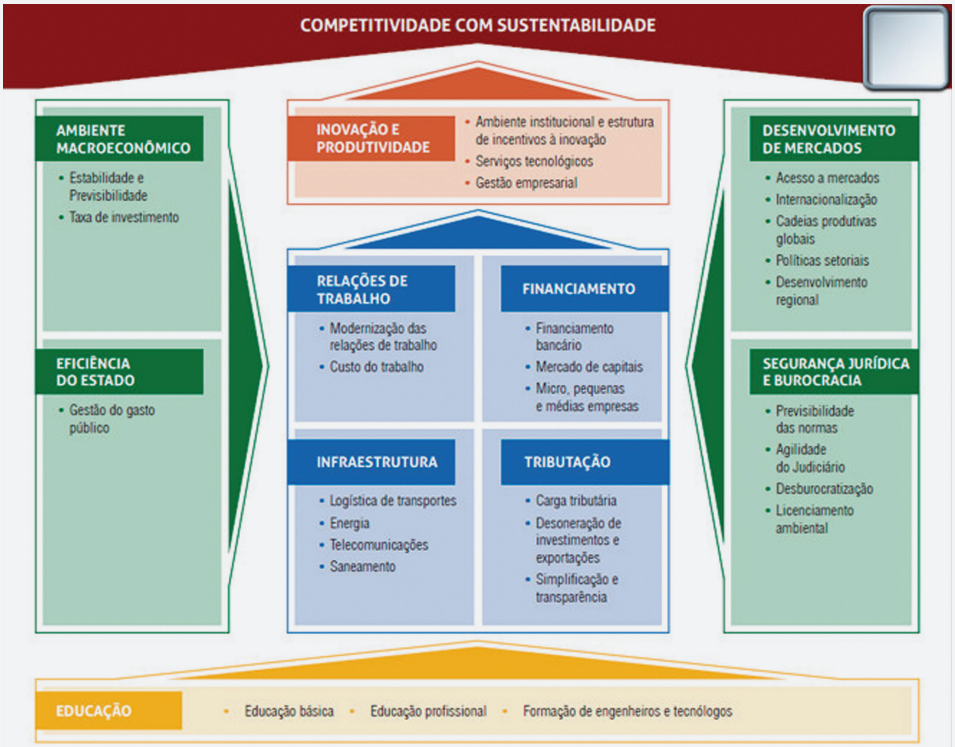
3. O terceiro grupo impacta diretamente os **custos de produção e dos investimentos**, influenciando as condições de oferta. São eles a tributação, o financiamento, as relações do trabalho e a infraestrutura.

4. Por fim, tem-se o fator-chave **inovação e produtividade**, ligado às competências da empresa industrial.

Fonte: CNI.

O Mapa Estratégico propõe ações inovadoras e transformadoras, capaz de fazer o país alcançar os objetivos traçados. Seu foco é voltado para a inovação e produtividade industrial, tendo como objetivo final a COMPETITIVIDADE COM SUSTENTABILIDADE.

Figura 6.2.2 - Mapa Estratégico da Indústria, 2013-2022



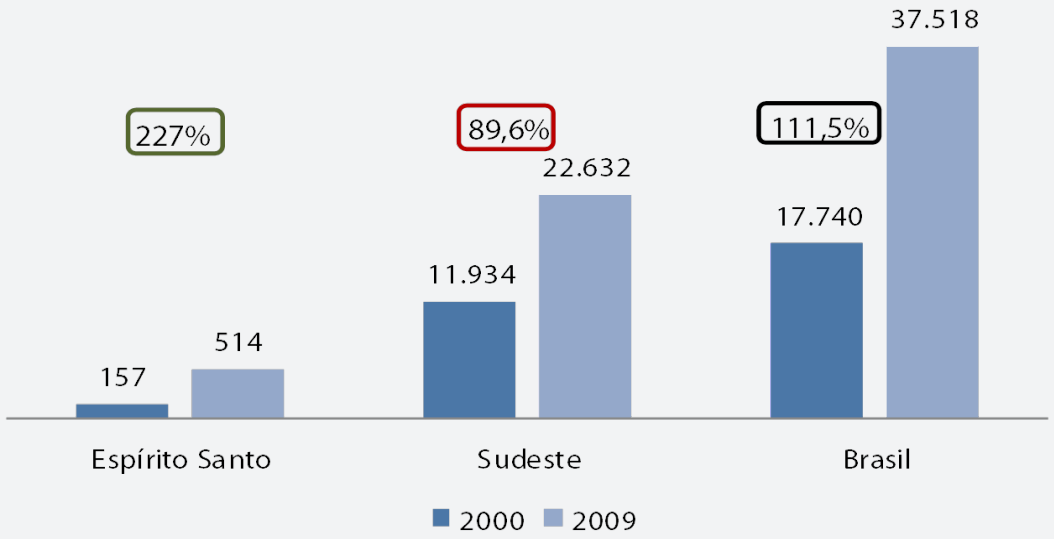
Fonte: CNI.

6.3 Condicionantes Endógenas

Da mesma forma como o mundo e o Brasil, o Espírito Santo passou por grandes mudanças nos últimos 50 anos. De uma economia agrícola e fortemente dependente da cafeicultura, o estado se transformou em uma economia diversificada e majoritariamente urbano. O crescimento estadual tem relação em grande parte, com os grandes investimentos industriais, realizados pelo Governo Federal, a partir da década de 1970, e passada à iniciativa privada na década de 1990. Nos anos 2000 essas grandes empresas foram assumidas por grupos multinacionais, com poder fora do estado e algumas fora do país.

O próximo gráfico mostra que o crescimento dos alunos concluintes de engenharia entre os anos de 2000 e 2009 no Brasil foi de 111,5%, enquanto no Espírito Santo foi mais que o dobro, chegando a 227,4%. Essa média foi muito superior ao Sudeste, que cresceu cerca de 89,6%.

Gráfico 6.3.1 - Alunos de Engenharia Concluintes, 2000 - 2009



Mesmo com esse crescimento do estado, os números absolutos comparados com a região Sudeste e Brasil continuam insignificantes, tendo que realizar investimentos nessa área para aumentar a competitividade com os demais estados brasileiros.

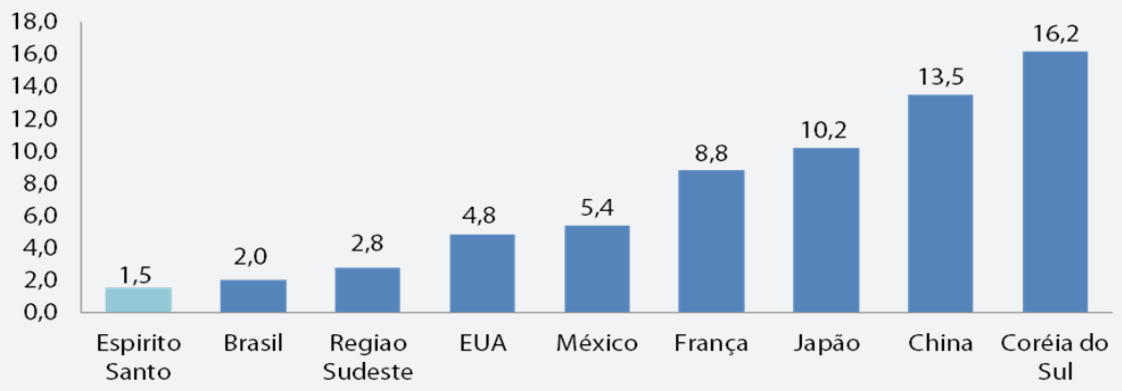
No ano de 2000, os engenheiros formados no Espírito Santo correspondiam a apenas 1,3% da região Sudeste. Esse número em 2009 aumentou para 2,3%, porém ainda permanece muito baixo. Quando relacionado ao Brasil, o estado formou 0,9% dos engenheiros de todo país em 2000 e 1,4% em 2009.

A relação da região Sudeste com o Brasil diminuiu no decorrer desses 9 anos. Em 2000, os engenheiros formados na região correspondiam a 67,3% do total brasileiro. No ano de 2009 esse percentual caiu para 60,3%, mostrando que os demais estados e regiões estão investindo nesses profissionais e tornando-se mais competitivos.

Outro dado importante é o número de engenheiros por 10 mil habitantes. A presença de engenheiros no Espírito Santo é inferior à média brasileira e a todas as demais comparações.

Na região Sudeste, por exemplo, a média de engenheiros a cada 10 mil habitantes é de 2,8; no estado capixaba essa média cai quase pela metade, sendo de 1,5.

Gráfico 6.3.2 - Número de engenheiros para cada 10 mil habitantes, 2009



Sobre o mercado externo para os produtos capixabas, destaca-se ainda que o Espírito Santo apresenta como característica principal um grau de abertura superior à do País. Tal fato proporciona ao estado uma vulnerabilidade maior em frente às crises internacionais, quando se compara ao País.

Tabela 6.3.1 - Participação do Espírito Santo na economia brasileira (%)

Anos	Balança Comercial		
	Exportação	Importação	Total[1]
2002	4,30	4,27	4,29
2003	4,83	4,46	4,68
2004	4,19	4,79	4,43
2005	4,72	5,56	5,04
2006	4,88	5,36	5,07
2007	4,28	5,50	4,80
2008	5,10	4,98	5,04
2009	4,26	4,29	4,27
2010	5,92	4,18	5,10

Fonte: MDIC.

Nota: [1]Refere-se à soma das exportações e das importações.

A maior parte da dinâmica econômica estadual provém das atividades vinculadas ao comércio exterior, com uma representatividade significativa no comércio exterior do Brasil. Essa avaliação

pode ser percebida a partir da constatação de que, entre os anos de 2002 e 2010, a participação do Espírito Santo na Balança Comercial brasileira teve valores superiores à participação estadual no PIB nacional, que é de 2,3%.

Entre os anos 2002 e 2010, a participação do ES na economia brasileira pela exportação cresceu 37,7% e a importação teve um decréscimo de 2,1%. Entre os anos 2008 e 2009, a participação com as exportações e importações tiveram uma queda representativa, pela ocorrência da crise econômica mundial, conforme mostrado na tabela acima.

Sendo o coeficiente de abertura, a relação entre a soma dos valores das exportações e das importações sobre o PIB, pode-se constatar, a partir deste indicador, que a economia capixaba possui uma dependência do comércio internacional superior ao Brasil. Observa-se que em todos os anos no período entre 2002 e 2010, os resultados apresentados pelo Espírito Santo superaram os do Brasil. Destaca-se que o maior valor para o coeficiente de abertura da economia estadual chegou a 56,4%, em 2003, enquanto a economia brasileira obteve seu resultado máximo para o coeficiente de abertura, igual a 24,0%, observado em 2004.

Assim, esse maior nível de dependência da economia estadual em frente ao cenário internacional faz com que o PIB capixaba apresente maiores oscilações, em momentos de instabilidades econômicas internacionais, quando se compara com o Brasil.

Ao se avaliar de forma distinta a participação das exportações e das importações no PIB capixaba e brasileiro, observa-se que em ambos os casos, no período compreendido entre os anos de 2002 e 2010, a participação das exportações no PIB superaram a das importações.

Além disso, observa-se uma diferença grande na participação apresentada pelo Espírito Santo e pelo Brasil, tanto nas exportações, como nas importações.

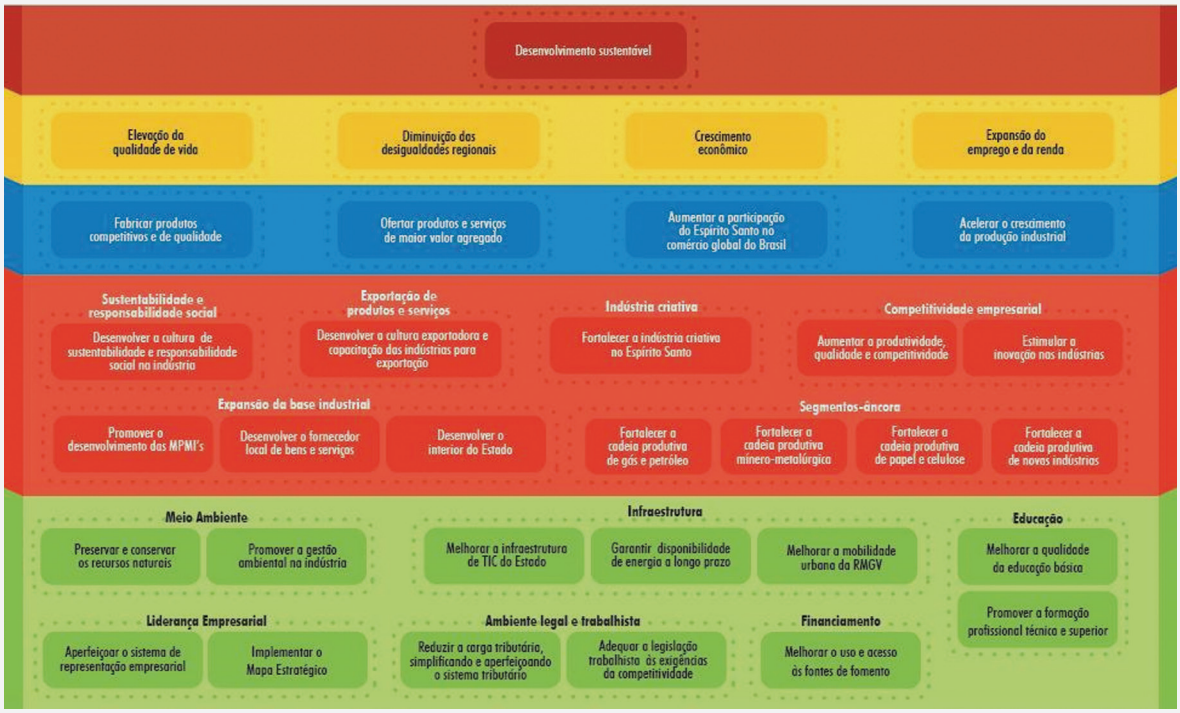
Tabela 6.3.2 - Participação das exportações e das importações no total do PIB do Espírito Santo e do Brasil, 2002/2010 (%)

Ano	ES		Brasil	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
2002	28,36	22,06	11,95	9,34
2003	35,03	21,37	13,25	8,75
2004	29,51	21,91	14,57	9,47
2005	28,84	21,08	13,44	8,35
2006	27,74	20,21	12,67	8,40
2007	22,19	21,43	11,76	8,83
2008	26,52	22,60	11,98	10,47
2009	19,48	16,41	9,43	7,88
2010	25,62	16,28	9,43	8,49

Fonte: IBGE, MDIC e Banco Central - Elaboração própria

Recentemente, a FINDES lançou o Mapa Estratégico da Indústria capixaba, no horizonte 2013-2022 que aponta o caminho que a indústria do Espírito Santo deve percorrer na próxima década, para aumentar os níveis de produtividade e eficiência e alcançar um grau superior de competitividade, tendo como objetivo final o DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

Figura 6.3.1 - Mapa Estratégico da Indústria do Espírito Santo, 2013-2022



Fonte: Findes.

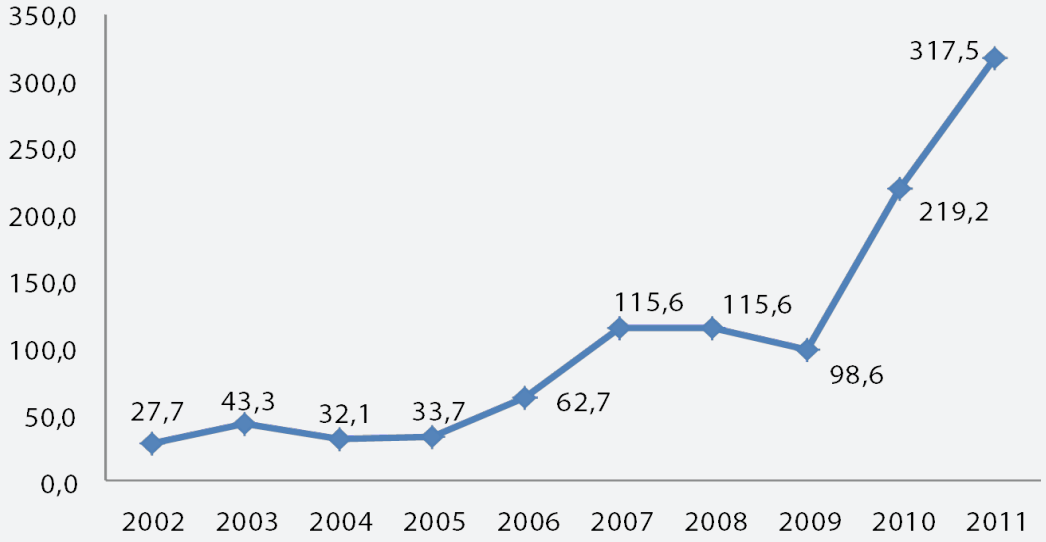
O estado do Espírito Santo possui a segunda maior reserva provada de petróleo no Brasil, com quase 9% do total, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, que respondeu por mais de 80% das reservas provadas. As reservas provadas do Espírito Santo, em terra e em mar, correspondem a 1,3 bilhões de barris de petróleo, que equivalem a 45% das reservas totais do estado.

As reservas totais de gás natural atingiram, em 2011, 78 bilhões de metros cúbicos, dos quais 44 bilhões, ou 56%, são reservas provadas. Isso coloca o Espírito Santo entre as quatro maiores reservas provadas de gás natural no Brasil, com 9,7% do total.

A produção anual de petróleo no Espírito Santo atingiu em 2011 pouco mais de 317,5 mil barris ao dia, o que equivale a mais de dez vezes a produção de petróleo em 2002, elevando a participação do estado de 1,9% para 15% da produção brasileira de óleo.

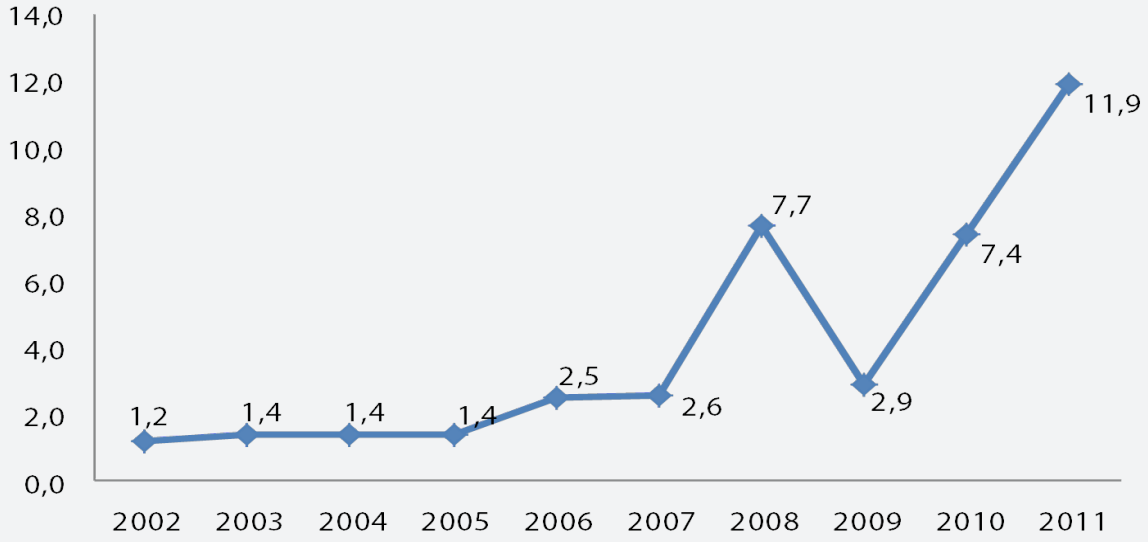
A produção de gás natural em território capixaba também deu um grande salto no período, passando de 1,2 milhões ao dia, em 2002, para 11,9 milhões de metros cúbicos ao dia, em 2011, o que equivale a 18% da produção nacional de gás.

Gráfico 6.3.3 - Produção anual de petróleo, Espírito Santo, 2002/2011 (mil barris/ano)



Fonte: ANP.

Gráfico 6.3.4 - Produção anual de gás natural, Espírito Santo, 2002/2011 (milhões de m³)



Fonte: ANP.

Existe grande expectativa de que as atividades de exploração, extração, transporte e beneficiamento de óleo e gás gerem profundas mudanças na economia capixaba, não apenas pelo impacto direto

que o crescimento do setor terá sobre o PIB estadual, mas também pela possibilidade de irradiação para outras cadeias. Há um vasto conjunto de atividades demandadas por esta indústria, tais como serviços de hotelaria, alimentação, transportes e logística, que serão beneficiados com essa atividade. Além disso, o adensamento do setor petrolífero possibilita o surgimento de novos setores dentro da economia local, como a cadeia petroquímica, de fertilizantes, naval e metalmecânica, de investimentos de alto valor agregado, exigindo tecnologia e mão de obra qualificada.

De acordo com a FUTURA, o PIB estimado para o Espírito Santo no ano de 2030 é de R$ 170.029 milhões. O valor do PIB capixaba vem em ascensão nos últimos anos.

Para estimar esse valor, a empresa usou os seguintes critérios:

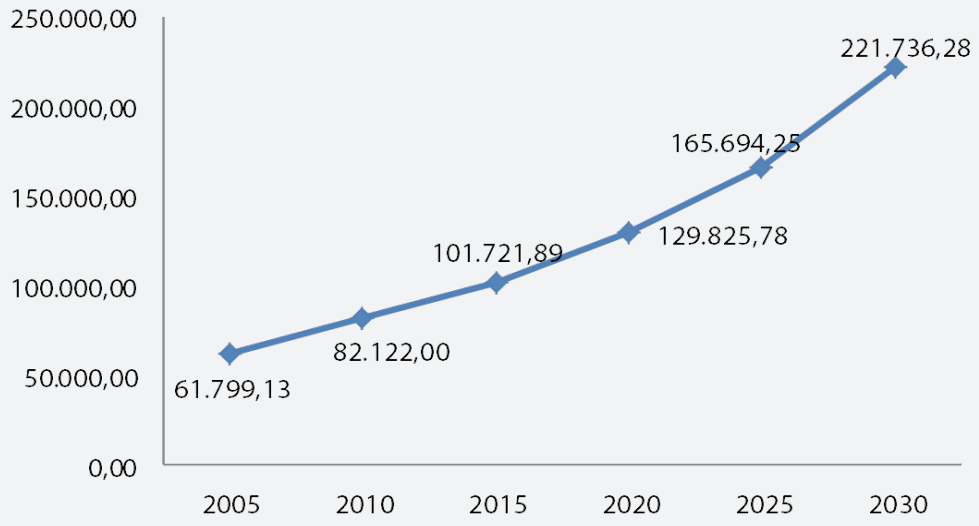
- Coerência e consistência histórica da evolução do PIB nos últimos 40 anos, com a adoção da nova metodologia de cálculo do PIB por parte do IBGE;

- Comparativo com a evolução do PIB nacional, do Sudeste e dos estados que integram a região Sudeste;

- O novo ciclo da economia do Espírito Santo, que integra novos elementos portadores de futuro, expressos no Plano de Desenvolvimento do Estado, o ES 2025.

As taxas de crescimento projetadas refletem, portanto, tendências e desejos, esses últimos embutidos numa clara política governamental de intensificar o crescimento, associando-o ao desenvolvimento sustentável.

Gráfico 6.3.5 - Evolução do PIB, Espírito Santo, (R$ milhões)



Assim como o PIB crescerá nos próximos anos, estima-se que a população e o PIB *per capita* também evoluam.

Tabela 6.3.3 - População e PIB per capita, Espírito Santo e Brasil						
Indicador	**2005**	**2010**	**2015**	**2020**	**2025**	**2030**
População Brasil (milhões)	183,38	193,25	200,88	207,14	212,43	216,41
População ES (milhões)	3,34	3,51	3,66	3,78	3,88	3,95
PIB per capita Brasil	17.697,57	20.868,04	23.912,14	28.898,12	35.116,06	42.956,20
PIB per capita ES	18.493,06	23.363,62	27.792,78	34.370,04	42.741,26	56.075,42
PIB – ES/BR %	4,5	12,0	16,2	18,9	21,7	30,5

Estima-se que o PIB *per capita* capixaba deve ser de R$ 56.075,42, com um crescimento de 140,01% em relação a 2010. Esse valor será superior à média nacional, de R$ 42.956,20.

Igualmente ao que ocorreu no país, o estado também enfrenta grandes problemas estruturais. A deficiência em determinadas áreas, como em educação e infraestrutura logística, torna-se o grande gargalo para a continuidade do seu desenvolvimento.

Sobre o sistema de transportes existentes no Espírito Santo, destaca-se que, assim como no Brasil, o principal modal de transporte é o rodoviário. As rodovias são responsáveis por interligar não só o território capixaba, mas também todos os demais modais de transporte do estado.

Figura 6.3.2 - Mapa multimodal do Espírito Santo

Fonte: Ministério de trasportes.

7 INVESTIMENTOS ANUNCIADOS

7.1 Contextualização

O Espírito Santo atravessa um momento de crescimento inédito em sua história. Tal desenvolvimento atinge uma média superior à brasileira, fazendo com que o Estado ganhe destaque no cenário nacional.

Segundo IJSN (2013), é estimada para o Estado, entre os anos de 2013 e 2017, uma carteira de investimentos anunciados de R$ 113,0 bilhões, públicos e privados, distribuídos nos setores de infraestrutura, indústria, comércio e lazer e outros serviços, distribuídos em 1.395 projetos.

Tabela 7.1.1 - Investimentos previstos, Espírito Santo, 2013 – 2017 (R$ milhões)

Setores	Número de projetos	Partic. (%)	Total de invest. (R$ milhões)	Partic. (%)	Valor médio por projeto (R$ milhões)
Infraestrutura	**334**	**23,9**	**62.387,00**	**55,2**	**186,80**
Energia	76	5,4	41.867,10	37,0	550,90
Terminal portuário/Aero-porto e armazenagem	85	6,1	13.445,20	11,9	158,20
Transporte	173	12,4	7.074,80	6,3	40,90
Indústria	**94**	**6,7**	**33.622,20**	**29,7**	**357,70**
Comércio/Serviços e lazer	**268**	**19,2**	**10.324,40**	**9,1**	**38,50**
Outros serviços	**699**	**50,1**	**6.686,00**	**5,9**	**9,60**
Saneamento/Urbanismo	406	29,1	4,231,70	3,7	10,40
Educação	102	7,3	804,20	0,7	7,90
Meio ambiente	5	0,4	15,10	0,0	3,00
Saúde	107	7,7	1.028,10	0,9	9,60
Segurança pública	79	5,7	607,00	0,5	7,70
Total	**1.395**	**100,0**	**113.019,60**	**100,0**	**81,00**

Fonte: IJSN.

Os investimentos anunciados apresentam um cenário interessante para a inserção competitiva do estado, uma vez que é alto o valor previsto para ser investido na infraestrutura. Mais da metade (55,2%) dos investimentos previstos para os próximos anos se concentra no setor, divididos em 334 projetos.

O setor de energia, onde está presente petróleo e gás, é outro com grande destaque nos investimentos dos próximos anos, trazendo novas oportunidades de diversificação para os diferentes setores da economia capixaba.

7.2 Investimentos privados

De acordo com levantamento realizado pelo Programa de Desenvolvimento de Fornecedores do Espírito Santo (PDF-ES), os investimentos privados a serem realizados no período de 2013-2017 somam mais de R$ 51,34 milhões, divididos entre as regiões da Grande Vitória, Norte e Sul do Espírito Santo.

Tais investimentos distribuem-se ao longo do território estadual e trazem consigo o potencial de dinamização da economia em diversos municípios. Desde modo é possível identificar o surgimento de novos polos regionais de desenvolvimento como Linhares, no Norte do estado, e Presidente Kennedy e Itapemirim, ao Sul. Nesta perspectiva, algumas microrregiões tendem a ter maior participação econômica em relação ao estado.

Mais da metade desses investimentos (53,2%) está concentrado na região Norte do estado. A região Sul participa com 36,9% e a Grande Vitória com 9,9%.

Tabela 7.2.1 - Resumo dos investimentos privados para o Espírito Santo (R$ milhões)

Região	2013	2014	2015	2016	2017	Total	%
Grande Vitória	503,20	420,00	1220,00	1620,00	1320,00	5.083,20	9,9
Norte	4.033,00	5.897,00	6.304,00	6.180,00	4.880,00	27.294,00	53,2
Sul	4.052,70	4.072,40	3.880,00	3.480,00	3.480,00	18.965,10	36,9
Total	**8.588,90**	**10.389,40**	**11.404,00**	**11.280,00**	**9.680,00**	**51.342,30**	**100,0**
%	**16,7**	**20,2**	**22,2**	**22,0**	**18,9**	**100,0**	**-**

Fonte: PDF-ES.

A região metropolitana da Grande Vitória tem sido o principal núcleo dinâmico do estado do Espírito Santo. Isso se deve aos grandes projetos industriais implantados na região nas décadas de 1970/80, representados pelo complexo industrial de Tubarão, incluindo a siderúrgica da ArcelorMittal e as pelotizações da Vale que definiram a trajetória de desenvolvimento do estado e de ocupação do território.

Entretanto, até o final desta década, com a concretização de investimentos em curso e esperados para os próximos anos, é possível que ocorram alterações na participação das regiões no PIB estadual, decorrente dos novos polos de desenvolvimento fora do núcleo metropolitano.

No município de Presidente Kennedy, por exemplo, está previsto o projeto da *Ferrous Ressources* do Brasil, que se caracteriza pela construção de um terminal portuário para atender, numa primeira fase, ao escoamento de minério de ferro. Além disso, a empresa irá construir um mineroduto com 420 km de extensão, para atender as jazidas localizadas em Minas Gerais. O local prevê ainda a disponibilidade de áreas para implantação de outros empreendimentos. Além desse, no mesmo município está para ser implantado o Porto Central. Em parceria com o Porto de Roterdã, referência mundial nesse setor, o Porto Central servirá como um porto indústria e atrairá diversos investimentos e novas empresas para a região.

Ainda no setor portuário, estão previstos dois importantes projetos: porto de águas profundas, na Grande Vitória, ainda sem local definido, e o Portocel II, em Aracruz. Destaque para as bases portuárias de Edson Chouste e Itaoca, em Itapemirim, sul do estado.

Na região Norte destacam-se dois projetos: o Complexo Gás Químico, em Linhares, utilizando gás natural, produzindo ureia (fertilizantes), melamina, ácido fórmico, ácido acético e metanol, devendo atrair diversos outros investimentos para o estado.

O estado tem também o Estaleiro Jurong, em construção no município de Aracruz, que propiciará o fortalecimento do setor metalmecânico no estado, atraindo empresas especializadas para a cadeia de abastecimento.

Considerando o total de investimentos confirmados (em processo de licenciamento ambiental) por setor, verifica-se que 82,5% são destinados para o setor de petróleo e gás, tanto *on-shore* como *off-shore*, incluindo estaleiros, porto e bases portuárias, representando uma grande oportunidade para o futuro do estado.

Devido à falta de cultura industrial no Espírito Santo no setor de petróleo e gás, é necessário o estabelecimento de uma política adequada acompanhada de um plano de trabalho para que as oportunidades sejam aproveitadas, trazendo sustentabilidade ao estado, evitando que ocorram problemas sociais verificados em outras regiões.

Além do petróleo e gás, o setor de mineração e o de infraestrutura correspondem juntos a quase 14,0% do total.

Tabela 7.2.2 - Total de investimentos privados por setor (R$ milhões)

Setor	Investimento	%
Siderurgia	600,00	1,17
Mineração	3.798,30	7,40
P & G on-shore e Naval	21.080,00	41,06
P & G off-shore	21.000,00	40,90
Papel e celulose	592,00	1,15
Infraestrutura	3.350,00	6,52
Indústria em geral	922,00	1,80
Total	**51.342,30**	**100,00**

Fonte: PDF-ES.

A participação das empresas locais nas compras dos grandes empreendimentos industriais vem crescendo anualmente. Com a expansão das atividades do PDF-ES e a grande articulação do programa com as empresas investidoras, as compras desses empreendimentos com as empresas locais na fase de implantação dos projetos, cresceu de 8,5% no período de 1995-1998 para 30,1 no período de 2010-2014. Estima-se que esse número chegue a 35,0% até 2015.

A situação que o estado apresenta atualmente é bem similar com o que ocorreu em Macaé, no Rio de Janeiro, quando se começou a investir no setor de petróleo e gás. No decorrer dos últimos 10

anos a economia da cidade cresceu mais de 600,0%, um crescimento superior até mesmo à China.

Segundo a Prefeitura Municipal de Macaé:

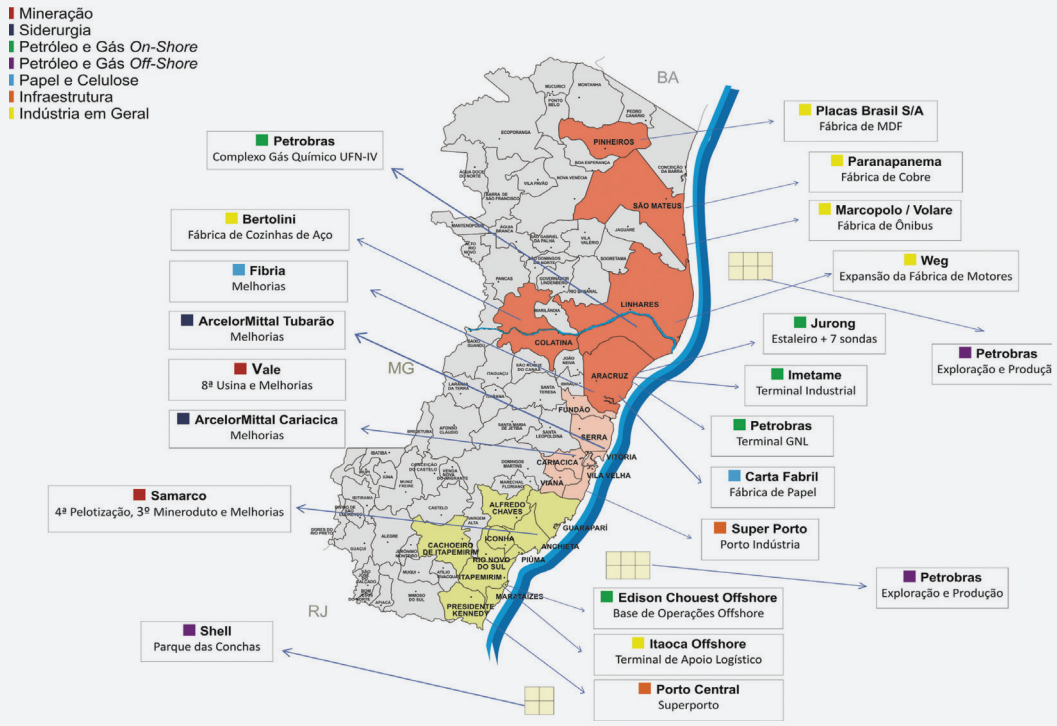
> "O crescimento da indústria do petróleo provocou o aumento populacional, com a chegada de gente de todo o país e do mundo para trabalhar em Macaé. A população triplicou – são 206.748 mil habitantes, de acordo com dados do IBGE, estimativa feita com base no Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Dez por cento da população é de estrangeiros. A Bacia de Campos – onde se localiza Macaé – é responsável por 80% da produção de petróleo e 47% da produção de gás natural do país."

Além disso, o desenvolvimento de Macaé ocorre, de acordo com a pesquisa da Firjan, nas esferas de educação, saúde, trabalho e renda.

A participação na economia de Macaé, no ano de 2006, segundo pareceres da Fundação Cide e do governo do Estado do Rio de Janeiro, foi de 23,3% no setor de petróleo e gás; 16,7%, na indústria de transformação; 5,9% na construção civil e em outros setores econômicos, 3,7%.

Macaé foi considerada a cidade mais dinâmica do Estado do Rio de Janeiro e a segunda do país. Também foi considerada a cidade com maior desenvolvimento municipal do Estado do Rio, sendo uma referência a ser observada na inserção competitiva do estado do Espírito Santo para o aproveitamento das oportunidades decorrentes dos investimentos do setor de petróleo e gás.

Figura 7.2.1 - Investimentos privados previstos por setor e localização



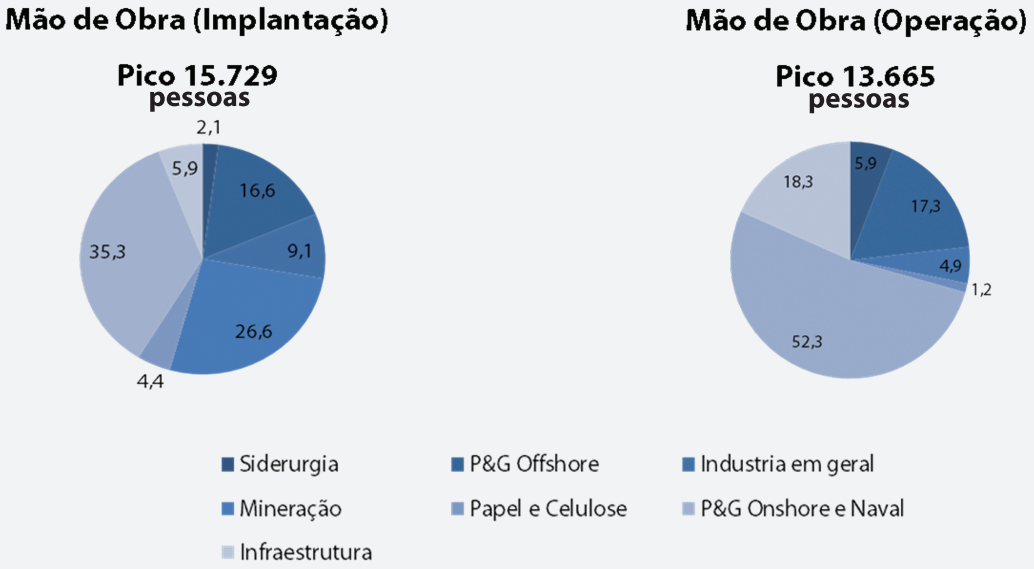
Fonte: PDF-ES.

7.3 Mão de Obra

Em frente aos investimentos cresce a demanda por mão de obra especializada para os empreendimentos. É preciso identificar a geração de empregos nas fases de estudos, implantação e operação desses projetos.

A seguir presentam-se as demandas de mão de obra para as fases de implantação e operação dos investimentos.

Gráfico 7.3.1 - Demanda por mão de obra por fase (%)



Fonte: PDF-ES.

De acordo com o PDF-ES, no período de implantação dos novos empreendimentos serão necessárias mais de 15.000 pessoas trabalhando, que é a média de trabalhadores em projetos de investimento no estado, entretanto com perfil diferente.

Na fase de operação, a oferta de emprego será cerca de 14.000 vagas para trabalhadores, que deverão ter uma formação técnica diferente do pessoal de construção, com foco nos setores de petróleo e gás, naval e portuária, exigindo profissionais com características diferentes, representando oportunidade de bons empregos para a sociedade capixaba. Deve-se destacar que esse número de trabalhadores deve ser multiplicado por 3,5, que é o impacto na cadeia de abastecimento.

No gráfico é possível identificar essa necessidade de mão de obra e os setores que mais demandarão por ela.

Na implantação, o setor de petróleo e gás representa 51,87% de empregos, e mineração fica em segundo lugar, com 26,62%. Quando analisada a fase de operação, petróleo e gás continua sendo o que mais emprega, com 58,17%, entretanto o setor de infraestrutura ganha destaque, empregando 18,29% do total.

Destaca-se que a indústria naval emprega mais pessoas na operação do que na construção, diferente de outras indústrias. Esse setor também atrairá uma série de outros investimentos para o estado, que formarão sua cadeia de abastecimento, devendo esse assunto ser estudado com mais profundidade, aproveitando experiências de outros estados que passaram por esse processo recentemente, como é o caso do estado de Pernambuco.

8 AVALIAÇÃO E CENÁRIO FUTURO

8.1 Contextualização

Para a inserção competitiva do estado é preciso que as cadeias produtivas estejam organizadas e preparadas para a concorrência. Além disso, é pressuposto a busca da justiça social a geração de oportunidades de estudos e trabalho para os cidadãos, objetivando alcançar sua empregabilidade. Isto é, a capacidade de cada um manter-se ocupado, com renda.

Essa noção de empregabilidade é ampla no sentido de alcançar o cidadão em suas facetas de trabalhador e empreendedor, de assalariado a trabalhador por conta própria, inventor e empresário.

Entende-se como competitividade de uma empresa ou grupo de empresas sua capacidade para manter-se ou incrementar sua presença nos mercados ou para abrir novos mercados, de forma sustentável.

Em busca dos seus fatores determinantes, pode-se avaliá-los conforme o grau em que se apresentam como externalidades à empresa:

- **Fatores Empresariais:** grande poder de decisão e controle, como em gestão, inovação, recursos humanos e produção;

- **Fatores Estruturais:** capacidade limitada pela concorrência, como estrutura de mercado, configuração da indústria e regimes de incentivos e regulação da concorrência; e

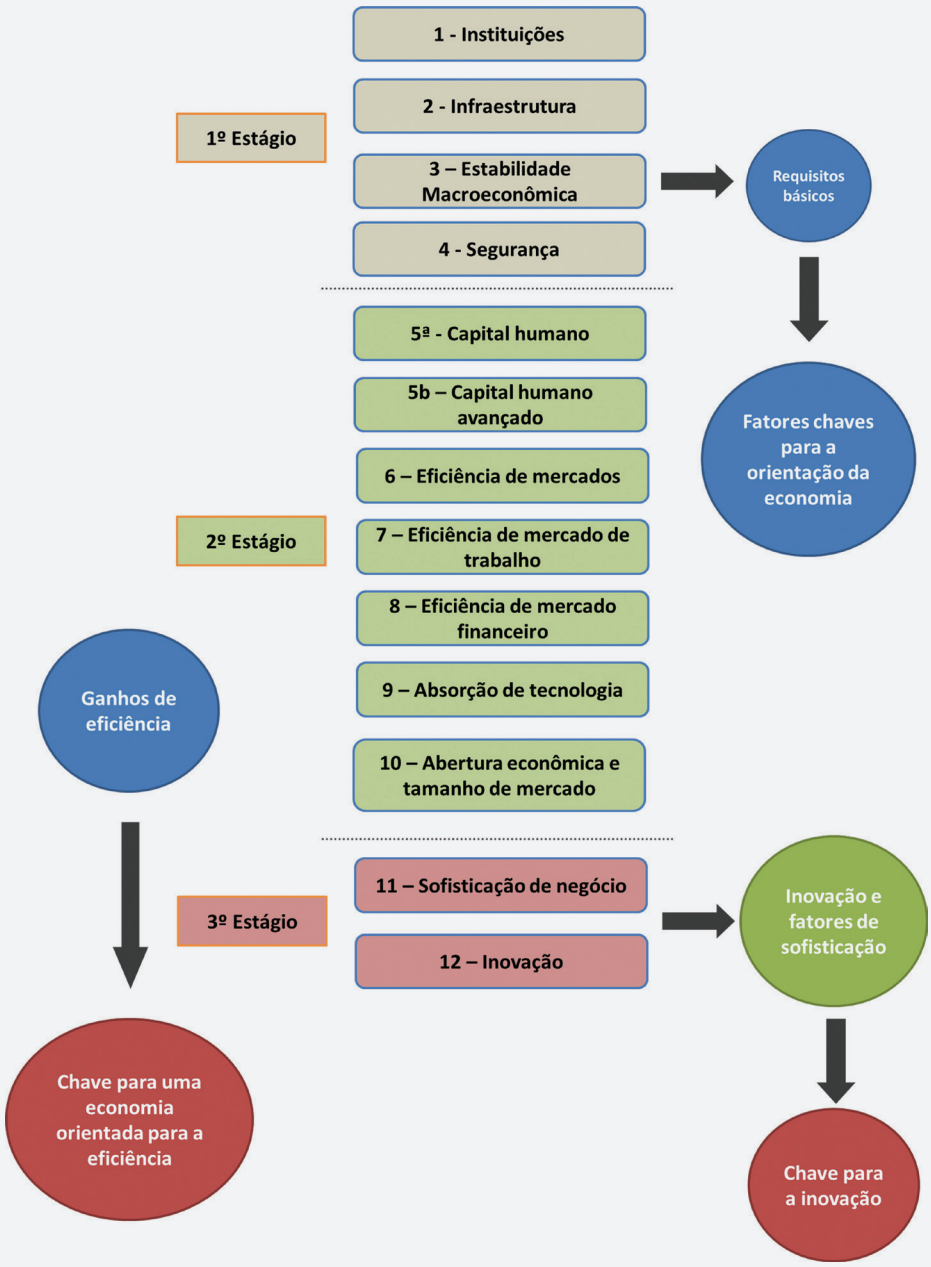
- **Fatores Sistêmicos:** escassa ou nenhuma possibilidade de intervir, como os macroeconômicos, político-institucionais, legais-regulatórios, infraestruturais, sociais e internacionais.

Percebe-se que mesmo os fatores empresariais, como investimento em inovação, encontram limitações em função de fatores sistêmicos sociais, entre eles o que diz respeito ao objeto de nosso estudo, a quantidade e a qualidade das instituições de ensino, educação profissional e pesquisa.

Quando a abordagem parte para o desenvolvimento de regiões, essas visões ganham força, como em estudos recentemente divulgados, como o trabalho realizado pelo Governo do Estado e o Fórum das Entidades e Federações (FEF), intitulado de **''Espírito Santo: educação básica, formação profissional, educação superior, ciência, tecnologia e inovação – Plano Estratégico"**

São doze os fatores-chave para o direcionamento das economias para estágios superiores de competitividade, dividida em três estágios:

Figura 8.1 - Estágios de Desenvolvimento e Fatores-Chave para o Direcionamento da Economia



Fonte: Banco Mundial.

Para o Fórum Econômico Mundial, a competitividade é definida como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país. O nível de produtividade, por sua vez, define o nível de prosperidade que pode ser conquistada por uma economia.

Desde 2005, o **Fórum Econômico Mundial** realiza uma análise de competitividade com base no Índice de **Competitividade Global (GCI)**, uma ferramenta abrangente que mede os fundamentos microeconômicos e macroeconômicos da competitividade nacional.

Para a caminhada rumo à prosperidade, o Fórum está em linha com a teoria dos estágios de desenvolvimento que se divide em:

- **1º estágio**, de requisitos básicos, com ênfase em dotação de fatores e mão de obra não qualificada, cujas expressões são processos simples e produtos baseados em recursos naturais;

- **2º estágio**, o de ganhos de eficiência: processos mais eficientes e produtos com maior valor agregado; e

- **3º estágio,** o da inovação e sofisticação: processos sofisticados e produtos novos e diferentes.

Pode-se concluir que a economia mais competitiva é aquela que é capaz de crescer mais rapidamente ao longo do tempo e percebe-se que, para isso, grande ênfase vem sendo dada a fatores como educação regular, educação profissional e progresso tecnológico.

O Brasil, no último GCI publicado (2011-2012), ficou classificado em uma zona de transição do estágio 2 para o 3, com indicações para ampliar esforços em alguns fatores-chave, como os de saúde e ensino fundamental, ensino médio e educação profissional.

Outro estudo, da **Brain – Brasil Investimentos & Negócios**, apresenta uma abordagem sob o ponto de vista da atratividade e não da competitividade, mas de qualquer maneira fornece subsídios atualizados para a definição de estratégias na área.

Trata-se do estudo **"Atratividade do Brasil como Polo Internacional de Investimentos e Negócios"**, de 2011. O ponto de partida para a tipologia apresentada foi a observação de que todos os grandes centros de negócios de referência contam com traços comuns.

Entenda-se atratividade de um país, pela Brain, como a sua capacidade de atração exercida por seu modelo social, cultural ou por suas características geográficas; por seu dinamismo econômico, diversificação ou estabilidade; ou até por elementos mais específicos, como a presença de um grupo de empresas privadas competentes, um nível mais elevado de inovação e um regime tributário amigável e convidativo ao capital.

O resultado da investigação foi a definição de 7 pilares que constituem a visão Brain dos pré-requisitos fundamentais para a formação e a excelência de um polo atrativo de investimentos e negócios.

Os 7 pilares da atratividade são:

- Ambiente macroeconômico;

- Ambiente institucional;

- Talentos e capital humano;

- Infraestrutura financeira;

- Infraestrutura física;
- Conectividade; e
- Imagem do país.

As dimensões definidas para avaliar o pilar **"Talentos e Capital Humano"** foram:

- Contingente demográfico, que mede a projeção da disponibilidade da população economicamente ativa (PEA) em comparação com a projeção de demanda de trabalhadores em cada país;
- Quantidade do ensino básico;
- Qualidade do ensino básico;
- Quantidade do ensino superior;
- Alinhamento do ensino superior ao mercado;
- Internacionalização de estudos (idiomas e vivência);
- Disponibilidade de gestores e engenheiros de qualidade;
- Atratividade do país para talentos internacionais; e
- Complexidade de imigração de talentos.

Em resumo, de acordo com o estudo, um conjunto de talentos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, um forte alinhamento entre as capacidades acadêmicas e as necessidades do mercado de trabalho, e a possibilidade de se atrair especialistas de fora do país são alguns dos requisitos a serem cumpridos por um postulante a polo internacional.

Essas configurações e informações indicam constatações, inquietudes e tipologias de análise que podem amparar as reflexões e estudos locais para a definição de diretrizes estratégicas que conduzam o nosso estado rumo a estágios mais elevados de desenvolvimento.

Apesar do dinamismo da economia persistentemente crescendo acima da média nacional, o Estado do Espírito Santo apresenta lacunas, a serem preenchidas em sua trajetória para um estágio de desenvolvimento mais avançado.

8.2 Análise estratégica

Para realizar a análise estratégica do Espírito Santo foram definidas as oportunidades e ameaças (ambiente externo) e as forças e fraquezas (ambiente interno).

No ambiente externo estão as oportunidades, que são os aspectos positivos de que o estado não

tem controle, que acaba se tornando um potencial de fazer crescer a vantagem competitiva, e as ameaças, que são os aspectos negativos que têm potencial de comprometer a vantagem competitiva do estado. As forças representam as vantagens que o Espírito Santo possui em relação aos demais estados, e as fraquezas são as desvantagens internas.

Para essa análise foram definidos 5 pontos para cada um dos assuntos (oportunidades, ameaças, forças e fraquezas), em função das oficinas regionais do ES 2030 realizadas nas 10 microrregiões nos meses de maio a julho, com a participação de 1.034 pessoas e 790 projetos, a saber:

- **Oportunidades**
    - Investimento em petróleo e gás;
    - Indústria naval;
    - Turismo;
    - Desenvolvimento tecnológico;
    - Logística.
- **Ameaças**
    - Competitividade internacional;
    - Logística;
    - Crises econômicas internacionais;
    - Tecnologia/conhecimento;
    - Violência.
- **Forças**
    - Localização;
    - Cadeias produtivas existentes;
    - Logística;
    - Ambiente de negócio;
    - Capacidade empresarial.

- **Fraquezas**
    - Mão de obra (engenheiro e técnico);
    - Educação;
    - Tecnologia;
    - Integração regional;
    - Mobilidade urbana.

Nas **oportunidades** estão inseridos os investimentos em petróleo e gás e a indústria naval que fazem parte dos setores promissores e englobam grande parte dos investimentos previstos para o estado nos próximos anos. Para ter uma base, dos investimentos privados mais de 80,0% são para esses setores. O turismo é outra grande oportunidade capixaba, que precisa ser trabalhado para uma melhor promoção, trazendo também uma nova fonte de renda para a economia local. Além desses, o desenvolvimento tecnológico e a logística capixaba (devido à localização do estado) fazem parte desse grupo de oportunidades apresentadas.

Quando analisadas as **ameaças**, a competitividade internacional e as crises econômicas internacionais são um grande problema para o Espírito Santo, uma vez que a economia capixaba é inteiramente ligada à exportação. Além disso, um sistema logístico ineficiente em um estado como o Espírito Santo pode ser fatal para a inserção competitiva tanto nacional, como internacional. Dentro das ameaças ainda estão inseridas a tecnologia/conhecimento e a violência. Esse primeiro está diretamente ligado ao atraso que o estado possui na área de ciência, tecnologia e inovação, já o segundo a onda de crimes que andam aumentando nos últimos anos.

A localização do estado, como dito anteriormente, é uma das principais **forças**. O Espírito Santo possui uma localização privilegiada, com um sistema logístico com saídas ferroviárias, rodoviárias e portuárias. As cadeias produtivas são outra força local, uma vez que possui uma diversidade de produtos, além de um ambiente de negócios favorável a aquisição de novos compradores e a capacidade empresarial capixaba.

Por fim, as **fraquezas** definidas para o Espírito Santo estão basicamente ligadas à educação. Falta mão de obra especializada no estado, principalmente engenheiros e técnicos, como analisado no capítulo de condicionantes. Ainda na educação, os investimentos em tecnologia são baixíssimos, o que atrasa o avanço e a inserção competitiva no mercado nacional e internacional. A integração regional e a mobilidade urbana encerram as fraquezas definidas para o projeto. A primeira porque falta uma maior integração entre região metropolitana e as interioranas, e a segunda pela falta da mobilidade urbana no estado.

Com o cruzamento dos temas foram definidas diretrizes estratégicas visando ao crescimento do estado com sustentabilidade.

8.3 Análise da Indústria capixaba

O Espírito Santo está entrando em um novo ciclo de desenvolvimento. O desenvolvimento do estado começou com a agricultura com foco no café. A partir da década de 70, o estado cresceu baseado nos grandes projetos industriais, com a implantação das Usinas de Pelotização da Vale e Samarco, as fábricas de celulose da Aracruz (atual Fibria) e a siderúrgica da CST (atual ArcelorMittal Tubarão).

É um estado de futuro, com uma economia moderna e visionária. Dentre as Unidades da Federação, o estado capixaba possui uma das economias mais abertas para o setor externo, porém há necessidade imediata de investimentos em infraestrutura, para, além de melhorar o comércio, atrair novos investimentos e diversificar sua atuação.

De acordo com o trabalho *Indústria 2020*, da FINDES, com base nos Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), a indústria é classificada em: Indústrias de Baixa Tecnologia, **Indústrias de Média-Baixa Tecnologia, Indústrias de Média-Alta Tecnologia e Indústrias de Alta Tecnologia**.

Para o Espírito Santo se tornar cada vez mais competitivo é necessário cumprir requisitos básicos e fatores-chave para ganho de eficiência. Além disso, não existe ganho de competitividade sem inovação.

Através da *'Classificação da indústria de transformação por intensidade tecnológica*, conclui-se que o perfil da indústria do Espírito Santo está praticamente explicitado nos quadrantes *Indústrias de Baixa Tecnologia e Indústrias de Média-Baixa Tecnologia*.

Quadro 8.3.1 - Classificação da indústria de transformação por intensidade tecnológica

Indústrias de Alta Tecnologia	Indústrias de Média-Alta Tecnologia
Exemplo: Aeronáutica e aeroespacial Farmacêutica Informática	Exemplo: Máquinas e Equipamentos Elétricos Veículos Automotores, Reboques e Semirreboques Máquinas e Equipamentos Mecânicos
Indústrias de Média-Baixa Tecnologia	**Indústria de Baixa Tecnologia**
Exemplo: Construção e Reparação Naval Carvão, Produtos Refinados de Petróleo Outros Produtos Minerais Não Metálicos	Exemplo: Produtos Manufaturados não explicados anteriormente e reciclados Têxtil, Couro e Calçados

Fonte: FINDES.

É preciso realizar projetos e ações para que esse cenário mude. A economia capixaba e sua indústria têm condições de trabalho para sair do quadrante Indústria de Baixa Tecnologia. O ideal para o estado é estar nos quadrantes Indústrias de Média-Baixa Tecnologia e Indústrias de Média-Alta Tecnologia, podendo a 1ª ser atingida plenamente até 2020 e a 2ª até 2025.

8.4 Cenário futuro

Para traçar um possível cenário de futuro para a economia do Espírito Santo, é necessário analisar as informações levantadas e apresentadas nesse trabalho.

- Os **investimentos anunciados** pelo estado é o fator-chave para o cenário futuro previsto. Estão previstos investimentos principalmente no setor de petróleo e gás capixaba;

- No campo econômico, o mundo reconhece cada vez mais a **ascensão de países emergentes** que vêm elevando o potencial de ocupar um lugar de liderança, dentre eles a China e a Índia;

- O **crescimento populacional da África** provocará uma significativa expansão da demanda global por commodities industriais e energia, principalmente minério de ferro e petróleo, o que impactará diretamente a economia capixaba;

- **As tendências tecnológicas** passam atualmente por um momento de grande ruptura quanto às principais tendências tecnológicas. Esse amplo processo de convergência tecnológica oferecerá ao estado um vasto leque de oportunidades de trabalho e de mecanismos de inserção. Atualmente surgem tecnologias como biotecnologia, nanotecnologia e etc, onde o Espírito Santo pode e deve aprofundar a pesquisa e geração de conhecimento para a sociedade;

- A **globalização** atuará como base do crescimento econômico mundial, modificando o padrão de relação entre as localidades; e

- O aumento da quantidade de pessoas com **conhecimento técnico e com nível educacional alto** será o principal motor do desenvolvimento econômico a se verificar no Espírito Santo.

Com base nessas informações, se levantam cenários para os diferentes setores capixabas, conforme os pontos abaixo:

- **O setor de energia**, importante para o desenvolvimento do estado, que atualmente é importador, apesar de ser o segundo maior produtor de gás natural do país, devem ser pesquisadas novas fontes energéticas e paralelamente trabalhar na eficiência da matriz energética, servindo de referência nacional e mundial. Estima-se para 2030 uma eficiência energética capixaba;

- **O setor de petróleo e gás** é a grande promessa para os próximos anos, devido às recentes descobertas de novos campos de petróleo e gás, mais particularmente em sua plataforma marítima, demonstram que o setor possui elevado potencial de crescimento;

- **O setor da indústria naval** terá um forte crescimento nos próximos anos. O estado tem um dos maiores potenciais de construção naval do Brasil, o que vem atraindo investidores internacionais. Entre os investimentos nesse setor previsto para os próximos

anos estão: Estaleiro Jurong Aracruz, Terminal Portuário de Águas Profundas da Ferrous, Porto de Rotterdam em Presidente Kennedy etc;

• **Nos setores de mineração e siderurgia**, verifica-se que há espaço para novos investimentos no estado. Nos próximos 10 anos, deverá ocorrer a verticalização dos produtos da ArcelorMittal com a implantação de uma laminação a frio, em Tubarão, na Serra-ES, produzindo chapas finas para a indústria branca (geladeira, fogão..) e automobilística. Além disso, o Espírito Santo terá uma pelotização na Samarco;

• **No setor de papel e celulose**, será realizada a expansão de mais uma unidade para produção de celulose na Fibria, em Aracruz, com a diversificação da produção;

• O **turismo capixaba** começa a ganhar destaque no cenário nacional. Prevê um crescimento ascendente desse setor, principalmente no turismo ligado às belezas naturais (incluindo as praias e as montanhas), o turismo de aventura e o turismo ligado a eventos;

• A **agricultura** continua sendo a geração de riqueza em muitos municípios capixaba. Entre os municípios com os maiores percentuais no PIB agrícola, não há presença de nenhum município da região Metropolitana, o que é bom. Mesmo com uma baixa participação na média estadual do PIB, em 23 municípios estaduais, o peso do PIB agropecuário ultrapassa os 30,0%. Esse setor deverá ganhar maior destaque na economia capixaba nos próximos anos, uma vez que a demanda por alimentos tende a crescer;

• O **café** continua e continuará sendo o produto de maior importância na agricultura capixaba, ganhando cada vez mais destaque no cenário nacional e mundial. O estado é o 2º maior produtor de café do Brasil, com cerca de 25,0% da produção nacional. 70,0% do café tipo arábica é exportado, já o conilon é o reverso, 70,0% é destinado ao mercado interno;

• Com o crescimento das economias emergentes e o aumento populacional, a demanda por alimentos crescerá, gerando oportunidade para os **setores mineral e agrícola brasileiros**, ampliando a demanda do **sistema logístico capixaba**, incluindo ferrovias, rodovias e portos. Para tanto é necessário um sistema logístico eficiente com prazos e preços competitivos;

• O setor de **rochas ornamentais** fará um grande redesenho estrutural e os produtos beneficiados de mármore e granito aumentarão o peso do setor na economia brasileira, concorrendo internacionalmente com países como Itália, Japão e China. Além disso, as questões ambientais referentes aos resíduos em mármore e granito terão sido resolvidas;

• Haverá uma forte **atuação da parceria público-privada** na qualificação e requalificação da mão de obra capixaba, em particular nos setores demandantes de grande nível de conhecimento. Essa parceria irá permitir grandes avanços nos setores de logística e infraestrutura;

• A **atração e instalação de empresas de base tecnológica** irão contribuir para a criação de uma plataforma de produção de produtos de alto valor agregado, destinado ao mercado externo e interno. Para isso é necessária a atração de empresas que fazem pesquisa, desenvolvimento e inovação, principalmente através de um apoio articulado público/privado; e

• **A localização do Espírito Santo** facilitará a atração de investimentos de empresas do Sul e Sudeste, para a implantação no estado e aproveitar o crescimento das regiões Centro-Oeste e Nordeste, essa última com o menor PIB per capita do País.

9 DIRETRIZES ESTRATÉGICAS

9.1 Estratégia

O estado do Espírito Santo tem uma localização geográfica estratégica para o comércio externo e interno, entretanto com uma pequena população e pouca extensão territorial. Os dados e informações levantadas e o cenário futuro apresentado remetem às seguintes considerações para o período 2014-2030, visando a um DESENVOLVIMENTO COM SUSTENTABILIDADE:

9.1.1 No que se refere a mercado:

• No aspecto internacional destacam-se:

• O grande aumento populacional do continente africano, propiciando a abertura de um novo mercado para a economia capixaba, decorrente principalmente das distâncias e facilidades portuárias; e

• A necessidade de recuperar os negócios com o mercado americano e manter os negócios com o mercado asiático e europeu.

• No aspecto nacional destacam-se:

• O crescimento da economia das regiões Nordeste (menor PIB *per capita* do Brasil e 2ª maior população) e Centro-Oeste (maior crescimento do PIB nos últimos anos); e

o A necessidade de manutenção dos negócios com os demais estados das regiões Sul e Sudeste.

9.1.2 No que se refere à infraestrutura industrial e social:

• Para atender a conexão com a economia internacional e nacional serão necessários investimentos no aeroporto, portos, ferrovias e rodovias. Se isso não acontecer provavelmente o estado passará por uma estagnação econômica;

• Colocar em prática a melhoria da qualidade do ensino fundamental, médio e profissional, aumentando a carga horário de estudos; e

• Ampliar o número de vagas no ensino médio e, principalmente, técnico.

9.1.3 No que se refere à ciência, tecnologia e inovação:

• Falta investimentos em conhecimento, especialmente no setor de petróleo e gás;

• O estado está enquadrado como *Indústria de Baixa Tecnologia, havendo necessidade de investimentos para que se transforme em Indústria de Média-Baixa Tecnologia" e Indústria de Média-Alta Tecnologia,* objetivando torná-lo competitivo no mercado mundial; e

• O estado tem uma *expertise* reconhecida pelo mercado na prestação de serviço industrial.

9.1.4 No que se refere à economia:

- O estado é atualmente dependente na sua competitividade das *commodities* decorrentes da indústria extrativa e celulose; e

- Os investimentos previstos para os próximos 5 anos, superiores a R$ 50 bilhões, estão concentrados (80,0%), no setores de petróleo e gás e indústria naval.

Esses aspectos mostram que para a inserção competitiva do Espírito Santo, são recomendadas três estratégias:

O DESENVOLVIMENTO DE MERCADO visa atingir os novos mercados propostos, em especial, o Nordeste e o Centro-Oeste no Brasil, e o continente africano no exterior.

O DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO tem por objetivo atender um novo mercado que está se criando no estado, através dos investimentos nos setores de petróleo e gás e indústria naval.

A MANUTENÇÃO E AMPLIAÇÃO DOS MERCADOS CONQUISTADOS procura zelar e continuar com as parcerias dos mercados já conquistados, externos e internos.

Para todas as 3 estratégias propostas é necessário o desenvolvimento tecnológico.

O **desenvolvimento tecnológico** é essencial para o crescimento e qualificação de um determinado local, porque em grande parte dependem da formação de pessoas capacitadas e de investimentos constantes em tecnologia.

Como forma estratégica no desenvolvimento tecnológico também está inserida a INOVAÇÃO, que surge por meio de uma busca consciente e intencional de oportunidades para inovar, sendo fundamental, pois torna um determinado local capaz de gerar riqueza contínua e assim permanecer competitivo no mercado atual.

O Espírito Santo precisa de uma maior atenção e investimentos nessa área, sendo essa uma das estratégias propostas no presente trabalho.

Visando a esse desenvolvimento tecnológico e às três estratégias definidas anteriormente, foram estipuladas ações, conforme listagem abaixo:

- Pesquisar novos mercados, em especial os emergentes;

- Realizar parcerias estratégicas;

- Investir em educação, desenvolvimento tecnológico e inovação;

- Promover o empreendedorismo;

- Buscar a excelência em logística;

- Realizar análise da Indústria capixaba;

- P&D de excelência;

- Criar e manter competências; e

- Desenvolver a criatividade.

Através dessas ações busca-se a elevação da competitividade nas principais cadeias produtivas realizadas pelo estado, como também a geração de emprego, ocupação e renda.

9.2 Diretrizes estratégicas

As diretrizes estratégicas são definidas pela visão de futuro de determinado local. Essa etapa é essencial na implantação da gestão estratégica competitiva, pois permite detectar os sinais de mudança, identificar as oportunidades, planejar de forma sintonizada com os fatores e criar condições para as ações proativas.

O principal objetivo do ES 2030 é melhorar a qualidade de vida da população, ou seja, trabalhar **DESENVOLVIMENTO COM SUSTENTABILIDADE.** Para atingir esse objetivo devem ser estabelecidas as seguintes diretrizes:

- Garantir um ambiente econômico competitivo, atrativo e favorável para aproveitar as oportunidades, em especial, as decorrentes dos investimentos em petróleo e gás e indústria naval;

- Estruturar o arranjo institucional de promoção e desenvolvimento econômico e sua governança, para que o estado tenha competitividade, agilidade e atuação global;

- Adequar a preparação da mão de obra às exigências do mercado;

- Modernizar a logística do estado no que se refere aos 4 modais (rodoviário, portuário, ferroviário e aeroviário);

- Atrair investimentos que aproveitem a diversificação econômica do estado decorrente dos investimentos dos projetos estruturantes implantados e de sua localização (siderurgia, celulose, petróleo e gás, indústria naval etc);

- Melhorar a imagem do estado, para dar sustentabilidade a todas as ações que visem à inserção competitiva do Espírito Santo nas economias nacional e internacional;

- Inserir o estado no cenário nacional e internacional, implantando estratégias de marketing no setor de turismo;

- Fomentar a criação de centros tecnológicos voltados para a inovação, principalmente no setor de energia (novas fontes energéticas);

- Estimular a indústria criativa para a agregação de valor nos produtos através do *design*;

• Intensificar o desenvolvimento das micro e pequenas empresas inovadoras e intensivas em conhecimento;

• Valorizar os produtos e serviços da agricultura familiar, proporcionando segurança alimentar, sustentabilidade e aumento da renda.

10 CONCLUSÃO

A competitividade de um local pode ser dividida em duas. Segundo Carlos Aguiar, Presidente do Conselho da Fibria, a **Competitividade Potencial** é a capacidade de uma localidade produzir determinados bens, igualando ou superando os níveis de eficiência observáveis em outras economias (custos), já a **Capacidade Relativa** é a capacidade de ampliar sua participação na oferta internacional de determinação de produtos (fatia de mercado).

Considerando os pontos analisados, pode-se prever que a economia capixaba estará muito menos dependente das exportações de *commodities*, com alto dinamismo na indústria de transformação e continuará crescendo nos próximos anos, mesmo com os acontecimentos recentes, como as alterações nos *royalties* das operações de petróleo e gás e as mudanças no FUNDAP.

Entretanto, para que ocorra o desenvolvimento do estado, são necessários investimentos em:

- Ciência, tecnologia e inovação;
- Infraestrutura social (educação, saúde, moradia, alimentação e segurança), e
- Infraestrutura industrial (logística, água, energia e comunicação).

Realizando as estratégias e diretrizes propostas, o Espírito Santo conseguirá reverter à tendência concentradora de indústrias apenas em determinadas microrregiões do estado e reduzirá a dependência das *commodities* na sua economia. É importante realizar o desenvolvimento de maneira equilibrada em todas as microrregiões, potencializando as vocações regionais e dinamizando o emprego industrial em todas elas.

Em termos de investimentos, o estado passará por uma situação diferente dos anos anteriores. Implantação de grandes projetos será cada vez mais difícil. É uma tendência mundial aperfeiçoar processos e aproveitar as instalações existentes tornando-as mais eficientes.

Os grandes investimentos que deverão ocorrer no estado estarão voltados, além da exploração de petróleo e gás no mar, para a indústria naval, incluindo estaleiro, porto, bases portuárias e empresas fornecedoras da cadeia de abastecimento, que exigem conhecimento e tecnologia ainda não dominada pelas empresas locais, representando uma excelente oportunidade para diversificação da nossa economia.

As recentes descobertas de novos campos de petróleo e gás demonstram que o setor possui um elevado potencial de crescimento e de investimentos previstos para esses próximos anos. O estado possui campos marítimos e terrestres, com óleos leves, médios, pesados e extrapesados, com gás associado ao óleo e também gás não associado.

Para alcançar essas oportunidades, as empresas e profissionais precisam se capacitar, principalmente o setor metalmecânico, com foco na fabricação de produtos e componentes seriados. As empresas devem investir em inovação, fazer parceria com detentores de tecnologia de outros estados ou países com experiência comprovada.

Para a indústria criativa, que envolve os setores de confecção, calçados, móveis e rochas ornamentais, considerando as condições do estado, é importante o investimento em *design*, usando criatividade

e inteligência, agregando valor ao produto e fazendo os setores serem percebidos como diferentes nos mercados nacional e internacional.

Paralelamente devem-se atrair empresas que possam aproveitar a localização capixaba que favorece o atendimento aos mercados do Nordeste e Centro-Oeste brasileiro que estão crescendo acima da média nacional, e ao mercado externo.

É preciso adensar as cadeias produtivas e diversificar a economia, destacando-se:

Cadeia produtiva do setor minerometalúrgico:

- Unidade de galvanização e
- Outras oportunidades (ferro esponja briquetado).

Cadeia produtiva do setor florestal-celulose:

- Papel e papelão e
- Artefatos de madeira.

Cadeia produtiva de petróleo e gás:

- Bombas/válvulas/compressores/queimadores;
- Motores de combustão/ elétricos/fornos aquecedores;
- Reatores/geradores/turbinas/trocadores de calor;
- Árvore de natal seca/árvore de natal molhada;
- Torres/chapas de aço/guindastes/guinchos;
- Cabeças de poço/cabeça de poço terrestre;
- Tubos/conexões/flanges;
- Separadores de água e óleo/filtros/*manifolds;*
- Tubos umbilicais/tubos de revestimento e produção; e
- Dutos flexíveis/hastes/unidades de bombeio.

Indústria Naval:

- Construção, inclusive, para as *FPSO (Floating Production Storage and Offloading);* e

- Reparação Naval.

Atração de empresas do Sul-Sudeste:

- Máquinas e equipamentos;
- Material de transportes;
- Eletroeletrônica;
- Metalurgia; e
- Veículos, peças e componentes automotivos.

Fluxo de importações pelos portos capixabas (principais grupos de mercadorias):

- Máquinas, aparelhos, material elétrico;
- Veículos automotivos;
- Produtos minerais (hulha e outros);
- Metais (fio de cobre, laminados de aço);
- Plástico e borracha (pneus e outros);
- Cereais (malte, trigo);
- Leite e laticínios;
- Bebidas e líquidos alcoólicos;
- Veículos e materiais para vias férreas;
- Materiais têxteis;
- Produtos químicos (ureia, cloreto de potássio, sulfato de amônio);
- Materiais de Construção (revestimentos e pisos); e
- Aeronaves.

Fomento às empresas de base tecnológica:

- Energias alternativas (solar e eólica);
- Biotecnologia;

- Tecnologia da informação e comunicações; e

- Microeletrônica.

É importante promover discussões para que se encontrem soluções para o estado. Os melhores exemplos para o Espírito Santo vêm de países como a Coreia do Sul, Singapura, Noruega e Japão, pequenos e sem recursos naturais, que fizeram do conhecimento e da inovação valores que os tornaram referência na economia mundial.

Resumindo, o Espírito Santo é um estado de pequena população e território, que deve aproveitar sua facilidade para interação com o comércio interno e externo, através de sua logística. Além disso, é reconhecido como um estado excelente em prestação de serviço, cabendo investir em conhecimento. São necessários investimentos em educação, ciência, tecnologia e inovação.

11 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS (ANP). **Relatório Anual**. 2012.

ALVARENGA, Darlan. **Incertezas travam investimentos e freiam PIB, dizem analistas.** Disponível em: < http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/incertezas-travam-investimentos-e-freiam-pib-dizem-analistas.html>. Acesso em: 14 jul. 2013.

ANP – AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS. **Anuário estatístico brasileiro do petróleo, gás natural e bio combustíveis.** Disponível em: <http://www.anp.gov.br/>. Acesso em 10 dez. 2012.

BANCO MUNDIAL. **Indicadores**. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicator?display=default>. Acesso em 01 nov. 2012.

BNDES. **Análise do mapeamento e das políticas para Arranjos Produtivos Locais no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil:** caracterização, análise e sugestões para adensamento das Políticas de Apoio a APLs implementados - O caso do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/pesquisa/Caracterizacao_ES.pdf>. Acesso em: 27 set. 2012.

BRASIL INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS – BRAIN. **Atratividade do Brasil como Polo Internacional de Investimentos e Negócios.** Disponível em: < http://www.brainbrasil.org.br/relatorios-brain/lan/br/id/7a5ea7243a4d3459b8d02adb9e351ec6>. Acesso em: 19 set. 2012.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. **Informações sobre Café no Espírito Santo.** Disponível em: < http://www.conab.gov.br/conabweb/download/sureg/es/bkp_Especial%20Caf%E9%20abr%2004.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE – CNT. **Pesquisa CNT de Rodovias 2012.** Disponível em: <htpp://pesquisarodovias.cnt.org.br/Relatorios/2012/RelatorioGeral2012_AltaResolucao.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

DVF CONSULTORIA . **Espírito Santo: educação básica, formação profissional, educação superior, ciência, tecnologia e inovação:** Plano Estratégico. 2012

DVF CONSULTORIA. ES – **Investimentos 2011 – 2015.** Ano 2011. Vitória: DFV Consultoria, 2011.

DVF CONSULTORIA. **Estratégias para o Desenvolvimento de Oportunidades de Negócios e Empregos:** Relatório. 2011.

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO. **Arranjos Produtivos: Alimentos e Bebidas.** Disponível em: <http://www.es-acao.org.br/index.php?id=/arranjos_produtivos/alimentos_e_bebidas/index.php>. Acesso em: 02 ago. 2013.

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO. **Arranjos Produtivos: Logística.** Disponível em: < http://www.es-acao.org.br/index.php?id=/arranjos_produtivos/logistica/index.php>. Acesso em: 02 ago. 2013.

EXAME. **Indústria traça metas estratégicas para os próximos 10 anos.** 2013. Disponível em: < http://exame.abril.com.br/economia/noticias/industria-traca-metas-estrategicas-para-proximos-10-anos>. Acesso em: 20 jun. 2013.

EXAME. **Os gastos do Brasil com educação em relação ao mundo.** Disponível em: < http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/os-gastos-do-brasil-com-educacao-em-relacao-ao-mundo>. Acesso em: 20 jun. 2013.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESPÍRITO SANTO - FINDES. **Indústria 2020:** Relatório. 2011.

IBGE ESTADOS. **IBGE Estados.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=es>. Acesso em: 10 jun. 2013.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores>. Acesso em: 25 jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção Agrícola Municipal – PAM: 1995 – 2009**. Disponível em: <htpp//:www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ppm/default.asp?o=23&i=P>. Acesso em: 15 ago. 2011.

INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISA, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EDUCAÇÃO RURAL – INCAPER. **Incaper em Revista: Desenvolvimento da Fruticultura.** Disponível em: <http://incaper.web407.uni5.net/revista.php?idcap=978>. Acesso em: 02 ago. 2013.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN. **Conjuntura**. Disponível em: < http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=56&Itemid=256 >. Acesso em: 19 de jun. de 2013.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/>. Acesso em 10 dez. 2012.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN. **Espírito Santo em Mapas.** Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=109>. Acesso em: 19 de jun. de 2013.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR MANAGEMENT DEVELOPMENT – IMD. **World Competitiveness Center (WCC)**. Disponível em: <http://www.imd.org/wcc/>. Acesso em: 23 jul. 2013.

IPEADATA. **Dados Regionais.** Disponível em: < http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 13 jul. 2013.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **Estatísticas de Comércio Exterior - Depla.** Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>. Acesso em 10 dez. 2012.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. **Plano Nacional de Logística e Transportes - PNLT**. 2012. Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/conteudo/36391>. Acesso em 10 dez. 2012.

MOVIMENTO BRASIL COMPETITIVO - **MBC. Índice de Competitividade Estadual: Fatores ICE-F.** 2006. Disponível em: < http://www.fee.tche.br/sitefee/download/destaques/ice.pdf>. Acesso em: 19 set. 2013

NOSSA, Leandro. **PIB estimado do ES cresce mais que o triplo do Brasil em 2011, diz IJSN.** Disponível em: <http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/05/pib-estimado-do-es-cresce-mais-que-o-triplo-do-brasil-diz-ijsn.html>. Acesso em: 14 out. 2012.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OECD.
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **A ONU e a População Mundial.** Disponível em: < http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-a-populacao-mundial/>. Acesso em: 27 jul. 2013

PDF. Disponível em: < http://www.pdf-es.com.br/index.php>. Acesso em: 13 ago. 2012.

PELTES – Plano Estratégico de Logística e Transportes do Espírito Santo. Vitória, 2008

PESSOA, I.F. **Arranjo Produtivo de Redes em Jaguaruana como Apoio para o desenvolvimento local.** 2003. Trabalho de Graduação (Graduação em Economia) - Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2003.

PREFEITURA DE MACAÉ. Disponível em: < http://www.macae.rj.gov.br/>. Acesso em: 13 jun. 2013.

RAIS. Disponível em: < http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>. Acesso em: 02 set. 2012.

SEBRAE. **Cadeia Produtiva Moveleira.** Disponível em: < http://www.sebrae.com.br/setor/construcao-civil/o-setor/cadeia-produtiva>. Acesso em: 01 ago. 2013.

SECEX. **Secretaria do Comércio Exterior**. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=1&menu=3362&refr=1695>. Disponível em: 09 out. 2012.

SECRETARIA DO ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA – SEAG. **Novo Pedeag.** 2007. Disponível em: www.seag.es.gov.br/pedeag/index.html>. Acesso em: 13 jul. 2011.

SEDES. Disponível em: <http://www.sedes.es.gov.br/index.php/arranjos-produtivos-locais/apls-trabalhados>. Acesso em: 21 out. 2012.

SEDES. **Portos.** Disponível em: < http://www.sedes.es.gov.br/index.php/infraestrutura/portos>. Acesso em: 03 jul. 2013.

SINDIMOL. **AFEMOL – Associação Feminina do Sindimol**. 2012. Disponível em: <http://www.sindimol.com.br/afemol/>. Acesso em 21 nov. 2012.

U.S. ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). **World Energy Outlook.** 2012.

ES 2030

CONSELHO DO ES 2030

Renato Casagrande
Governador do Estado do Espírito Santo

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

José Luiz Marcusso
Gerente-Geral da Unidade de Negócios da Petrobras no Espírito Santo

FÓRUM DE ENTIDADES E FEDERAÇÕES DO ESPÍRITO SANTO

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

Marcos Guerra
Presidente da Findes

José Lino Sepulcri
Presidente da Fecomércio

Júlio da Silva Rocha Junior
Presidente da Faes – Coordenador do FEF em 2013

José Antonio Fiorot
Presidente da Fetransportes

EQUIPE DO ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

Leonardo José Toscano Conde
Gerente de Projetos

Gisele de Araújo Chagas
Gerente Administrativo Financeiro

Wanessa Medeiros
Gerente de Comunicação

Ana Paula Lamas dos Santos
Analista Financeiro

Gustavo Oliveira de Muner
Analista de Projeto

Sara Couto Cardoso
Analista Administrativo

Nathalia Gomes Chaves
Analista de Comunicação

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO GERAL

Robson Leite Nascimento
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Guilherme Henrique Pereira
Presidente do Bandes

Alexandre Nunes Theodoro
Coordenador do Projeto ES2030 – Espírito Santo em Ação

Guido Bassoli
Gerente de Planejamento da Petrobras no Espírito Santo

COORDENAÇÃO OPERACIONAL

José Edil Benedito
Diretor-Presidente do Instituto Jones dos Santos Neves

Luciano Gollner de Oliveira
Secretário Executivo do Espírito Santo em Ação

Durval Vieira de Freitas
Consultoria

Orlando Caliman
Consultoria

Marcelis Coelho Marques Pereira
Consultoria

EQUIPE DE GOVERNO

Secretaria de Estado de Economia e Planejamento

Robson Leite Nascimento
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Joseane de Fátima Geraldo Zoghbi
Subsecretária de Planejamento e Projetos

Raphael Marques
Assessoria de Comunicação

Instituto Jones dos Santos Neves

José Edil Benedito
Diretor-Presidente

Pablo Silva Lira
Diretor de Estudos e Pesquisas

Larissa Souza Linhalis
Assessoria de Comunicação

ES 2030

Antonio Ricardo Freislebem da Rocha
Edna Morais Tresinari
Gustavo Ribeiro
Isabella Muniz Barbosa
Latussa Laranja Monteiro
Letícia Maria Gonçalves Furtado
Luiza Leonardi Bricalli
Marlon Neves Bertolani
Pablo Medeiros Jabôr
Silvia Buzzone de Souza Varejão
Thiago de Carvalho Guadalupe
Victor Nunes Toscano
Equipe Técnica

Superintendência Estadual de Comunicação Social

Flávia Mignoni
Superintendente Estadual de Comunicação Social

Kenia Amaral
Superintendente Adjunta de Comunicação Social

Márcio Lobato
Gerente de *Marketing*

Renata Belmiro
Rhuana Ribeiro
Assessoria

EQUIPE DA CONSULTORIA

Líder de Projeto
Angela Maria Morandi

Coordenação de Projeto
Marcelis Coelho Marques Pereira

Consultores do Projeto
Alexandre Alden Fontana
Jayro Márcio Fiares Távora
Jonas Renato Lugon Júnior
Leandro de Souza Lino
Leonardo Carneiro
Lilian Gazzoli Zanotelli
Lucas Moreira Minete
Marcos Aloízio França
Marcos Vinícius Tabachi
Michele Cabral Sant'Ana
Ricardo Savacini Pandolfi
Thiago Duarte Matias

Apoio Técnico
Ediane Litg Kuster
Gabriel Barcellos Crevelin
Maxmiller Carvalho Pereira dos Santos
Paulo Mendes

Fotografia
Tadeu Bianconi

Design Gráfico e Ilustrações
Gabriel Borém Machado
Marcela Gasparini Rebello

Assessoria de comunicação
Suzana Tatagiba

Revisão
Aline Faé Stocco
Artelírio Bolsanello
Orlando Eller

ES 2030

Especialistas

Adolfo Brás Sunderhus
Alexandre Alden Fontana
Alfredo Renault
Ana Paula Sampaio
Andrezza Rosalém
Angela Maria Morandi
Antônio Evaristo Lanzana
Antônio Sérgio Ferreira Mendonça
Aurélia Hermínia Castiglioni
Benoni Antônio Santos
Cesar Pereira Teixeira
Danielle Nascimento
Durval Viera de Freitas
Edson Erial
Erivelto Pires Martins
Fabiana Gomes Ruas
Fabricio Augusto de Oliveira
Francisco Dias da Silva
Geraldo Correa Queiroz
Gustavo Debortoli
Gutemberg Hespanha Brasil
Jayro Márcio Fiares Távora
João Anselmo Molino
João Gualberto M. Vasconcellos
José Braz Venturim
José Edil Benedito
José Nivaldo Campos Vieira
Leandro de Souza Lino
Leonardo Nunes
Luciana Zamprogne
Luciano Rodrigues de Oliveira
Luiz Paulo Vellozo Lucas
Luiza Maria de Castro Augusto Alvarenga
Marcelis Coelho Marques Pereira
Márcio Adonis Miranda Rocha
Maxwel Assis de Souza
Miguel Ângelo Aguiar
Nélio R. Borges
Orlando Caliman
Pablo Lira
Paulo Ruy Valim Carnelli
Pierângeli Cristina Marim Aoki
Rachel Quandt Dias
Renata Morandi
Rogério Queiroz
Samuel Franco
Simone Vermeuln Cardoso
Solange Maria Loss Corradi
Valdir Antonio Uliana
Vanessa Alves Justino Borges

ESPÍRITO SANTO 2030

Vitória, ES 2013.

FÓRUM DE ENTIDADES E FEDERAÇÕES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO
CRESCER É COM A GENTE

BR PETROBRAS